

E.
J.
Rosa

1205

2

Platino ao Sr.
Conde de Magalhães
L.

Conto Magd

3 - 8 93

e. m. s.

CONTOS AMAZONICOS



DO MESMO AUTOR

O MISSIONARIO

(ROMANCE)

A' VENDA NA LIVRARIA LAEMMERT

RIO DE JANEIRO

Preço 4\$000



H. INGLEZ DE SOUZA

Contos Amazonicos

Voluntario—A Felticeira
—Amor de Maria—Acauan—O Donativo
do capitão Silvestre—O Gado do
Valha-me-Deus—
O balle do Judeu—A quadrilha de Jacob
Patacho — O Rebelde.

— DC —

4127
RIO DE JANEIRO
Laemmert & C.—Editores

—
1893

869.9341
L 109 65

To Sr. Dr. Sylvio Romero

THE END OF THE WORLD

... O arroio que serpeia entre pedrinhas
pela relva macia,
bordada em torno sinuosamente,
que póde elle levar
em sua doce e trepida corrente ?
— Alguma folha de silvestre rosa
que ingenua divagando,
pastorinha formosa
lhe foi acaso á margem desfolhando.

GARRETT.

Impresso na Comp. Typographica do Brazil, r. Invalidos, 93.



VOLUNTARIO



VOLUME 1



velha tapuya Rosa já não podia cuidar da pequena lavoura que lhe deixara o marido. Vivia só com o filho, que passava os dias na pesca do pirarucú e, do peixe-boi, vendido no porto de Alemquer e de que tiravam ambos o sustento, pois o cacáu mal chegava para a roupa e para o tabaco. Apesar da pobreza rustica da casa, com as suas portas de japá e as paredes de sopapo, com o chão de terra batida, cavada pela acção do temp, tinha a tapuya em alguma conta o a-seio. Trazia o terceiro bem varrido e o porto livre das canaranas que a corrente do rio vinha alli depositando. E se os tipitis, as cuiambucas e todos os utensis caseiros andavam sempre lavados com cuidado, as rêdes de dormir pareciam ter sahido do tear, de brancas e

novas que sempre se encontravam. Rosa tecia rêdes, e os productos da sua pequena industria gozavam de bôa fama nos arredores. A reputação da tapuya crêscera com a feitura d'uma maqueira de tucúm ornamentada com a corôa brasileira, obra de ingenuo gosto, que lhe valêra a admiração de toda a comarca, e provocara a inveja da celebre Anna Raymunda, de Obidos, a qual chegara a formar uma fortunazinha com aquella especialidade, quando a industria norte americana reduzira á inactividade os teares rotineiros do Amazonas. Anna Raymunda seria uma cousa nunca vista no fabrico de rêdes de apparatus, mas não lhe receiava Rosa a competencia na tecedura do algodão e do tucúm, talento de que tinha quasi tanto orgulho, como de haver parido o mais fallado pescadôr d'aquella redondeza.

Pedro era em 1865 um rapagão de dezenove annos, desempennado e forte. Tinha olhos pequenos, taes quaes os do pai, com a differença de que eram vivos, e d'uma negrura de pasmar. A face era côr de cobre, as feições achatadas e grossas, de caboclo legitimo, mas com um

cunho de bondade e de candura, que attrahia o coração de quantos lhe punham a vista em cima. Demais, serviçal e alegre até alli. Os viajantes, tocando no porto do sitio da velha Rosa, seguindo para Alemquer ou de lá voltando, ficavam captivos da doçura e da affabilidade com que se offerecia o rapaz para os acompanhar á villa, ou dava conselhos praticos sobre a viagem e os pousos.

Quanto á generosidade, basta dizer que jamais lhe succedia harpoar um pirarucú sem presentear com a ventrecha aos vizinhos pobres, e se n'um bello dia lhe cahia a sorte de matar um peixe-boi no lago, havia festa em casa. Todos os conhecidos recebiam um naco da carne do saboroso mamífero, bebiam um trago da caxacinha da velha, e voltavam para o seu sitio, proclamando com a lingua grossa e pesada a felicidade da tia Rosa, que tinha um filho tão amigo dos pobres. Era o mais dextro pescador do igarapé de Alemquer. Nenhum conhecia melhor do que elle as manhas do pirarucú e da tartaruga, nenhum governava melhor a leve montaria, nem mandava a maior altura a

grande flecha empennada, que, revolvendo em vertiginosa queda, vinha fregar certa o casco dos ardilosos batracios. Para o Pedro da velha Rosa, todo o mez era de piracema. Que se queixassem os outros da avareza da estação. Elle, voltava sempre para a casa com algum pescado, ao menos uma cambada de arauanans ou de tucunarés de caniço. Era um pescador feliz, o diacho do rapaz, e a velha Rosa devia viver muito contente !

E vivia.

A tapuya passava de ordinario os dias sentada num banquinho deante do tear, trabalhando nas suas queridas rêdes, que lhe pareciam superiores ás dos Estados-Unidos, com cuja concurrencia victoriosa luctava de balde a rotineira industria ; e fumando tabaco de Santarém num comprido cachimbo de taquary, com cabeça de barro queimado. Quando cahia a tarde, depois de ter comido a sua lasca de pirarucú assado ou a gorda posta do fresco tambaquy, com pirão de farinha d'agua, molho de sal, pimenta e limão, ia sentar-se á soleira da porta, d'onde contemplava o magnifico espectaculo do pôr do sol entre

os aningáes da margem do rio, e ouvia o canto da cigarra, chorando saudades da ephemera existencia, que a tananam occulta, em doce estribilho, consolava.

E' naturalmente melancolica a gente da beira do rio. Face á face toda a vida com a natureza grandiosa e solemne, mas monotona e triste do Amazonas, isolada e distante da agitação social, concentra-se a alma n'um apathico recolhimento, que se traduz externamente pela tristeza do semblante e pela gravidade do gesto.

O caboclo não ri, sorri apenas; e a sua natureza contemplativa revela-se no olhar fixo e vago em que se leem os devancios intimos, nascidos da sujeição da intelligencia ao mundo objectivo, e d'elle assoberbada. Os seus pensamentos não se manifestam em palavras por lhes faltar, a esses pobres tapuyos, a expressão communicativa, atrophiada pelo silencio forçado da solidão.

Haveis de ter encontrado, beirando o rio, em viagem pelos sitios, o dono da casa sentado no terreiro a olhar fixamente para as aguas da correnteza, para um bemtevi que canta na lorangeira, para as nuvens brancas do céu, levando horas e horas

esquecido de tudo, immovel e mudo n'uma especie de extase. Em que pensará o pobre tapuyo? No encanto mysterioso da mãe d'agua, cuja seductora voz lhe parece estar ouvindo no murmuro da corrente? No curupira que vagabundêa nas mattas, fatal e esquivo, com o olhar ardente cheio de promessas e de ameaças? No diabolico sacyçaperê, cujo as-ovio sardonico dá ao corpo o calefrio das sezões? Em que pensa? Na vida? E' talvez um sonho, talvez nada. E' uma contemplação pura.

D'essa melancolia continua dão mostra principalmente as mulheres, por causa da vida que levam. Os homens sempre andam, veem uma ou outra vez gente e cousas novas. As mulheres passam toda a vida no sitio, no mais completo isolamento. Assim a tapuya Rosa, que de nada se podia queixar, com a vida material segura, suprema ambição do caboclo, foi sempre dada a tristezas; a fronte alta e calma, os olhos pequenos e negros e a bocca séria tinham uma expressão de melancolia que impressionava á primeira vista. Teria a natureza estampado naquelle rosto o presentimento de futuras desgraças, ou a mesquinhez

da alma humana ante a magestade do rio e da floresta a predispunha a não offerer resistencia aos embates da adversidade? Era a saudade do esposo morto ou o receio vago dos fracços deante dos arcanos do futuro?

Ninguem o podia dizer, mas é certo que até o principio do anno de 1865 correram tranquilllos os dias no cacaual da velha Rosa.

Quem não sabe o effeito produzido á beira do rio pela noticia da declaração da guerra entre o Brazil e o Paraguay?

Nas classes mais favorecidas da fortuna, nas cidades principalmente, o enthusiasmo foi grande e duradouro. Mas entre o povo miudo o medo do recrutamento para voluntario da patria foi tão intenso que muitos tapuyos se metteram pelas mattas e pelas cabeceiras dos rios, e alli viveram como animaes bravios sujeitos a toda a especie de privações. Fallava-se de Francisco Solano Lopez nos serões do interior da provincia como d'um monstro devorador de carne humana, d'um tigre incapaz de um sentimento humanitario. A ignorancia dos nossos

rusticos patricios, aggravada pelas fabulas ridiculas editadas pela imprensa officiosa, dando ao nosso governo o papel de *libertador do Paraguay* (embora contra a vontade do libertando o libertasse a tiro) não podia reconhecer no dictador o que realmente era: uma coragem de heróe, uma vontade forte, uma intelligencia superior ao serviço d'uma ambição retrograda. Os jovens tapuyos tremiam só de ouvir-lhe o nome; as mãis e as esposas faziam promessas sobre promessas a todos os santos do calendario, pedindo que lhes livrassem os queridos filhos e os maridos das malhas da rêde recrutadora.

Cousa terrivel que era então o recrutamento!

Esse meio violento de preencher os quadros do exercito era ao tempo da guerra posto em pratica com barbaridade e tyrannia, indignas d'um povo que pretende fóros de civilisado.

Supplicios tremendos eram infligidos aos que, fugindo a uma obrigação não comprehendida, ousavam preferir a paz do trabalho e o socego do lar á ventura de se deixarem cortar em postas na defesa

das estancias rio-grandenses e das aldeolas de Matto-Grosso. Narravam diariamente os periodicos casos espantosos, reclamações energicas contra o arbitrio das autoridades locais, mas o governo a tudo cerrava os ouvidos, por necessitar de fornecer victimas ás dysenterias do Passo da Patria e carne brasileira aos canhões vorazes de Humaytá. Foi então que se mostrou em toda a sua hediondez a tyrannia dos mandões de aldeia. Os graúdos não perderam a occasião de satisfazer odios e caprichos, opprimindo os adversarios politicos que não sabiam procurar, ao serviço de abastados e poderosos fazendeiros, protecção e amparo contra o recrutamento, á custa do sacrificio da propria liberdade e da honra das mulheres, das filhas e das irmãs. Sim. Não pretendo carregar os tons sombrios do quadro da miseria do proletario brasileiro n'aquelles tempos calamitosos, em que o pobre só se julgava a salvo do despotismo, quando nas mãos do senhor do engenho, do fazendeiro, do commandante do batalhão da guarda-nacional abdicava a sua independencia, pela sujeição a trabalho forçado

mal ou nada remunerado: a sua dignidade pela resignação aos castigos corporaes e aos máos tratos; e a honra da familia pela obrigada complacencia com a violação das mulheres. Em Alemquer, por exemplo, o capitão Fabricio, nomeado recrutador, alardeando serviços ao partido de cima, praticou as maiores atrocidades, tendo por unica lei o seu capricho. De toda a parte se levantavam clamores contra o rico e perverso fazendeiro do igapapé, mas conscio do apoio dos chefes do seu grupo politico, continuava Fabricio, obrando as maiores atrocidades, que constituiram a sua vida até que o filho do Anselmo Marques, com um salutar tiro de espingarda, poz-lhe termo á ominosa existencia.

Descuidado e contente Pedro labutava em paz, apezar das desgraças do tempo, ouvidas aos domingos, depois da missa, no adro da matriz. E quando lhe perguntavam se não receava o recrutamento, dizia com a candura habitual, que nunca fizera mal a ninguem, e era filho unico de mulher viuva. Não contava, porém, com a má vontade de Manoel de Andrade, mulato

que era seu rival na pesca das tartarugas. Manoel era a alma damnada do capitão Fabricio, em cuja fazenda vivia como aggregado. Toda a gente o accusava de desapiedado executor das maldades do fazendeiro. Era tido como homem sem escrupulos, que matava por prazer. E as proezas pacificas do filho da velha Rosa enchiam-lhe o coração de inveja.

Numa tarde de Dezembro de 1865 ou de Janeiro do anno seguinte (já não me recordo bem da data), Pedro, ao voltar da pesca, passando pelo porto da fazenda, notara um movimento desusado, e, observando, pensara ter visto o Manoel de Andrade e dous ou tres soldados, de farda e bayoneta, entidades não vulgares n'aquellas paragens. Sem saber explicar o extranho caso, continuara a remar, e em breve aportara ao sitio, e puxando a canôa para terra, fôra dar parte da pescaria á mãe, sem lhe fallar do que vira na casa do visinho.

Na manhã do dia seguinte, entretinha-se o rapaz a fazer uma cerca de varas no terreiro, quando lhe apparecera pelo cacaual o velho Ignacio Mendes, visinho e amigo, o

mesmo que morreu o anno passado atogado no Inhamundá, tentando salvar o filho, attrahido pela mãe d'agua. Como o assumpto de todas as conversas da beira do rio era a guerra, fallou-se do recrutamento.

Ignacio dizia-se portador de noticias frescas. O capitão Fabricio, nomeado recrutador em todo o termo de Alemquer, recebera ordem terminante do presidente da provincia para mandar pelo primeiro vapor um contingente de voluntarios, custasse o que custasse. Essa ordem, transmittida pelo delegado de policia de Santarem, fôra trazida a toda pressa pelo sargento Moura, acompanhado de cinco guardas nacionaes que aquella autoridade puzera á disposição do recrutador, promettendo enviar-lhe logo maior força, se fosse necessario.

— O capitão, accrescentou Ignacio em voz baixa, não é lá homem para hesitar em se tratando de maldades.

E continuara, narrando as desgraças da época. Já o Antonio da Silva fugira a todo o panno para Villa-Bella, onde mora um negociante que é seu compadre. Na casa do Pantaleão Soares, portuguez legitimo, o sargento Moura varejara os quartos em

que dormiam as filhas do pobre homem, e levava o atrevimento ao ponto de revisital-as, dizendo que podiam ser homens disfarçados. O Raymundo Nonato e o filho da tia Rita haviam-se mettido pelo matto dentro, sem que se soubesse o seu paradeiro. Um tapuyo dos lagos, tendo vindo á villa comprar mantimentos, vira-se perseguido pelos guardas, e fôra comido por jacarés, querendo salvar-se a nado.

E terminou entre risonho e triste o velho Ignacio:

— Que quer, seu Pedro? Nestes tempos nem os pobres velhos tem a certeza de escapar. O que vale é que Deus é grande... e o matto maior.

Tres dias depois da visita de Ignacio Mendes, pelas 7 horas da manhã, a velha Rosa tratava do almoço, e Pedro, sentado á soleira da porta, preparava-se para caçar papagaios, limpando uma bella espingarda de dous canos, quando viu adiantar-se para o seu lado o capitão Fabricio, com os modos risonhos e cortezes de um bom visinho. Pedro ergueu-se surpreso e acanhado e poz-se a balbuciar cumprimentos ao fazendeiro, cujo sorriso o enleava.

— Ora bom dia, seu Pedro. Então já sei que vai á caça? E está com uma bonita arma! Quer vendel-a?

E foi lh'a tirando das mãos, sem que o pescador, admirado de tão grande affabilidade, pensasse em contrariar-lhe o gesto.

— Eh, eh! seu Pedro, você está um rapaz robusto, e devia ser voluntario da Patria. O governo precisa de gente forte lá no sul para dar cabo do demonio do Lopez. Ora é uma vergonha que você esteja a matar os pobrezinhos dos papagaios e a harpoar os innocentes dos pirucús, quando melhor quebraria a prôa aos paraguayos, que são brutos tambem e inimigos dos christãos.

Pedro balbuciava negativas e desculpas. Era filho unico... não tinha geito para a guerra... quem tomaria conta da pobre velhinha? Mas o capitão poz-lhe a mão no hombro, dizendo em voz repassada de mel:

— Pois então tenha paciencia. Se não quer ser voluntario, está recrutado.

Pedro deu um pulo para traz, como se fôra mordido por uma cobra. Recrutado, elle! A palavra fatidica soou-lhe aos

ouvidos como annuncio de irreparavel desgraça. O seu ar de candura e de bondade desapareceu por encanto, e o rapaz ficou todo transformado, como o pae, quando luctava braço a braço com alguma onça traiçoeira. Os olhos injectaram-se-lhe de sangue. Os labios entreabriram-se para deixar sahir a palavra rebelde, mas só descobriram os alvissimos dentes, cerrados por um esforço violento. O corpo todo tremia, como se maleitas o sacudissem e um ultimo lampejo de razão o impediu de atirar-se ao recrutador e de o afogar nas mãos robustas.

Mas o capitão proseguia com brandura hypocrita:

— Ora deixe-se de tolices... afinal que é que tem ser soldado? E' até muito bonito, e as mulheres pellam-se pela farda azul ferrête e pelos botões amarellos. Não será uma honra para a tapuya velha o ter um filho official? Pois é o que póde muito bem acontecer, se você tiver juizo, não beber, não furtar, não fizer nenhuma má criação, e resolver-se a aprender a leitura e a escripta, que não é lá bicho de sete cabeças. E' verdade que você póde ficar prisioneiro

dos paraguayos e mesmo morrer d'uma bala na cabeça, mas isso... São fatalidades. Também se morre na cama e até... pescando pirarucús e caçando papagaios. Por isso deixo-se de asneiras, carinha alegre e marche-marche para o sul. Mesmo porque você está recrutadinho da silva e o que não tem remedio remediado está.

O rapaz soltou um grito surdo, avançou contra Fabricio, arrancou-lhe a espingarda das mãos e brandiu-a sobre a cabeça do capitão, como se fôra uma bengala. Quando ia descarregar o golpe, sentiu-se agarrado. Eram o sargento Moura e dous soldados, que, sahindo d'um matagal proximo, se haviam approximado sem ser vistos. Ao ruido da lucta, accudiu a velha Rosa, que soltando brados lamentosos, tentou arrancar o filho aos soldados, mas o capitão Fabricio segurou-a por um braço e atirou-a de encontro a um esteio da casa.

A tapuya, cahindo, feriu a cabeça, mas erguendo-se de subito e levantando a espingarda que estava no chão, fez pontaria contra o sargento. A arma não estava carregada.

Foi uma scêna terrivel que teve lugar então. A velha Rosa, desgrehada, com os

vestidos rotos, coberta de sangue, soltava bramidos de fera parida. Pedro estorcia-se em convulsões violentas, e os soldados não conseguiam arredal-o da mãe. Fabricio, ordenando que levassem o preso, lançara ambas as mãos aos cabellos da velha e puchando por elles, procurava conseguir que largasse as roupas do filho. Os guardas, impacientes e colericos, desembainharam a bayoneta, e começaram a espancar alternativamente a mãe e o filho, animados pela voz e pelo exemplo do sargento, ainda pallido do susto que soffrêra.

Muito tempo teria durado a lucta, se não tivessem apparecido alguns aggregados do capitão, dirigidos pelo Manoel de Andrade, em cuja larga face morena se lia a satisfação de um odio, até alli contido a custo.

O mulato adiantou-se com ar resolutivo :

— O' gentes! Temos cerimonia?

E voltando-se para os que o seguiam.

— Amarra porco, rapaziada!

Ou pela sua profissão de vaqueiros, ou porque já se achassem prevenidos, traziam cordas comsigo. Pedro e Rosa foram deitados por terra, e amarrados de pés e mãos. Depois a gente do Manoel Andrade,

carregou o rapaz e foi depol-o n'uma grande montaria que o capitão mandara buscar à fazenda.

Quando o preso, o sargento e os soldados se acharam dentro da canôa, Fabricio ordenou ao Manoel de Andrade e a outro aggregado que tomassem os remos e seguissem para Alemquer. Depois dando um pontapé na velha tapuya estendida em meio do terreiro, seguiu com o resto da sua gente, a caminho da fazenda.

Ella desmaiara. Não dera accôrdo de si quando lhe levaram o filho para a canôa, nem sequer sentira a ultima e bestial expansão da ira do recrutador. Mas quando o sol adiantando-se na carreira, veio ferir-lhe em cheio os olhos amortecidos, tornou a si, olhou em derredor, e recordando o que se passara, começou a agitar-se e a dar gritos que echoavam lugubrememente na floresta. Procurava pôr-se de pé, mas não o conseguia. Não podia tambem desprender os braços e as pernas; as cordas eram solidas e os nós apertados. Sosinha, abandonada no sitio deserto, exposta no terreiro, ferida e quasi nua aos raios ardentissimos do sol, a velha Rosa,

a bôa e generosa velhinha teria succumbido miseravelmente, se por volta de meio dia não tivesse alli chegado o visinho Ignacio Mendes. O portuguez vira do seu porto passar a canôa que levava o recruta, e desconfiando do que succedera viera, logo que pudera furtar algum tempo aos seus affazeres, informar-se do occorrido.

Pobre tia Rosa! Em que miserando estado a encontrara! Seria possivel que Deus permittisse tão grande injustiça! O Ignacio cortou-lhe as cordas, lavou-lhe a ferida com agua avinagrada, e teve de empregar a força para obrigar-a a deitar-se, pois ardia em febre. Depois que a viu mais socegada, o bom do portuguez correu á casa em busca da mulher para fazer companhia aquella noite á doente, recomendando-lhe que não dormisse, velasse toda a' noite, pois o estado da tapuya era melindroso. Apezar da advertencia do marido, a enfermeira adormecêra pela madrugada, e quando accordara, a claridade d'um dia esplendido entrava pela transparencia do japá. A rêde da velha Rosa estava vasia. A mulher do Ignacio

Mendes correu ao porto e não achou a montaria de pesca de Pedro.

Estava eu a esse tempo em Santarém, preparando uma viagem a Itaituba, a serviço da minha advocacia.

Passeando uma tarde na praia do Tapajoz, abeirou-se de mim uma cabocla velha em quem a custo reconheci a industriosa e boa velhinha do igarapé de Alemquer, em cuja hospitaleira casa dormira algumas vezes de passagem pelo sitio. Ella, porém, me reconhecera facilmente, e parece até que a conselho de algumas pessoas me procurava como o unico doutor da terra, que exercia a profissão de advogado. Contou-me a sua historia, interrompendo-se a miudo para limpar na manga do vestido as lagrimas que lhe corriam, e finalisou entregando-me um embrulho com dinheiro, duzentos e poucos mil réis, tudo quanto tinha, para que lhe livrasse o filho de jurar bandeira.

Voltei immediatamente á cidade, e por intermedio d'um amigo commun obtive do delegado de policia a licença de ver o recruta na cadeia, mas por uma só vez, e como excepção rara. O tapuyo estava

mergulhado n'um silencio apathico, de que nada o fazia sahir. O fatalismo do amazense o convencera de que não se poderia arrancar á irreparavel desgraça que o abatia. Ou não me reconheceu, ou não quiz fallar-me.

Requeri *habeas-corpus* em favor de Pedro, allegando a sua qualidade de filho unico de mulher viuva. O juiz de direito ordenou o seu comparecimento, inqueriu o commandante do destacamento e algumas testemunhas, e exigiu informações do delegado. Empreguei a maior actividade nas diligencias necessarias, por que sabia que era esperado a toda a hora o vapor da Companhia do Amazonas, que devia levar o contingente de recrutas para a capital. Uma manhã vinha eu da casa do juiz com as melhores esperanças de exito, pois se mostrava crente do direito que assistia ao meu cliente, e compadecido da sorte da velha que lhe não deixava a solcira da porta, onde dormia. Vinha pensando na minha viagem pelo Tapajoz acima logo que terminasse a obra de humanidade que queria praticar, quando me encontrei com o Agente da Companhia.

— Olhe, doutor, o vapor está entrando. Os voluntarios estão promptos.

Corri immediatamente á cadeia, e notei o movimento que produzira a ordem de embarque. Corri á praia, onde era immensa a agglomeração de povo á espera do vapor que vinha entrando a bocca do largo Tapajoz, em busca dos futuros defensores da Patria.

Começou logo o embarque dos recrutas.

Eram vinte rapazes tapuyos os que a autoridade obrigava a representar a comedia do voluntariado. Vi-os sahir da cadeia, entre duas filas de guardas nacionaes, e encaminharem-se para o porto, seguidos dos parentes, dos amigos e de simples curiosos.

Um cabisbaixos, uns corridos de vergonha, como criminosos obrigados a percorrer as ruas da cidade nas garras da justiça ; outros resignados e imbecis como bois caminhando para o matadouro ; outros ainda procurando encobrir sob uma jovialidade triste as amarguras intimas ; todos marchando machinalmente, alheios ao que se passava e dizia em redor de si, e offerecendo um aspecto de apathia covarde e

idiota. Vestiam calça e camisa de algodão riscado, a mesma roupa com que uma semana antes harpoavam pirarucús ou plantavam mandioca nas roças da beira do rio. Alguns, aquelles de quem se desconfiava, por mais valentes e ageis, traziam algemas.

As portas e as janellas das ruas por onde passava a nova leva de recrutas, estavam apinhadas de gente. As mulheres e as crianças corriam a vel-os de perto, conservando-se, porém, a uma distancia respeitavel dos guardas nacionaes, que marchavam pesadamente, acanhados, vestidos na sua jaqueta de velho panno azul, quasi vermelho, e vexados com a comprida bayoneta collocada muito atraz, a bater-lhes os rins n'um compasso irregular, conforme com os accidentes das ruas mal calçadas. O povo commentava o caso, analysava a physionomia dos novos soldados, d'aquelles heroicos defensores da Patria, carneiros levados em récua para o açogue.

As exclamações cruzavam-se, as pilherias atravessavam a rua e cahiam duras como pedras sobre as cabeças impassiveis dos guardas nacionaes, pobres operarios,

honrados roceiros, arrancados á officina ou á lavoura para guarnecerem a cidade e fazerem o serviço da policia ausente. Outras vezes eram lamentações e condolencias da sorte d'aquelles pobres diabos que nem sabiam n'aquelle momento se voltariam a ver a terra adorada do Amazonas,

Os coromins annunciavam os recrutas á medida que se approximavam :

— Os voluntarios ! Os voluntarios !

— Voluntarios de páu e corda ! disse causticamente o vigario padre Pereira, fumando cigarros á porta d'uma loja.

Já mais adiante os coromins repetiam n'uma ironia inconsciente :

— Os voluntarios, olha os voluntarios !

Os recrutas caminhavam sob um sol ardente, seguidos das mãis, das irmãs e das noivas, que soluçavam alto, n'uma prantina desordenada, chamando a attenção do povo. Os homens iam silenciosos como se acompanhassem um enterro. Ninguem se atrevia a levantar a voz contra a autoridade. Se a fuga fosse possível, nenhum d'aquelles homens deixaria de facilital-a. Mas como fugir em pleno dia,

no meio de tantos guardas nacionaes armados e prevenidos? Nada, mais valia resignar-se e sóffrer callado, que sempre se lucrava alguma cousa.

Chegaram ao porto e avistaram o vapor que fumegava, prestes a partir. As canoas que os deviam conduzir para o paquete estavam promptas. Começou o embarque em boa ordem. Nenhum dos recrutas abraçou amigos e parentes; os adeuses trocaram-se com os olhos e com as mãos, de longe.

Quando as canoas largaram da praia, as mulheres romperam n'um clamor; e os tapuyos, acorados ao fundo da igarité que os separava da ribanceira, seguiam com a vista a terra que recuava, fugindo d'elles. Tinham os olhos seccos, mas amortecidos. Um deixava n'aquella saudosa praia a mãe doente e entrevada, arrastada até alli para soluçar a ultima despedida ao filho que partia para a guerra. E o voluntario, resignado á morte com que contava nos sertões do sul, tinha o coração apertado, pensando na miseria em que deixava a velhinha, obrigada d'alli em diante a viver de esmolos. Outro pensava

na sua roça nova, aberta pelo S. João, havia seis mezes apenas, com tanto amor e trabalho, e que seria dentro em breve pasto de capivaras daminhas e de macacos gulosos; ou na montaria de pesca, abandonada no porto, para presa do primeiro ladrão que passasse. Este sonhava com as longas horas de immobildade anciosa, nas brumas da antemanhã, de pé na canõa, esperando o primeiro respirar do pirarucú possante; aquelle com a gentil namorada, tanto tempo cobiçada e quasi noiva, que não teria paciencia para esperar-lhe a volta incerta. E todos pallidos, desesperados, sombrios, sentiam no supremo momento da separação, que tudo estava perdido, e a morte, uma morte terrivel e myteriosa os esperava lá nas terras em que dominava o monstro do Paraguay, devorador de carne humana.

Apezar da tristeza do espectaculo que me compungia o coração, não pude deixar de alegrar-me por não ver entre os recrutas o filho da velha Rosa. Acompanhei a leva desde o quartel até á praia, vi-a embarcar, não me afastei enquanto o vapor não

levantou ferros, e procurou a barra do Tapajoz, soltando um silvo rouco e prolongado. Adquiri então a certeza de que Pedro não embarcara, de que ficara em terra, e dessa convicção augurei as melhores esperanças. Se o delegado o não enviara por aquelle vapor, fôra certamente por não haver ainda jurado bandeira, e duvidoso se fazia o caso do seu recrutamento, em face dos fundamentos do *habeas-corpus* requerido. Em todo o caso, mesmo considerando a policia bem recrutado o tapuyo, tinha deante de mim oito ou dez dias, o intervallo de uma chegada de paquete a outra, para trabalhar em seu favor.

Communiquei a nova á tia Rosa que fui encontrar sentada á porta do juiz de direito, onde passara a noite. Não partilhou da minha convicção. Na sua opinião, eu estava enfeitiçado. Pedro não estava no quartel, e, portanto, seguira naquelle mesmo vapor para a capital.

Levei á conta de demencia a incredulidade da velha, e entrei na casa do juiz para informar-me do resultado do *habeas-corpus*.

O magistrado disse-me com alguma tristeza :

— Escusado é tentar mais nada. O rapaz já embarcou.

E como me visse attonito, sem animo de proferir palavra, comprehendeu o meu espanto, e accrescentou :

— Desconfiaram de mim. Hontem á noite mandaram-no n'uma canôa bem tripolada, esperar o vapor a meia legua da bocca do rio.

A indignação fez-me ultrapassar os limites da conveniencia. Perguntei, irado, ao juiz como se deixara elle assim burlar pela policia, expondo a dignidade do seu cargo ao menosprezo de um funcionario subalterno. Mas elle sorrindo mysteriosamente, bateu-me no hombro, e disse em tom paternal :

— Collega, você ainda é muito moço. Manda quem póde. Não queira ser palmaria do mundo.

E accrescentou alegremente :

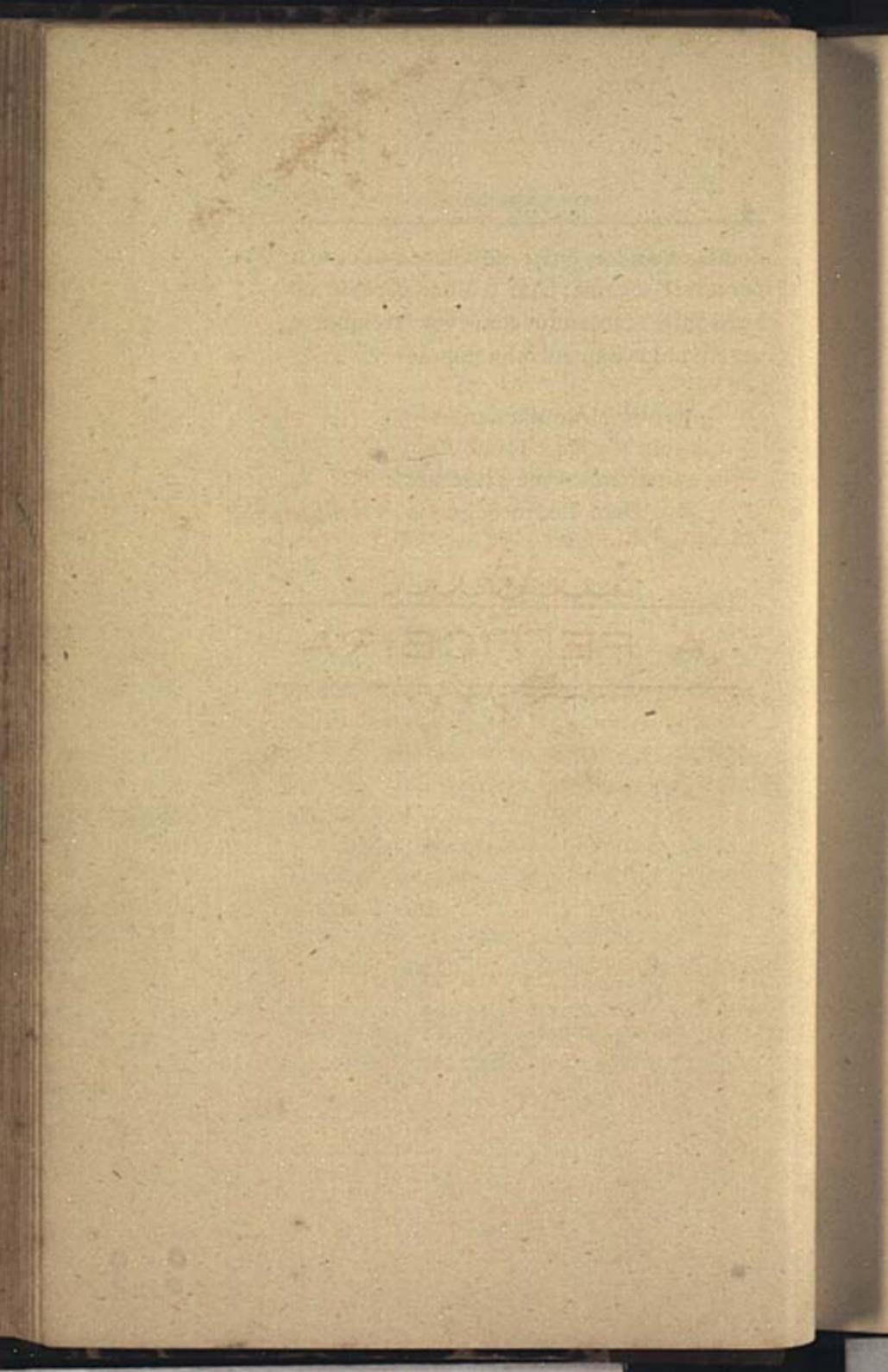
— Olhe, sabe uma cousa ? vamos tomar café.

Ainda ha bem pouco tempo vagava pela cidade de Santarem uma pobre tapuya

douda. A maior parte do dia passava-o a percorrer a praia, com o olhar perdido no horisonte, cantando com voz tremula e desenhada a quadrinha popular :

Meu anel de diamantes
cahiu n'agua e foi ao fundo ;
os peixinhos me disseram :
viva Dom Pedro Segundo!







A FEITICEIRA



1

unpublished

A FETTERED

BY



HEGOU a vez do velho Estevam,
que fallou assim :

— O tenente Antonio de Souza era um d'esses moços que se gabam de não crer em nada, que zombam das cousas mais sérias e riem dos santos e dos milagres. Costumava dizer que isso de almas do outro mundo era uma grande mentira, que só os tolos temem a lobishomens e fei-ticeiras. Jurava ser capaz de dormir uma noite inteira dentro do cemiterio, e até de passear ás dez horas pela frente da casa do judeu, em sexta-feira maior.

Eu não lhe podia ouvir taes leviandades em cousas medonhas e graves sem que o meu coração se apertasse, e um calefrio me corresse a espinha. Quando a gente se

habituava a venerar os decretos da Providencia, sob qualquer fórma que se manifestem; quando a gente chega á idade avançada em que a lição da experiencia demonstra a verdade do que os avós viram e contaram; custa a ouvir com paciencia os sarcasmos com que os moços tentam ridicularisar as mais respeitaveis tradições, levados por uma vaidade tola, pelo desejo de parecerem *espiritos fortes*, como dizia o Dr. Rebello. Peço sempre a Deus que me livre de semelhante tentação. Acredito no que vejo e no que me contam pessoas fidedignas, por mais extraordinario que pareça. Sei que o poder do Creador é infinito e a arte do inimigo vária.

Mas o tenente Souza pensava de modo contrario!

Apontava á lua com o dedo, deixava-se ficar deitado quando passava um enterro, não se benzia ouvindo o canto da mortalha, dormia sem camisa, ria-se do trovão! Alardeava o ardente desejo de encontrar um coropira, um lobishomem ou uma feiticeira. Ficava impassivel vendo cair uma estrella, e achava graça ao canto agoureiro do acauan, que tantas desgraças occasiona-

Enfim, ao encontrar um agouro sorria, e passava tranquilamente sem tirar da bocca o seu cachimbo de verdadeira espuma do mar.

— Quereis saber uma cousa? Filho meu não frequentaria esses collegios e academias onde só se aprende o desrespeito da religião. Em Belém parece que todas as crenças velhas vão pela agua a baixo. A tal civilização tem acabado com tudo que tinhamos de bom. A mocidade imprudente e leviana afasta-se dos principios que os pais lhe inculcaram no berço, lisongeando-se d'uma falsa sciencia que nada explica, e a que, mais acertadamente se chamaria charlatanismo. Os máos livros, os livros novos, cheios de mentiras, são devorados avidamente. As cousas sagradas, os mysterios são cobertos de motejos, e em uma palavra, a mocidade de hoje, como o tenente Souza, proclama alto que não crê no diabo, (salvo seja, que lá me escapou a palavra!) nem nos agouros, nem nas feiticeiras, nem nos milagres. E' de se levantarem as mãos para os céos pedindo a Deus que não nos confunda com taes impios!

O infeliz Antonio de Sousa, transviado por esses propagadores do mal, foi victima de sua leviandade, ainda não ha muito tempo

Tendo por falta de meios abandonado o estudo da medicina, veio Antonio de Souza para a provincia em 1871 e conseguiu entrar como official do corpo de policia. No anno seguinte era promovido ao posto de tenente, e nomeado delegado de Obidos, onde antes nunca tivera vindo.

O seu genio folgazão, a sua urbanidade e delicadeza para com todos, o seu respeito pela lei e pelo direito do cidadão faziam d'elle uma autoridade como poucas temos tido. Seria um moço estimavel a todos os reptos, se não fôra a desgraçada mania de duvidar de tudo, que adquirira nas rodas de estudantes e de gazeteiros do Rio de Janeiro e do Pará.

Desde que lhe descobri esse lastimavel defeito, previ que não acabaria bem. Ides ver como se realisaram as minhas previsões.

Em principio de Fevereiro de 1873, por occasião do assassinato de João Torres, no Paranamiry de cima, Antonio de Souza para alli partiu, em diligencia policial. Realizada a prisão do criminoso, a convite do Ribeiro, que é o maior fazendeiro de Paranamiry, resolveu o tenente

delegado lá passar alguns dias, afim de conhecer, disse elle, a vida intima do lavrador da beira do rio.

Não vos descreverei o sitio do tenente Ribeiro, porque ninguem ha em Obidos queo não conheça, principalmente d'aquella grande demanda que elle venceu contra Miguel Faria, por causa das terras do Uricurizal.

Basta lembrar que todos os cacauães do Paranamiry communicam entre si por uma vereda mal determinada, e que é facil percorrer uma grande extensão do caminho, vindo de sitio em sitio até á costa fronteira á cidade.

Antonio de Souza passava o tempo a vizitar ossitios de cacáu, conversando com os moradores, a quem ouvia casos extraordinarios, alli succedidos, e zombando das crenças do povo. Como lhe fallassem muitas vezes da Maria Mucoim, afamada feiticeira d'aquelles arredores, mostrava grande curiosidade de a conhecer. Um dia em que caçava papagaios, com Ribeiro, contou o desejo que tinha de ver aquella celebre mulher, cujo nome causa o maior terror em todo o districto.

O Ribeiro olhou para elle, admirado e depois d'uma pausa disse :

— Como ? Não conhece a Maria Mucoim ?
Pois olhe, alli a tem.

E apontou para uma velha que, a pequena distancia d'elles, apanhava galhos seccos.

O tenente Souza viu na Maria Mucoim uma velhinha magra, alquebrada, com uns olhos pequenos, de olhar sinistro, as maçãs do rosto muito salientes, a bocca negra, que, quando se abria n'um sorriso horroroso, deixava ver um dente, um só ! comprido e escuro. A cara côr de cobre, os cabellos amarellados presos ao alto da cabeça por um *trepá-moleque* de tartaruga, tinham um aspecto medonho que não consigo descrever. A feiticeira trazia ao pescoço um cordão sujo, d'onde pendiam numerosos bentinhos, falsos, já se vê, com que procurava enganar ao proximo, para occultar a sua verdadeira natureza.

Quem não reconhece á primeira vista essas creaturas malditas que fazem pacto com o inimigo, e vivem de suas sortes más, permittidas por Deus para castigo dos nossos peccados ?

A Maria Mucoim, segundo dizem más linguas (que eu nada affirmo nem quero affirmar, pois só desejo dizer a verdade para o bem estar da minha alma), fôra outr'ora caseira do defunto padre João, vigario de Obidos. Depois que o reverendo foi dar contas a Deus do que fizera cá no mundo (e severas deviam ser, segundo se dizia), a tapuya retirou-se para o Paranamiry, onde, em vez de cogitar em purgar os seus grandes peccados, começou a exercer o hediondo officio que sabeis, naturalmente pela certeza de já estar condemnada em vida.

Quem nada póde esperar do céo, pede auxilio ás profundas do inferno. E se isto digo, não por leviandade o menciono. Pessoas respeitaveis affirmaram-me ter visto a tapuya transformada em pata, quando é indubitavel que a Mucoim jámais creou aves dessa especie.

Mas o Antonio de Souza é que não acreditava nessas toleimas. Por isso atreu-se a caçoar da feiticeira:

— Então, tia velha, é certo que você tem pacto com o diabo?

(Lá me escapou a palavra maldita, mas

foi para referir o caso tal como se passou. Deus me perdoe).

A tapuya não respondeu, mas poz-se a olhar para elle com aquelles olhos sem luz, que intimidam aos mais corajosos pescadores da beira do rio.

O rapaz insistiu, admirando o silencio da velha :

— E' certo que você é feiticira ?

O demonio da mulher continuou calada e levantando um feixe de lenha, poz-se a caminhar com passos tropegos.

O Souza impacientou-se :

— Fallas ou não fallas, mulher do...?

Como moço de agora, o tenente gastava muito o nome do inimigo do genero humano.

Os labios da velha arregaçaram-se, deixando ver o unico dente. Ella lançou ao rapaz um olhar longo, longo que parecia querer traspassar-lhe o coração. Olhar diabolico, olhar terrivel, de que Nossa Senhora nos defenda. a mim e a todos os bons christãos.

O riso murchou na bocca de Antonio de Souza. A gargalhada proxima a arrebentar ficou-lhe presa na garganta, e elle sentiu o

sangue gelar-se-lhe nas veias. O seu olhar sarcástico e curioso submetteu-se á influencia dos olhos da feiticeira. Quiçá pela primeira vez na vida soubesse então o que era medo.

Mas não se mostrou vencido, que de rija tempera de incredulidade era elle. Começou a dirigir motejos de toda especie á velha, que se retirava lentamente, curvada e tropega, parando de vez em quando e voltando para o moço o olhar amortecido. Este, conseguindo afinal soltar o riso, dava gargalhadas nervosas que assustavam aos japiins e afugentavam as rolas das moitas do cacaua. Louca e imprudente mocidade!

Quando a Maria Mucoim desapareceu por detraz dos cacaueiros, o Ribeiro tomou o braço do hospede, e obrigou-o a voltar para a casa. No caminho ainda deram alguns tiros, mas de caça nem signal, pois se em algum animal acertou o chumbo foi num dos melhores cães do Ribeiro, que ficou muito penalizado e viu logo que aquillo era agouro. O Ribeiro, apesar das ladrociras que todos lhe attribuem, é homem crente e de bastante siso.

Quando chegaram á casa de vivenda, seriam seis horas da tarde. Ribeiro exprobrou com brandura ao amigo o que fizera á feiticeira, mas o desgraçado rapaz riu-se, dizendo que iria no dia seguinte visitar a tapuya. Debalde o dono do sitio tentou dissuadir-o de tão louco projecto, não o conseguiu.

Era demais a mais esse dia uma sexta-feira.

Antonio de Souza, depois de ter passado toda a manhã muito agitado, armou-se d'um terçado americano, e abalou para o cacauá.

A tarde estava feia. Nuvens côr de chumbo cobriam quasi todo o céu. Um vento muito forte soprava do lado de cima, e o rio corria com velocidade, arrastando velhos troncos de cedro e periantans enormes onde as jaçanans soltavam pios de afflicção. As aningas esguias curvavam-se sobre as ribanceiras. Os galhos seccos estalavam, e uma multidão de folhas despe gava-se das arvores, para voar aosabor do vento. Os carneiros approximavam-se do abrigo, o gado mugia no curral, bandos de periquitos e de papagaios cruzavam-se nos

ares, em grande algazarra. De vez em quando, d'entre os tremulos aningães sahia a voz solemne do unicornio. Procurando aninhar-se, as fetidas ciganas augmentavam com o grasnar corvino a grande agitação do rio, do campo e da floresta. Adiantavam os sapos dos atoleiros e as rans dos capinzães o seu concerto nocturno, alterando o canto desenxabido.

Tudo isso viu e ouviu o tenente Souza do meio do terreiro, logo que transpoz a soleira da porta, mas convencerá a um espirito forte a precisão dos agouros que nos fornece a maternal e franca natureza?

Antonio de Souza internou-se resolutamente no cacaual. Passou sem parar nos sitios que lhe ficavam no caminho, e os cães de guarda, sahindo-lhe ao encontro, não o conseguiram arrancar á profunda meditação em que cahira.

Eram seis horas quando chegou á casa da Maria Mucoim, situada entre terras incultas nos confins dos cacauaes da margem esquerda. E', segundo dizem, um sitio horrendo e bem proprio de quem o habita.

Numa palhoça miseravel, na narrativa de pessoas dignas de toda a consideração,

se passavam as scenas estranhas que firmaram a reputação da antiga caseira do vigario. Já houve quem visse, ao clarão de um grande incendio, que illuminava a tapéra, a Maria Mucoim dansando sobre a cumieira danças diabolicas, abraçada a um bode negro, coberto com um chapéo de tres bicos, tal qual como ultimamente usava o defunto padre. Alguem, ao passar por alli a deshoras, ouviu o triste piar do murucututú, ao passo que o suffocava um forte cheiro a enxofre. Alguns homens respeitaveis que por acaso se acharam nos arredores da habitação maldita, depois de noite fechada, sentiram tremer a terra sob os seus pés, e ouviram a feiticeira berrar como uma cabra.

A casa, pequena e negra, compõe-se de duas peças separadas por uma meia parede, servindo de porta interior uma abertura redonda, tapada com um topé velho. A porta exterior é de japá, o tecto de pindoba, gasta pelo tempo, os esteios e caibros estão cheios de casas de cupim e de cabas.

Souza encontrou a velha sentada á soleira da porta, com o queixo mettido nas mãos, os cotovellos apoiados nas coxas,

com o olhar fito num bemtevi que cantava numa embaubeira. Sob a influencia do olhar da velha, o passarinho começou a agitar-se e a dar gritinhos afflictivos. A feiticeira não parecia dar pela presença do moço que lhe bateu familiarmente no hombro :

— Sou eu, disse. Lembra-se de hontem ?

A velha não respondeu. Antonio de Souza continuou depois de pequena pausa :

— Venho disposto a tirar a limpo as suas feitiçarias. Quero saber como foi que conseguiu enganar a toda esta visinhança. Hei-de conhecer os meios de que se serve.

Maria Mucoim abaixou a cabeça, como para esconder um sorriso, e com voz tremula e arrastada, respondeu :

— Ora me deixe, branco. Vá-se embora, que é melhor.

— Não saio daqui sem ver o que tem em casa.

E o atrevido moço preparava-se para entrar na palhoça, quando a velha erguendo-se de um jacto, impediu-lhe a passagem. Aquelle corpo, curvado de ordinario, ficou direito e hirto. Os pequenos olhos, outr'ora

amortecidos, lançavam raios. Mas a voz continuou lenta e arrastada :

— Não entre, branco, vá-se embora.

Surpreso, o tenente Souza estacou, mas logo, recuperando a calma, riu-se e penetrou na cabana. A feiticeira seguiu-o. Como nada visse o rapaz que lhe attrahisse a attenção no primeiro compartimento, avançou para o segundo, separado daquelle pela abertura redonda, tapada com um topé velho. Mas ahi a resistencia que a tapuya offereceu á sua ousadia foi muito mais séria. Collocou-se de pé, crescida e tesa, á abertura da parede, e abriu os braços, para impedir-lhe com o corpo a indiscreta visita. Esgotados os meios brandos, Antonio de Souza perdeu a cabeça, e, exasperado pelo sorriso horrendo da velha, pegou-a por um braço, e usando toda a força do seu corpo robusto, arrancou-a dalli e atirou-a ao meio da sala de entrada. A feiticeira foi bater com a frente no chão, soltando gemidos lugubres.

Antonio arrancou a esteira que fechava a porta e penetrou no aposento, seguido da velha, de rastos, pronunciando palavras

dente negro n'um riso convulso e asqueroso.

Era um quarto singular o quarto de dormir de Maria Mucoim. Ao fundo uma rêde rota e suja; a um canto um montão de ossos humanos; pousada nos punhos da rêde uma coruja, branca como algodão, parecia dormir; e ao pé della um gato preto descansava n'uma cama de palhas de milho. Sobre um banco rustico estavam varias panellas de fôrma estranha, e das traves do tecto pendiam cuiambucas rachadas, donde escorria um liquido vermelho parecendo sangue. Um enorme urubú, preso por uma embira ao esteio central do quarto, tentava picar a um grande bode, preto e barbado, que passeava solto, como se fôra o dono da casa.

A entrada de Antonio de Souza causou um movimento geral. O murucututú entreabriu os olhos, bateu as azas e soltou um pio lugubre. O gato pulou para a rêde, o bode recuou até ao fundo do quarto e arremetteu contra o visitante. Antonio, surpreso pelo ataque, mal teve tempo de desviar o corpo, e foi logo encostar-se

á parede, pondo-se em defesa com o terçado que trouxera.

Foi então que animada por gestos mysteriosos da velha, a bicharia toda avançou com uma furia incrível. O gato correndo em roda do rapaz procurava morder, fugindo sempre ao terçado. O urubú, solto, como por encanto, da corda que o prendia, esvoaçava-lhe em torno da cabeça, querendo picar-lhe os olhos. Parecia-lhe que se moviam os ossos humanos, amontoados a um canto, e que das cuiambucas corria sangue vivo. Antonio começou a arrepender-se da imprudencia que commettera. Mas era um valente moço, e o perigo lhe redobrava a coragem. Num lance certo, conseguiu ferir o bode no coração, ao mesmo tempo que dos labios lhe sahia inconscientemente uma invocação religiosa.

— Jesus, Maria!

O diabolico animal deu um berro formidavel, o foi recuando cahir sem vida sobre o monte de ossos; ao mesmo tempo o gato estorceu-se em convulsões terriveis, e o urubú e a coruja fugiram pela porta aberta.

A Mucoim, vendo o effeito d'aquellas

palavras magicas, soltou urros de fera, e atirou-se contra o tenente, procurando arrancar-lhe os olhos com as aguçadas unhas. O moço agarrou-a pelos raros e amarelados cabellos, e lançou-a contra o esteio central. Depois fugiu, sim, fugiu, espavorido, aterrado. Ao transpor o limiar, um grito o obrigou a voltar a cabeça. A Maria Mucoim, deitada com os peitos no chão e a cabeça erguida, cavava a terra com as unhas, arregaçava os labios roxos e delgados, e fitava no rapaz aquelle olhar sem luz, aquelle olhar que parecia querer traspasar-lhe o coração.

O tenente Souza, como se tivesse atrás de si o inferno todo, poz-se a correr pelos cacauães. Chovia a cantaros. Os medonhos trovões do Amazonas atroavam os ares; de minuto em minuto relâmpagos rasgavam o céu. O rapaz corria. Os galhos humidos das arvores batiam-lhe no rosto. Os seus pés enterravam-se nas folhas molhadas que tapetavam o solo. De quando em quando ouvia o ruido da queda das arvores feridas pelo raio ou derrubadas pelo vento, e cada vez mais perto o uivo d'uma onça faminta. A noite era escura. Só o guiava a

luz intermittente dos relâmpagos. Ora batia com a cabeça nalgum tronco d'arvore, ora os cipós amarravam-lhe as pernas, impedindo-lhe os passos.

Mas elle ia proseguindo sem olhar para trás, porque temia encontrar o olhar da feiticeira, e estava certo de que o seguia uma legião de seres mysteriosos e horrendos.

Quando chegou ao sitio do Ribeiro, molhado, roto, sem chapéo e sem sapatos, todos dormiam na casa. Foi direito á porta do seu quarto, que dava para a varanda, empurrou-a, entrou, e atirou-se ao fundo da rêde, sem animo de mudar de roupa. O desgraçado ardia em fêbre. Esteve muito tempo de olhos abertos, mas em tal prostração que nem pensava, nem se movia.

De repente, ouviu um leve ruido por baixo da rêde e despertou da especie de lethargo em que cahira. Poz um pé fóra, procurando o chão, mas sentio uma humidade. Olhou e viu que o quarto estava alagado. Levantou-se apressado. A agua vinha enchendo o quarto, forçando a porta. Assustado correu para fóra.

Um grito chegou-lhe aos ouvidos:

A cheia !

Um espectáculo assombroso offereceu-se-lhe á vista. O Paranamiry transbordava. O sitio do Ribeiro estava completamente innundado, e a casa começava a sel-o. Os cacauaes, os aningães, as laranjeiras iam pouco a pouco mergulhando. Bois, carneiros e cavallos boiavam ao acaso, e a cheia crescia sempre. A agua não tardou em dar-lhe pelos peitos. O delegado quiz correr, mas foi obrigado a nadar. A casa innundada, parecia deserta, só se ouviam o ruido das aguas, e ao longe aquella voz:

A cheia !

Onde estariam o tenente Ribeiro e a familia ? Mortos ? Teriam fugido, abandonando o hospede á sua infeliz sorte ? Onde salvar-se, se as aguas cresciam sempre, e o delegado já começava a sentir-se cansado de nadar ? Nadava, nadava. As forças começavam a abandonal-o, os braços recusavam-se ao serviço, caimbras agudas lhe invadiam os pés e as pernas. Onde e como salvar-se ?

De subito viu approximar-se uma luzinha

e logo uma canoã, dentro da qual lhe pareceu estar o tenente Ribeiro. Pelo menos era d'elle a voz que o chamava.

— Soccorro! gritou desesperado o Antonio de Souza, e juntando as forças n'um violento esforço, nadou para a montaria, salvação unica que lhe restava, no doloroso transe.

Mas não era o tenente Ribeiro o tripulante da canoa. Acocorada á prôa da montaria, a Maria Mucoim fitava-o com os olhos amortecidos, e aquelle olhar sem luz, que lhe queria traspassar o coração...

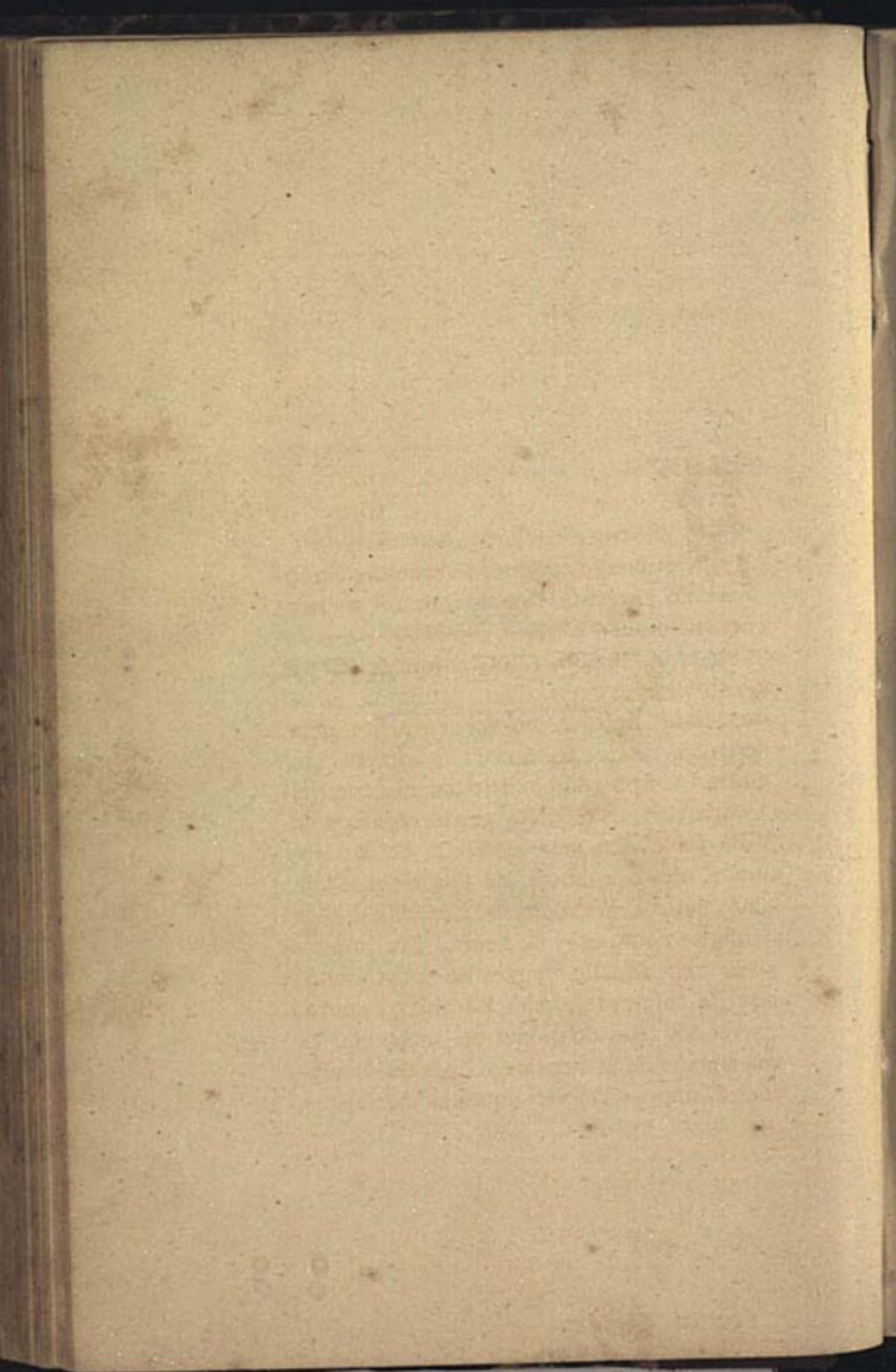
Uma gargalhada nervosa do Dr. Silveira interrompeu o velho Estevam neste ponto da sua narrativa.





AMOR DE MARIA







PROCURADOR, cruzando os braços, cravou os olhinhos verdes no carão do velho Estevam. Depois com um sorriso entre sardonico e triste, começou :

Ainda me lembra a Mariquinha, como se a estivesse vendo. Tão profunda foi a impressão deixada no meu espirito pela desgraça de que foi autora e victima ao mesmo tempo a afilhada do tenente coronel Alvaro Bento, a mais gentil rapariga de Villa-Bella ! Era uma donzella de dezoito annos, alta e robusta, de tez morena, de olhos negros, negros, meu Deus ! de cabellos azulados como azas de anum ! Era impossivel ver aquelle narizinho bem feito, aquella mimosa bocca, humida e rubra, parecendo feita de pôlpa de melancia, as mãosinhas de princeza e os pés da Borracheira, impossivel ver aquellas perfeições

todas, sem ficar de queixo no chão, encantado e seduzido!

Quem nunca viu a afilhada do Alvaro Bento (á bocca pequena se dizia ser sua filha natural) não póde ajuizar das graças d'aquella moça, que transtornava a cabeça a todos os rapazes da villa, obrigava os velhos a tolices inqualificaveis, e deixava no coração dos que passavam por Villa-Bella uma lembrança terna, um doce sentimento, um desejo vago. Quando nas contradanças a moça embalava brandamente os quadris de mulher feita e os seios turgidos tremiam-lhe na valsa, um murmuro lisongeiro enchia a casa, era como um encanto magico que percorria os ares, prendendo com invisivel cadeia os corações masculinos aos passinhos miudos da feiticeira. Feiticeira, sim, e não como a do Paranamiry, abjecção do sexo, de poder phantastico, e, com licença, compadre Estevam, inadmissivel ante a boa razão e a logica natural: mas com um poder real, um elixir perigoso que tonteava e ensandecia, transformando a gente em cousa sem vontade, pela demasiada vontade que dava! Pena é que a Mariquinha

não se julgasse bem armada com o feitiço de seus inolvidáveis encantos, e se valesse de credices tolas e de meios aconselhados pela ignorância, de mãos dadas com a superstição.

Villa Bella é antes uma povoação de que uma villa. Tres pequenas ruas em que as casas se distanciam dez, vinte e mais braças umas das outras, se estendem, frente para o rio, sobre uma pequena collina, formando todo o povoado. No meio da rua principal a capellinha que serve de matriz occupa o centro de uma praça, coberta de matapasto, onde vagam vaccas de leite e bois de carro. Quando eu lá morava, as familias da villa entretinham as melhores relações, e não acontecia o que agora se dá em quasi todas as nossas povoações, onde os habitantes são inimigos uns dos outros. A maldita politica dividiu a população, azedou os animos, avivou a intriga, e tornou insupportavel a vida nos lugarejos da beira do rio.

Depois que o povo começou a tomar a serio esse negocio de partidos, que os doutores do Pará e do Rio de Janeiro inventaram como meio de vida, n'uma aldeola

de trinta casas as familias odciam-se e descompoem-se, os homens mais sérios tornam-se patifes refinados, e tudo vac que é de tirar a coragem e dar vontade de abalar d'estes optimos climas, d'estas grandiosas regiões paraenses, ao pé das quaes os outros paizes são como miniaturas mesquinhas. Sem conhecerem a força dos vocabulos, o fazendeiro Moraes é liberal e o capitão Jacintho é conservador. Por mim entendo que era melhor sermos todos amigos, tratarmos do nosso cacáu e da nossa seringa, que isso de politica não leva ninguem adiante, e só serve para desgostos e consumições. Que nos importa que seja deputado o conego Siqueira ou o doutor Danim? O principal é que as enchentes não sejam grandes e que o gado não morra de peste. O mais é querer fazer da pobre gente burro de carga, victima de imposturas! Mas deixemos isto que é alheio á historia da Mariquinha, e que só veio a pello para salientar a differença dos tempos, pois que, em Villa-Bella, reinava outr'ora a melhor harmonia entre os habitantes e a maior cordialidade nas relações familiares.

Mariquinha quasi nunca estava o dia inteiro na casa do padrinho. Choviam convites para passar o dia em casas amigas, e um dos maiores trabalhos da moça era distribuir o tempo, de modo a não crear descontentamentos. Tão agradável era a sua companhia, que as proprias companheiras bebiam os ares pela afilhada do tenente-coronel!

Desde que chegara aos quatorze annos, começára a moça a ser pedida em casamento, e aos dezoito recusára nove ou dez pretendentes, cousa admiravel n'uma terra de poucos rapazes solteiros. Entre os namorados sem ventura, posso apontar o tenente Braz, o capitão Viriato e o doutor Filgueiras, que nem por isso era o menos cahido. Se a interrogavam sobre a razão d'um procedimento pouco commum ás moças pobres, a Mariquinha tinha um sorriso adoravel dizendo:

— Ora, não tenho pressa.

Assim placida e feliz corria aquella existencia. Querida e festejada de todos, era a princeza do Parentins, o beijinho das moças, a adoração dos rapazes, a loucura dos velhos, a benevolencia das mãis de familia.

O unico defeito que lhe imputavam as amigas era a faceirice. E tinha na verdade esse peccado, se peccado é em moça bonita, pois que eu, com estes cabellos de sal e pimenta, morro pelas raparigas faceiras.

Em Dezembro de 1866 veio o filho do capitão Amancio de Miranda passar o Natal com o pai em Villa-Bella. Lourenço, assim se chamava o rapaz, fôra em pequeno estudar ao Maranhão, e de lá voltando empregara-se na alfandega do Pará. Pela primeira vez voltava a Parentins, depois que de lá sahira. Oxalá não tivesse voltado nunca !

O filho do capitão Amancio era um rapaz alto e louro, bem apessoado. Imaginem se devia ou não agradar ás moças de um logarejo, em que toda a gente é morena e baixa. Accrescia que Lourenço tinha uns modos que só se encontram nas cidades adiantadas, vestia á ultima moda e com apuro, fallava bem e era desembaraçado. Quando olhava para algum dos rapazes da villa, atravez da sua luneta de crystal e ouro, o pobre matuto ficava ardendo em febre. Demais, chegara do Pará, sabia as novidades, criticava com muita graça os defeitos

das moças. E montava a cavallo com uma elegancia nunca vista, e que eu (apezar de já ter estado no Pará, no Maranhão e na Bahia) não podia deixar de admirar.

Foi um acontecimento a chegada do Lourenço de Miranda. O capitão Amancio, todo orgulhoso, apresentou-o logô á metade da população. Toda a gente era obrigada a fazer-lhe elogios, posto que a muitos não agradassem aquelles modos petulantes, que pareciam dizer:— *Vocês são uns bôbos!* Quem se sahiu com essa, em primeiro logar, foi a espirituosa Mariquinha, que o vira pela primeira vez á missa do Natal, mas que, coitada! logo depois foi castigada pela liberdade com que fallara do homem, cuja vida seria ligada ao seu destino.

Quatro dias depois da missa do Natal, a afilhada do Alvaro Bento e o filho do capitão Amancio encontravam-se de novo, n'um passeio que deram as duas familias e mais algumas pessoas gradas ao lago Macuranim. Eram do bando, além da gente do Amancio e do Bento, o Dr. Filgueiras, o Juiz Municipal, a filha e duas sobrinhas e o padre vigario.

Seriam dez horas da manhã quando a comitiva atravessou a linda campina que se estende diante do cemiterio, e internou-se nas mattas que cercam a pittoresca Villa-Bella. O caminho para o Macuranim é uma estreita verêda, toda por baixo de arvores. Os araçazeiros, os maracujás, as goiabeiras, os caramurús, entrelaçando os galhos formam uma abobada de verdura. As folhas seccas, que lastravam o chão, estalavam sob os pés dos transeuntes, e os bemtevis, os titipururuis, os alegres e farçantes japiins encantavam o ouvido com a sua varia melodia. De vez em quando o leve murmurio de algum regato, occulto entre moitas de flores sylvestres, confundia-se com as diversas vozes da floresta, dominadas pelo assovio agudo do urutahy, ao longe, na densidão do matto. A' sombra de cajueiros folhudos, matizados de encarnado, chora a juruty solitaria, e responde-lhe a gargalhada zombeteira da maritacaca. Um perfume forte, um grande cheiro de flores e de frutas punha na alma uma disposição alegre de correr e de brincar pelas campinas, de mastigar folhas verdes, de vagar por entre os troncos cheios de seiva

estival de Dezembro, de se deixar queimar ao sol matutino, cujo ardor a brisa da floresta refrescava.

As moças entregavam-se francamente á embriaguez do matto. Corriam á caça de maracujás, dourados e cheirosos, de cajús irritantes, de caramurús doces como mel, de goiabas verdoengas, provocadoras, cujos carocinhos rubros avivam-lhes a côr dos lábios. Os homens perdendo a gravidade, conversavam em voz baixa, salgando a despreoccupada palestra com gargalhadas picantes e bregeiras. O vigario ia atrás de todos, afugentando com o lenço os bois que repousavam á beira do caminho.

Lourenço ia á frente do bando, procurando entreter conversa com a afilhada do Bento, que por faceirice lhe escapava, ora para esconder-se atrás d'uma moita de flôres, ora para trepar com pasmosa agilidade ás goiabeiras, entre risadinhas gostosas. A filha do juiz municipal dizia de vez em quando entre dentes:

— Esta Cotinha! Mas que faceirice!

Depois de meia hora de caminho, avistaram o Macuranim cercado de palhoças de pescadores. As aningas da beirada deixam

cahir no lago as folhas de diversas côres, e em alguns logares o escondem completamente. As brancas flôres da batatarana e outras de variegado colorido boiam á tona d'agua aninhando rôlas e jaçanans. A trechos o peixe-boi bota fóra a cabeça escura, buscando o capinzinho da margem, as pescadas e os tucunarés em rapida rabanagem, vêm respirar o ar calido do meio-dia. enrugando de leve a superficie calma do Macuranim.

Foi alli, á beira desse tranquillo e pittoresco lago, formado por aguas do Amazonas, que o capitão Amancio e os amigos passaram aquelle formoso dia, de fins de Dezembro, que tão fatal devia ser á faceira Mariquinha. Os galanteios de Lourenço, as suas maneiras delicadas, a excitação da vaidade pela emulação provocada pela filha do juiz, despertaram no coração da afilhada do Alvaro Bento uma paixão profunda. A primeira revelação desse sentimento teve-a Mariquinha no despeito intenso causado pelas manobras da filha do juiz para apoderar-se da attenção do Lourenço de Miranda. Este, depois de ter se occupado quasi toda a manhã de Mariquinha,

como por uma rápida mudança poz-se a trocar amabilidades claras com a filha do juiz, petulante trigueirinha de vinte annos.

A' volta para a villa, a afilhada do Bento já não corria, já não trepava ás arvores, não occultava mesmo a tristeza que se apoderara de seu coração. Vinha séria ao lado do padrinho, mas não tirava os olhos de Lourenço e da filha do juiz, que andavam d'esta vez atraz de todos conversando, rindo, perseguindo borboletas como duas crianças. Mariquinha detinha os passos para acompanhar os movimentos dos dous jovens, dolorosamente ferida pelo que, no intimo, chamava inconstancia de Lourenço. Poucas horas havia que o moço se mostrára apaixonado por ella, e agora namorava ás claras a Lucinda, a filha do juiz, a moça mais feia de Villa-Bella. Forçoso era crer na volubilidade dos moços do Pará, de que tanto lhe fallara a sua ama de leite, a bôa Margarida. Com a alma ulcerada pelo ciume e espesinhada na vaidade de moça bonita, sempre até alli preferida, Mariquinha caminhava em silencio, affectando fadiga. Quando chegaram á villa despediram-se uns dos outros

á porta do tenente-coronel. Lourenço ainda continuou na companhia da familia do juiz, e Mariquinha seguiu-o com o olhar até que o grupo se escondeu por detraz da igreja. Quando a moça voltou-se para entrar em casa, o padrinho a observava :

— Ora vamos, Maria, então que é isso ? perguntou meio zangado.

— Nada, não senhor, respondeu ella, e correu a esconder a vergonha e desespero no seio da bôa Margarida, que debalde tentou enxugar-lhe as lagrimas com consolações sensatas.

Aquelle amor rapido e profundo, feito talvez de muitos sentimentos contrarios, produziu-lhe grande mudança nos habitos, nos modos e no genio. Vivia triste e afflicta, victima indefesa d'uma paixão ardente, d'uma dessas paixões que a gente só admite nas novellas, mas que tambem existem na vida real, principalmente entre as mulheres de nossa terra, impressionaveis em extremo. A moça passava dias sem comer, noites sem dormir, e quando alguma nova proeza do rapaz vinha lhe matar alguma pequenina esperanza que alimentara no intervallo, chorava, e chorava no

seio da Margarida, de sua querida mãe preta.

Porque Lourenço de Miranda era um desses moços que julgam ser-lhes tudo permitido. Acostumado aos namoros faceis do Pará, pensava que em Villa-Bella, na vida estreita da aldeia, podia impunemente brincar com o sentimentalismo das raparigas, sem reflectir que as nossas moças não estão como as da cidade, fartas de ouvir galanteios nos passeios e nos bailes. As d'aqui tomam tudo a serio, acreditam em tudo. Lourenço, porém, pouco se lhe dava do que resultasse. Vivia alegre, gozando a licença, namorando claras e tri-gueiras, declarando o seu amor ás caboclinhas de peito duro e ás moças de familia, franzinas e pallidas.

Uma vez, entretanto, Mariquinha julgou que alcançaria victoria. Foi n'uma tarde de Janeiro, quente e linda, quando se encontraram no sitio da Prainha. Tinham ido algumas familias a banho naquella saudavel praia. Felizmente não estava a Lucinda, presa em Villa-Bella por um defluxo rebelde, que mais a afeiava. O facto foi de bom presagio, Mariquinha, que fôra a

contra gosto ao passeio, sentiu intensa alegria.

Lourenço esteve adoravel de paixão e de sentimento, e a afilhada do Alvaro Bento contou uma hora de completa felicidade no meio de tantas amarguras. Apezar de cercados pela vigilancia suspeitosa de amigos e parentes conseguiram encontrar-se a sós por um momento, soba copa frondosa d'um taperebá, á beira do rio. Lourenço perguntou o motivo da tristeza que todos lhe notavam, foi terno, solícito e amante. Disse que era a moça mais formosa da villa, e que no Pará, mesmo n'aquella grande cidade, tão rica em mulheres bonitas, jamais vira formosura igual. Que o seu maior desejo era possuil-a toda para si, porque a amava como nunca poderia amar, e morreria certamente se não fosse correspondido.

— E a Lucinda? perguntou a moça radiante de amor e de felicidade.

A Lucinda era uma tola á custa de quem gostava de divertir-se. Só a Mariquinha amava, só de Mariquinha sentia separar-se, quando se esgotasse o tempo da licença e tivesse de voltar a tomar o seu lugar na alfandega.

Mariquinha sentia a felicidade inundar-lhe a alma, o seu coração abria-se ás mais lisongeiras esperanças, os olhos brilhavam com um fulgor que embriagava a Lourenço. Todos os pezares da moça desvaneceram-se de subito, as noites de insomnia e os dias dolorosos foram esquecidos. O carmin tingio-lhe as faces descoradas. O tronco do grande taperabá protegeu o primeiro e unico beijo que trocaram aquelles dous amantes.

No dia seguinte Mariquinha amanheceu cantando, o que surpreendeu a todos de casa, menos a velha Margarida, que durante a noite ouvira a historia do passeio á Prainha. Passou a moça o dia alegre e contente, mas á noute esperava-a uma decepção horrivel.

Reunidos em casa do capitão Amancio, para um jogo de prendas, Mariquinha e Lucinda acharam-se frente a frente. Lourenço, por uma inexplicavel contradicção, foi todo attensões e desvelos para a filha do juiz, sem se importar com o despeito visivel d'aquella a quem na vespera jurara um sincero amor. Lourenço e Lucinda ao abrigo das liberdades do jogo,

trocaram abraços e beijos, galanteios reciprocos, á vista de todos, enquanto Mariquinha ralava-se de ciumes e de raiva, reduzida a ouvir as amabilidades insulsas do Dr. Filgueiras. A formosa moça retirou-se cédo, e quando chegou a casa, rompeu num pranto soluçado que terminou por um vágado de tres horas.

Mariquinha achava-se deitada na rêde alva de linho com ricas varandas de rendas encarnadas, mas não dormia. Ia já alta a noite. O quarto, fracamente allumiado por uma candeia de azeite de mamona, mostrava indecisamente o contorno dos objectos e das pessoas que continha. Pelos vãos das telhas penetrava a aragem fresca da madrugada, embalsamada pelos odóres da floresta e repassada da humidade do rio, cujo murmurio brando se percebia no silencio da villa. Nos outros aposentos da casa todos dormiam. Mariquinha, com os olhos semi-cerrados, com o corpo negligentemente estendido, pondo para fóra da rêde uma perna admiravelmente torneada, de um moreno claro assetinado, no abandono do repouso recatado, estava

silenciosa. O seu rosto estava pallido, da côr da alva camisola rendada que lhe cobria o corpo e que o arfar agitado dos seios soerguia a trechos.

Sentada no chão a velha Margarida, embalava de mansinho a rêde e fallava baixinho, baixinho, para que ninguem ouvisse senão a sua querida filha. Esta, porém, só na ancia que o cabeção rendado revelava mostrava estar ouvindo:

A mãe preta dizia:

— E' mesmo perto da Prainha, e na beira do lago da Franceza... é uma tapuya velha, muito afamada...

Parou para tomar do cachimbo, encheu-o de tabaco, e continuou. A sua voz quasi parecia um sôpro. Mariquinha, immovel, permanecia em silencio:

— E' um tajá... é remedio que não falha. Basta uma dose de colherinha de chá.

Ergueu-se a mãe preta. Foi accender o cachimbo á lamparina, e no aspirar a fumaça do cheiroso tabaco, apagou a luz. Disse com um gesto de impaciencia:

— Ora bom. Se apagou a luz. Mas não faz mal, já está amanhecendo.

De facto, uma claridade tenue passava pelos vãos das telhas. Um gallo cantou no quintal e na visinhança outro gallo respondeu.

A velha apertou com os dedos o tabaco acceso, para que pegasse melhor o fogo.

Soltou duas longas baforadas, e veio de novo sentar-se ao pé da réde. Mariquinha levava a mão ao peito, como para comprimir as pulsações do coração.

A mãe preta continuou.

— Não se póde duvidar. E' remedio que não falha. Porque é que o capitão Amancio ficou-se babando pela velha Ignacia? Está claro que sendo ella velha e feia, só podia ser por feitiço. E o senhor mesmo, seu padrinho como foi que ficou tão agarrado á defunta Miquelina? Era preciso que eu não fosse de casa, para não saber? Pois se fui eu mesma quem arranjou o tajá. A defunta andava chorando, chorando, não comia nem bebia por ciumes da Joanninha Sapateira. Arranjou-se o tajá... e, foi uma vez a Joanninha Sapateira. Nunca mais senhor quiz saber della, e era só Miquelina para cá, Miquelina para lá, até que lhe deu aquella dôr de peito que a matou, coitadinha!

Mariquinha fez um movimento para recolher a perna e soltou um fraco gemido.

A velha resmungou:

— Arre, minha gente, basta de chora-deiras. E' experimentar que se bem não fizer, mal não faz.

Passara-se uma semana. Uma tarde, entre varias pessoas que estavam tomando o fresco á porta do tenente-coronel Alvaro Bento, achava-se o filho do capitão Amancio de Miranda, que viera despedir-se. A sua licença estava a esgotar-se. Dentro de tres dias era esperado de Marnãos o vapor que o havia de levar ao Pará deixando muitas saudades em Villa-Bella.

Quando Lourenço chegara havia-se acabado de servir café ás pessoas presentes. Um mulatinho do serviço ainda estava com a bandeja de chicaras vasias na mão.

— Moleque, disse o tenente-coronel, dize lá dentro que mandem uma chicara de café para o Sr. Lourenço.

O rapazinho foi dar o recado á velha Margarida. A mãe preta correu ao quarto de Mariquinha, e disse-lhe ao ouvido :

— E' agorinha.

Mariquinha foi á gaveta da commoda buscar o tajá que a Margarida havia na vespera trazido do lago da franceza, e que, absorvido em pequena porção pelo filho do capitão Amancio devia deixal-o louco de amores pela pessoa que lh'o ministrasse. Ella mesma ralou uma porção da raiz em uma lingua de pirarucú. Tomou uma colherinha, encheu-a com o residuo obtido, misturou-o com assucar, e depositou-o n'uma chicara de café que lhe trouxera a mãe preta.

Chamou o moleque, e disse :

— Aqui está o café para o Sr. Lourenço.

Custa-me a acabar esta triste historia, que prova quão perniciosa é a crença do nosso povo em feitiços e feiticieras. O tajá inculcado á pobre moça, como infalível elixir amoroso, é um dos mais terribes venenos vegetaes do Amazonas.

Lourenço, ao tomar o café, e coitado! bebeu-o d'um trago, sentiu fogo vivo a

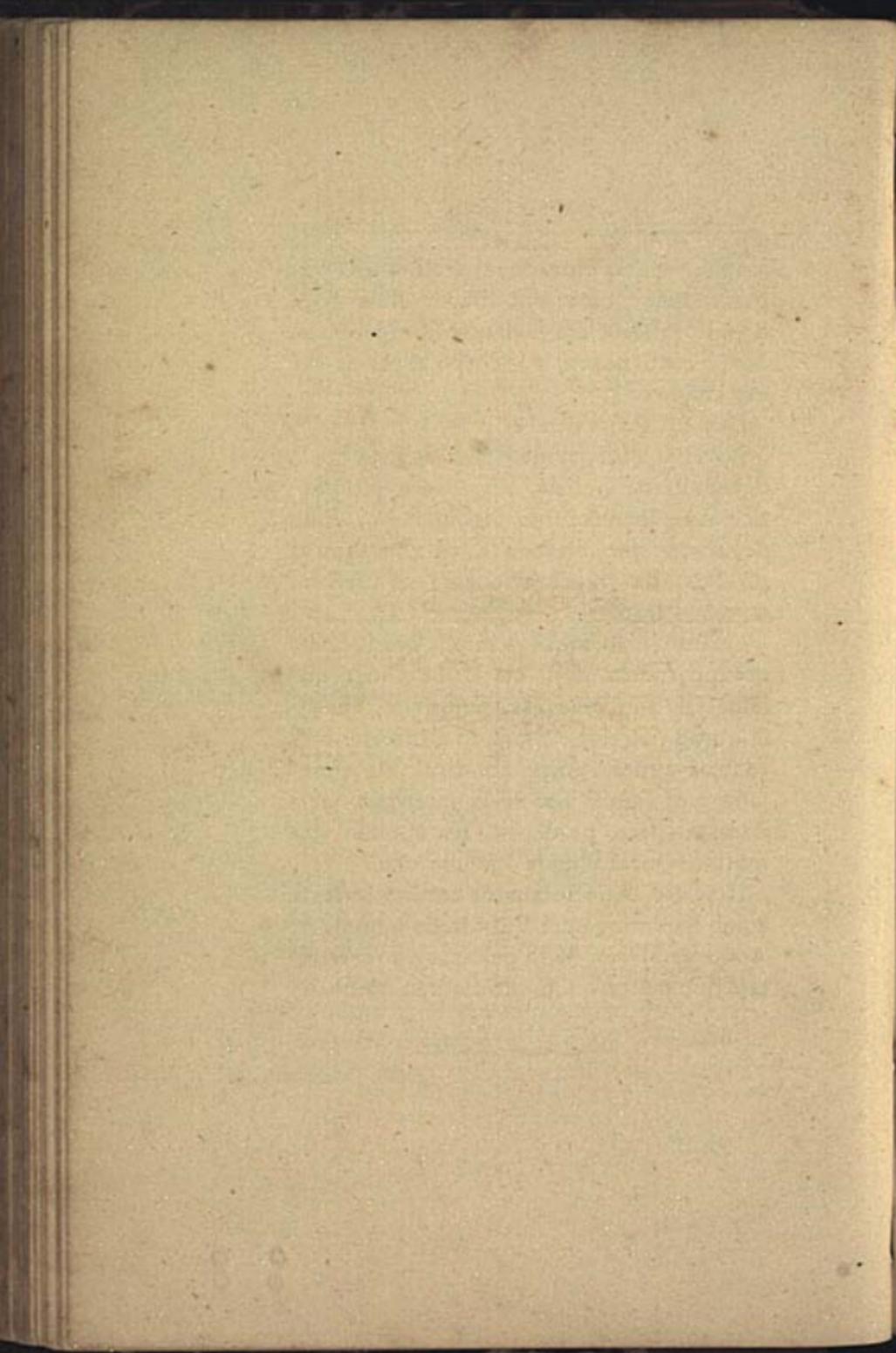
abrazar-lhe as entranhas. Deitou a correr pelas ruas como um louco. Meia hora depois fallêcia em convulsões medonhas, com o rosto negro, e o corpo abriu-se-lhe em chagas.

Que mais vos direi?

A velha Margarida, interrogada pelo delegado de policia, revelara a sua participação inconsciente naquella horrenda desgraça que aterrou a villa. A tapuya do lago da franceza morreu na cadeia, de máos tratos.

Quanto á formosa e infeliz Mariquinha desaparecera de Villa Bella, sem que jámais se soubesse o seu paradeiro. Ter-se-ia atirado ao rio, e confiado á incerta correnteza aquelle corpo adoravel, tão desejado em vida? Ter-se-ia internado pela floresta para perder-se na solidão das mattas? Quem jámais o poudé dizer?

Hoje dos seus infaustos amores só resta como lembrança em Villa Bella o nome de *Amor de Maria*, dado pelo povo ao terrível tajá que matou o filho do capitão Amancio.





ACAUAN



COAST



CAPITÃO Jeronymo Ferreira, morador da antiga villa de S. João Baptista de Faro voltava d'uma caçada, a que fora para distrahir-se do profundo pezar causado pela morte da mulher, que o deixara subitamente só com uma filhinha de dois annos de idade.

Perdida a calma habitual de velho caçador, Jeronymo Ferreira transviou-se e só conseguiu chegar ás vizinhanças da villa, quando já era noite fechada.

Felizmente a sua habitação era a primeira, ao entrar na povoação pelo lado de cima, por onde vinha caminhando, e por isso não o impressionaram muito o silencio e a solidão que a modo se tornavam mais profundos, á medida que se approximava da

villa. Elle já estava habituado á melancolia de Faro, talvez o mais triste e abandonado dos povoados do valle do Amazonas, posto que se mire nas aguas do Nhamundá, o mais bello curso d'agua de toda a região. Faro é sempre deserta. A menos que não seja algum dia de festa, em que a gente das vizinhas fazendas venha ao povoado, quasi não se encontra viva alma nas ruas. Mas se isso acontece á luz do sol, ás horas de trabalho e de passeio, á noite a solidão augmenta. As ruas, quando não sahe a lua, são d'uma escuridão pavorosa. Desde as sete horas da tarde, só se ouve na povoação o pio agoureiro do murucututú ou o lugubre uivar d'algum cão vagabundo, apostando queixumes com as aguas murmuradas do rio.

Fecham-se todas as portas. Recolhem-se todos, com um terror vago e incerto que procuram esconjurar, invocando: — Jesus, Maria, José!

Vinha pois caminhando o capitão Jeronymo a solitaria estrada, pensando no bom agasalho da sua fresca rêde de algodão trançado e lastimando-se de não chegar a tempo de encontrar o sorriso encantador

da filha, que já estaria dormindo. Da caçada nada trazia, fora um dia infeliz, nada podera encontrar, nem ave nem bicho, e ainda em cima perdera-se, e chegava tarde, faminto e cansado. Também quem lhe mandára sahir á caça em sexta-feira? Sim, era uma sexta-feira, e quando depois d'uma noite d'insomnia se resolvera a tomar a espingarda e a partir para a caça, não se lembrou que estava n'um dia, por todos conhecido como aziago, e especialmente temido em Faro, sobre que pesa o fado de terriveis maleficios.

Com esses pensamentos o capitão começou a achar o caminho muito comprido, por lhe parecer que já havia muito passara o marco da jurisdicção da villa. Levantou os olhos para o céo, a vêr se se orientava pelas estrellas sobre o tempo decorrido. Mas não viu estrellas. Tendo andado muito tempo por baixo de arvoredo não notara que o tempo se transtornava, e achou-se de repente n'uma dessas terriveis noites do Amazonas, em que o céo parece ameaçar a terra com todo o furor da sua colera divina.

Subito o clarão vivo de um relampago, rasgando o céo, mostrou ao caçador que se

achava a pequena distancia da villa, cujas casas, caiadas de branco, lhe appareceram n'uma visãõ ephemera. Mas pareceu-lhe que errara de novo o caminho, pois não vira a sua casinha abençoada, que devia ser a primeira a avistar. Com poucos passos mais achou-se n'uma rua, mas não era a sua. Parou e poz o ouvido á escuta, abrindo tambem os olhos para não perder a orientação de um novo relampago.

Nenhuma voz humana se fazia ouvir em toda a villa; nenhuma luz se via; nada que indicasse a existencia de um ser vivente em toda a redondeza. Faro parecia morta.

Trovões furibundos começaram a atroar os ares. Relampagos amiudavam-se, inundando de luz rapida e viva as mattas e os grupos de habitações, que logo depois ficavam mais sombrios.

Raios cahiram com fragor enorme, prostrando cedros grandes, velhos de cem annos. O capitão Jeronymo não podia mais dar um passo, nem já sabia onde estava. Mas tudo isso não era nada. Do fundo do rio, das profundezas da lagõa formada pelo Nhamundá levantava-se um ruido que foi crescendo, crescendo e se tornou um

clamor horrivel, insano, uma voz sem nome que dominava todos os ruidos da tempestade. Era um clamor só comparavel ao brado immenso que hão de soltar os condemnados no dia do Juizo Final.

Os cabellos do capitão Ferreira puzeram-se de pé e duros como estacas. Elle bem sabia o que aquillo era. Aquella voz era a voz da cobra grande, da colossal sucurijú, que reside no fundo dos rios e dos lagos. Eram os lamentos do monstro em laborioso parto.

O capitão levou a mão á testa para benzer-se, mas os dedos tremulos de medo não conseguiram fazer o signal da cruz. Invocando o santo do seu nome, Jeronymo Ferreira deitou a correr na direcção em que suppunha dever estar a sua desejada casa. Mas a voz, a terrivel voz augmentava de volume. Cresceu mais, cresceu tanto a final, que os ouvidos do capitão zumbiram, tremeram-lhe as pernas e cahio no limiar de uma porta.

Com a queda espantou um grande passaro escuro que alli parecia pousado, e que voou cantando :

— Acauán, acauán!

Muito tempo esteve o capitão cahido sem sentidos. Quando tornou a si a noite estava ainda escura, mas a tempestade cessara. Um silencio tumular reinava. Jeronymo, procurando orientar-se, olhou para a lagôa, e vio que a superficie das aguas tinha um brilho estranho, como se a tivessem untado de phosphoro. Deixou errar o olhar sobre a toalha do rio, e um objecto estranho, affectando a fôrma de uma canôa chamou-lhe a attenção. O objecto vinha impellido por uma força desconhecida em direcção á praia, para o lado em que se achava Jeronymo. Este, tomado de uma curiosidade invencivel, adiantou-se, mettu os pés na agua, e puxou para si o estranho objecto. Era com effeito uma pequena canôa, e no fundo della estava uma creança que parecia dormir. O capitão tomou-a nos braços. Nesse momento rompeu o sol por entre os aningaes de uma ilha vizinha, cantaram os gallos da villa, ladraram os cães, correu rapido o rio, perdendo o brilho desusado. Abriram-se algumas portas. A' luz da manhã o capitão Jeronymo Ferreira reconheceu que cahira desmaiado justamente no limiar da sua casa.

No dia seguinte toda a villa de Faro dizia que o capitão adoptara uma linda creança, achada á beira do rio, e que se dispunha a criá-la, como propria, conjuntamente com a sua legitima Anninha.

Tratada effectivamente como filha da casa, cresceu a estranha creança, que foi baptisada com o nome de Victoria.

Educada da mesma fórma que Anninha, participava da mesa, dos carinhos e afaços do capitão, esquecido do modo por que a recebera.

Eram ambas moças bonitas aos quatorze annos, mas tinham typo differente.

Anna fôra uma creança robusta e sã, era agora franzina e pallida. Os anelados cabellos castanhos cahiam-lhe sobre as alvas e magras espaduas. Os olhos tinham uma languidez doentia. A boca andava sempre contrahida, n'uma constante vontade de chorar. Raras rugas divisavam-se-lhe nos cantos da boca e na frente baixa, algum tanto cavada. Sem que nunca a tivessem visto verter uma lagrima, Anninha tinha um ar tristonho, que a todos impressionava, e se ia tornando cada dia mais visivel.

Na villa dizia toda a gente:

— Como está magra e abatida a Anninha Ferreira que promettia ser robusta e alegre!

Victoria era alta e magra, de compleição forte, com musculos de aço. A tez era morena, quasi escura, as sobancelhas negras e arqueadas; o queixo fino e pontudo, as narinas dilatadas, os olhos negros, rasgados, de um brilho estranho. Apesar da incontestavel formosura, tinha alguma cousa de masculino nas feições e nos modos. A boca, ornada de magnificos dentes, tinha um sorriso de gelo. Fitava com arrogancia os homens até obrigar-os a baixar os olhos.

As duas companheiras affectavam a maior intimidade e ternura reciproca, mas o observador attento notaria que Anninha evitava a companhia da outra, ao passo que esta a não deixava. A filha do Jeronymo era meiga para com a companheira, mas havia nessa meiguice um certo acanhamento, uma especie de soffrimento, uma repulsão, alguma cousa como um terror vago, quando a outra cravava-lhe nos olhos dubios e amortecidos os seus grandes olhos negros.

Nas relações de todos os dias, a voz da filha da casa era mal segura e tremula ; a de Victoria aspera e dura. Anninha, ao pé de Victoria parecia uma escrava junto da senhora.

Tudo, porém, correu sem novidade, até ao dia em que completaram quinze annos, pois se dizia que eram da mesma idade. D'esse dia em diante Jeronymo Ferreira começou a notar que a sua filha adoptiva ausentava-se da casa frequentemente, em horas impróprias e suspeitas, sem nunca querer dizer por onde andava. Ao mesmo tempo que isso succedia, Anninha ficava mais fraca e abatida. Não fallava, não sorria, dous circulos arroxeados salientavam-lhe a morbidez dos grandes olhos pardos. Uma especie de cansaço geral dos orgãos parecia que lhe ia tirando pouco a pouco a energia da vida.

Quando o pae chegava-se a ella, e lhe perguntava carinhosamente:

— Que tens, Anninha ?

A menina, olhando assustada para os cantos, respondia em voz cortada de soluços :

— Nada, papae.

A outra, quando Jeronymo a reprehendia pelas inexplicaveis ausencias, dizia com altivez e pronunciado desdem:

— E que tem vosmecê com isso ?

Em Julho desse mesmo anno o filho d'um fazendeiro do Salé, que viera passar o S. João em Faro, namorou-se da filha de Jeronymo e pediu-a em casamento. O rapaz era bem apessoado, tinha alguma cousa de seu, e gozava de reputação de serio. Pae e filha annuiram gostosamente ao pedido, e trataram dos preparativos do noivado. Um vago sorriso illuminava as feições delicadas de Anpinha. Mas um dia que o capitão Jeronymo fumava tranquilamente o seu cigarro de tauary á porta da rua, olhando para as aguas serenas do Nhamundá, a Anninha veiu se aproximando d'elle, a passos tropegos, hesitante e tremula, e, como se cedesse a uma ordem irresistivel, disse, balbuciando, que não queria mais casar.

— Porque? foi a palavra que veiu naturalmente aos labios do pae, tomado de surpresa.

Por nada, porque não queria. E juntando as mãos, a pobre menina pedio com tal expressão de sentimento, que o pae, enleiado, confuso, dolorosamente agitado por um presentimento negro, acquiesceu, vivamente contrariado.

— Pois não fallemos mais nisso.

Em Faro não se fallou em outra cousa durante muito tempo, senão na inconstancia da Anninha Ferreira. Sómente Victoria nada dizia. O fazendeiro do Salé voltou para as suas terras, promettendo vingar-se da desfeita que lhe haviam feito.

E a desconhecida molestia da Anninha se aggravava, a ponto de impressionar seriamente ao capitão Jeronymo e a toda a gente da villa.

Aquillo é paixão recalcada, diziam alguns. Mas a opinião mais acceita era que a filha do Ferreira estava enfeitiçada.

No anno seguinte, o collecter apresentou-se pretendente á filha do abastado Jeronymo Ferreira.

— Olhe, seu Ribeirinho, disse-lhe o capitão, é se ella muito bem quizer, porque

não a quero obrigar. Mas eu já lhe dou uma resposta nesta meia hora.

Foi ter com a filha, e achou-a nas melhores disposições para o casamento. Mandou chamar o collecter, que se retirara discretamente, e disse-lhe muito contente :

— Toque lá, seu Ribeirinho, é negocio arranjado.

Mas d'ahi alguns dias, Anninha foi dizer ao pae que não queria casar com o Ribeirinho.

O pae deu um pulo da réde em que se deitara havia minutos para dormir á sesta.

— Temos tolice ?

E como a moça dissesse que nada era, nada tinha, mas não queria casar, terminou em voz de quem manda :

— Pois agora ha de casar que o quero eu.

Aninha foi para o seu quarto, e lá ficou encerrada até ao dia do casamento, sem que nem pedidos nem ameaças a obrigassem a sahir.

Entretanto a agitação de Victoria era extrema.

Entrava a todo o momento no quarto da companheira e sahia logo depois com as feições contrahidas pela ira.

Ausentava-se da casa durante muitas horas, mettia-se pelos mattos, dando gargalhadas que assustavam os passarinhos. Já não dirigia a palavra a seu protector nem a pessoa alguma da casa.

Chegou, porém o dia da celebração do casamento. Os noivos, acompanhados pelo capitão, pelos padrinhos e por quasi toda a população da villa, dirigiram-se para a matriz. Notava-se com espanto a ausência da irmã adoptiva da noiva. Desapparecera, e por maiores que fossem os esforços tentados para a encontrar, não lhe puderam descobrir o paradeiro. Toda a gente indagava, surpresa :

— Onde estará Victoria ?

Como não vem assistir ao casamento da Anninha ?

O capitão franzia o sobrolho, mas a filha parecia alliviada e contente.

Afinal, como ia ficando tarde, o cortejo penetrou na matriz, e deu-se começo á cerimonia.

Mas eis que, na occasião em que o vigario lhe perguntava se casava por seu gosto, a

noiva põe-se a tremer como varas verdes, com o olhar fixo na porta lateral da sacristia.

O pae, ancioso, acompanhou a direcção d'aquelle olhar, e ficou com o coração do tamanho de um grão de milho.

De pé, á porta da sacristia, hirta como uma defunta, com uma cabelleira feita de cobras, com as narinas dilatadas e a tez verde-negra, Victoria, a sua filha adoptiva, fixava em Anninha um olhar horrivel, olhar de demonio, olhar frio que parecia querer pregal-a immovel no chão. A boca entre-aberta mostrava a lingua fina, bipartida como lingua de serpente. Um leve fumo azulado sahia-lhe da boca, e ia subindo até ao tecto da igreja. Era um espectáculo sem nome!

Aninha soltou um grito de agonia, e cahiu com estrondo sobre os degráus do altar. Uma confusão fez-se entre os assistentes. Todos queriam accudir-lhe, mas não sabiam o que fazer. Só o capitão Jeronymo, em cuja memoria apparecia de subito a lembrança da noite em que encontrara a estranha creança, não podia despegar os olhos da pessoa de Victoria, até que esta, dando um hor-

rivel brado, desapareceu, sem se saber como.

Voltou-se então para a filha, e uma commoção profunda abalou-lhe o coração. A pobre noiva, toda vestida de branco, deitada sobre os degraus do altar-mór, estava hirta e pallida. Dous grandes fios de lagrimas, como contas d'um collar desfeito, corriam-lhe pela face. E ella nunca chorara, nunca desde que nascera se lhe vira uma lagrima nos olhos!

— Lagrimas! exclamou o capitão, ajoclando aos pés da filha.

— Lagrimas! clamou a multidão tomada de espanto.

Então convulsões terriveis se apoderaram do corpo de Anninha. Retorcia-se como se fôra de borracha. O seio agitava-se dolorosamente. Os dentes rangiam em furia. Arrancava com as mãos os lindos cabellos. Os pés batiam no soalho. Os olhos reviravam-se nas orbitas, escondendo a pupilla. Toda ella se maltratava rolando como uma frenetica, uivando dolorosamente.

Todos os que assistiam a esta scena estavam commovidos. O pae debruçado

sobre o corpo da filha chorava como uma creança.

De repente a moça pareceu socegar um pouco, mas não foi senão o principio d'uma nova crise. Inteiriçou-se. Ficou immovel. Encolheu depois os braços, dobrou-os á modo de azas de passaro, bateu-os por vezes nas ilhargas, e entre-abrindo a boca, deixou sahir um longo grito que nada tinha de humano, um grito que echoou lugubrememente pela igreja :

— Acauan !

— Jesus! bradaram todos cahindo de joelhos.

E a moça cerrando os olhos, como em extase, com o corpo immovel, á excepção dos braços, continuou aquelle canto lugubre :

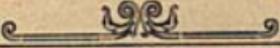
— Acauan ! Acauan !

Por cima do telhado uma voz respondeu á de Anninha :

— Acauan ! Acauan !

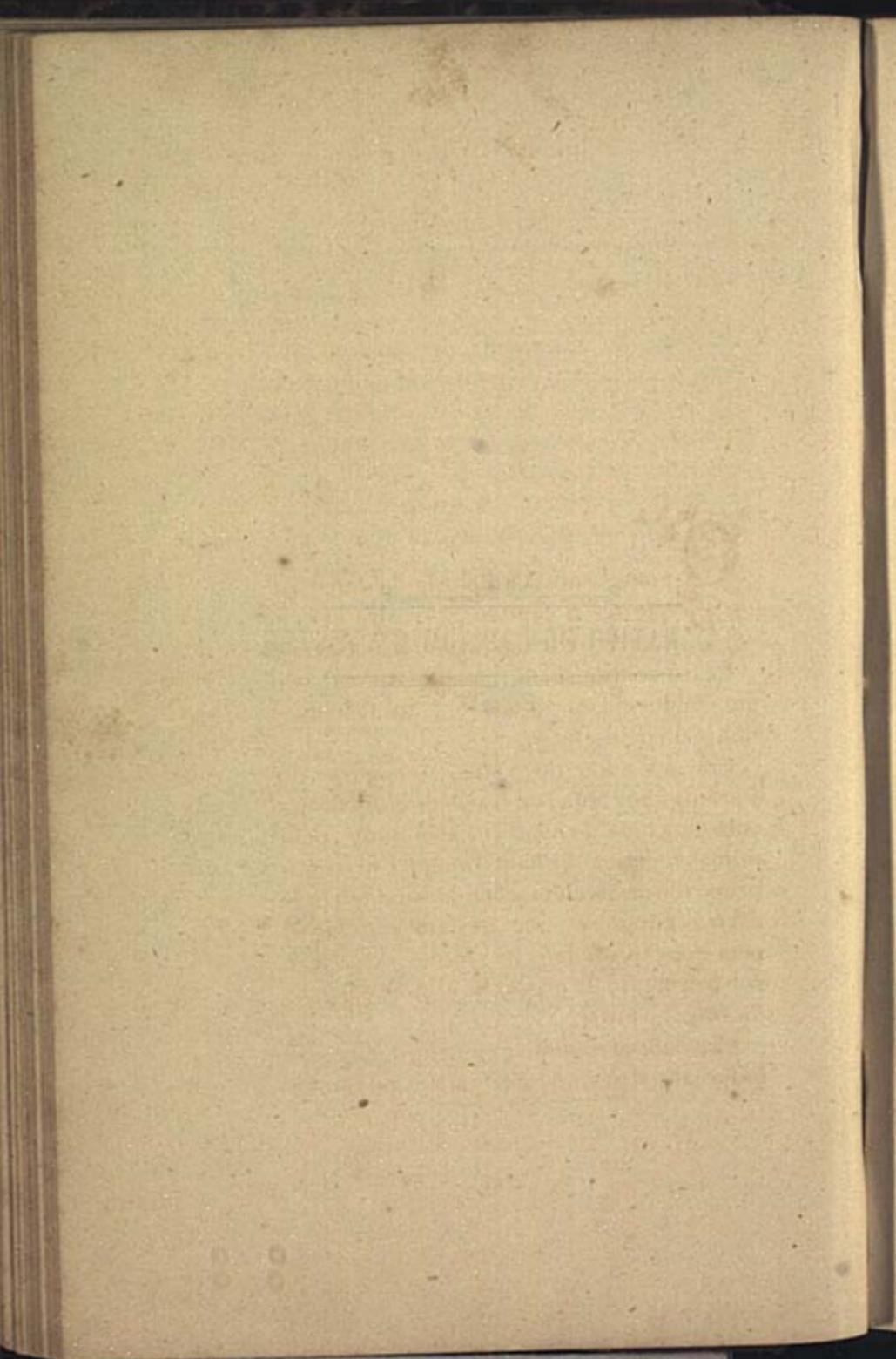
Um silencio tumular reinou entre os assistentes. Todos comprehendiam a horrivel desgraça.

Era o Acauan !



O DONATIVO DO CAPITÃO SYLVESTRE







UEREIS saber a historia do donativo
que fez o capitão Sylvestre para a
guerra contra os senhores inglezes ?

Posso contar-vol-a, porque me achava
em Obidos nessa occasião e fui testemu-
nha ocular do facto.

Era no anno de 1862 e chegára do
Pará o vapor *Manãos*, trazendo noticia cir-
cumstanciada do conflicto levantado pelo
ministro inglez William Dougal Christie a
proposito das reclamações de subditos bra-
zileiros e inglezes que deviam regular-se
pela convenção de 2 de Junho de 1858, e
sob o pretexto da prisão de alguns officiaes
da fragata *Forte*.

A attitude arrogante e violenta de Christie
indignára o povo, despertando o pundonor

nacional, e agitando patrioticamente os animos.

Correra uma faisca electrica do Sul ao Norte do Imperio e a corda do sentimento de nacionalidade, adormecida desde as sangrentas luctas da nossa integração politica, posteriores á independencia, vibrou sonoramente no coração dos paraenses.

Os filhos da Amazonia ainda sentem girar-lhes nas veias o sangue de Paiuicé e de Patroni. No fundo todos temos ainda alguma cousa dos cabanos de 1835.

O governo imperial, receioso de uma lucta armada com a Inglaterra, appellava para o patriotismo dos brasileiros, e enquanto a intervenção dos reis de Portugal e da Belgica procurava dar uma solução amigavel á pendencia, tratava o gabinete de S. Christovão de promover o armamento do paiz, e fôra lembrado o meio das subscrições populares, para remediar a carencia de recursos no thesouro publico.

Invocava-se o nunca desmentido patriotismo dos paraenses ; pintava-se o insulto do inglez com côres carregadas e os agentes officiosos, tanto pela imprensa como

pela propaganda oral, procuravam incendiar os animos, lançando nos corações a scentelha que gera os heroismos.

Em Obidos a agitação era muito grande. O coronel Gama, chefe do partido conservador, e o juiz municipal, bacharelzinho ardente e desejoso do habito da Rosa, eram os incumbidos de angariar donativos para o projectado armamento, e não descansavam, valha a verdade, emulando um com o outro numa grande dedicação patriótica.

Mal apontara o vapor *Manãos*, e já a noticia vaga, incerta, obscura, exagerada pela viva imaginação amazonense circulava com a rapidez do telegrapho. Já se julgava declarada a guerra, e os mais prudentes tratavam de reunir as suas alfaias e de pol-as a bom recado.

Os mais ignorantes tremiam de susto á idéa de vêr surgir no porto de cima um navio de guerra de S. M. Britanica, pejado de canhões negros e ameaçadores.

O Eduardo Inglez, no seu sitio da outra banda, não se julgava seguro da vida, com medo do José do Monte, que promettera tirar-lhe o cacau por demanda.

As listas de subscrição enchiam-se com verdadeiro delirio.

Aflua á cidade o povo dos arredores, trazendo ovos, gallinhas, bananas, cacáo secco e alguns magros cobres azinhavrados com que cada um dos subscriptores concorria para a compra do armamento. Desde a importante somma de quinhentos mil réis, assignada pelo coronel Gama e por dous ou tres negociantes da cidade até o producto de meia duzia de ovos de gallinha, trazidos por alguma velha tapuya, havia donativos de todos os valores, e nada mais tocante do que vêr a humilde fiandeira de algodão, o simples pescador de tartarugas, lançar mão do unico recurso que tinha em casa, uns ovos, uma cuia pintada, um rosario de contas ou o « bacamarte » de ouro, que representava a economia de muitos mezes, talvez de annos, para leval-os orgulhosamente ao coronel Gama, afim de o ajudar a vencer os navios de guerra da rainha Victoria!

Santo patriotismo popular, quantos heroismos humildes e obscuros tens produzido nas épocas decisivas da nossa historia!

Alma generosa do povo brasileiro, quão mal apreciada és pelos eternos falladores da Camara dos Deputados!

Havia mais de 24 horas que em Obidos ninguem se occupava senão da Inglaterra, dos inglezes, de Christie e das eventualidades da guerra. Grupos formavam-se nas esquinas, às portas das lojas, em conversações agitadas e inquietas.

O juiz de direito recém-chegado de Santarem, sahira duas vezes de casa do capitão Severino de Paiva, que o hospedava: uma vez para ir á Camara Municipal, onde se achavam reunidos os vereadores, e outra para conferenciar com o commandante da fortaleza.

O delegado de policia andava de fitão verde e amarello a tiracóllo, ora muito agitado puxando nervosamente pelos punhos da camisa e relanceando os olhos a todos os lados, ora medindo o passo com gravidade solemne, conscio de que desempenhava um papel conspicuo.

O proprio vigario, o pacifico padre José, perorava nas esquinas, com gesto alevantado, a face incendida de enthusiasmo,

sobraçando marcialmente a capa e teimando em chupar um cigarro apagado.

Pairava naquelle dia sobre a cidade uma atmosphera de enthusiasmo patriotico que por vezes cedia a um sentimento de terror vago e inconsciente. As historias, as observações, os commentarios, as invenções sobre os inglezes abundavam.

Alguns sujeitos tidos por avisados, narravam, cercados de tapuyos boquiabertos, o que haviam ouvido a viajantes sobre os costumes e a religião d'aquella gente que, farta de esmurrar-se em familia, estava tentando reduzir-nos á escravidão e ao opprobrio para livremente e sem peias comer-nos as bananas e as laranjas dos quintaes, com cascas e tudo.

Sahindo do seu mutismo tradicional, o escrivão Ferreira contava numa roda de senhoras que os inglezes não querem saber de santos, que adoram uma cabeça de cavallo, e se divertem soccando as ventas aos amigos, para lles alliviar com essa amistosa operação o cerebro sujeito a congestões violentas, pelo vapor da cerveja que sobe do estomago.

Afirmava o Marcellino que os inglezes fallam atralhadamente para melhor esconder os seus segredos e surprender os nossos e repisava o caso do tal que não entendia o portuguez quando lhe cobravam uma conta.

O José do Monte jurava por Sant'Antonio que vira o Eduardo Inglez devorar queijo bichado, abacate com azeite e vinagre, e a alface crúa, sem tempero, como um boi a comer capim.

O professor Gonçalves explicava, mas sem que o acreditassem muito, que numa cidade de Inglaterra chamada Escossia, os homens andavam de pernas de fóra, como os caboclos do matto, com roupas de muitas côres, e a maior fidalguia da terra vivia roubando nas estradas e bebendo vinho até cahir debaixo da mesa, que era essa a sua maior gloria; lêra-o num livro que lhe emprestara o Antonio Baptista, livro escripto por um tal Walter Scott, inglez de nação.

O que mais enthusiasmava a rapaziada era ouvir o capitão Mathias, valentão dos quatro costados, exclamar muito cheio de si:

— Pois vocês, meu povo, estão com medo dos taes inglezes «comes frangues

com batates?» Pois não sabem que os inglezes só prestam no jogo do socco, e que têm á arma branca um horror dos diabos? Elles são grandes em linha, a cem braças de distancia, armados de suas espingardas aperfeiçoadas. Não arredam pé, morrem como moscas, sem deixar o seu logar. A isso deveram a famosa victoria de Waterloo... Mas corpo a corpo, braço a braço, em combate á bayoneta, não valem dez réis de mel coado, affianço eu. Um hereje inglez vendo uma boa faca de ponta, uma bicudinha bonita, fica logo que nem cêra, branco de metter pena. Quando elles desembarcarem aqui, é mettermo-nos no matto, depois cahirmos-lhes de improviso em cima com uma boã carga á bayoneta, e não fica um só para remedio. Esses trantantes têm tanto horror ao sangue que o rei delles, para que não desfalleçam de susto nas batalhas, manda-os vestir a todos de vermelho. São uns maricas, digo-lhes eu!

Toda a gente ria, gosando as bravatas do Mathias, os rapazes, cheios de boa vontade, ante-gosavam o prazer de espetar meia duzia de inglezes na ponta de uma faca americana.

Em outro grupo, formado pela gatinha, uma ex-praça de linha, natural do Rio, carioca da gemma, o Antonio da Ribeira, abundava no juizo expendido pelo capitão Mathias:

— Vocês hão de ver que os inglezes não chegam por cá. Só os capociras da minha terra dão cabo delles, é o que lhes digo.

Pois isso é lá gente que resista a uma ras-teira e a uma cabeçada em forma, dada com arte? E mais pellam-se de medo das navalhas!...

E em apoio da sua opinião, o Antonio da Ribeira narrava com entusiasmo:

— Uma vez um camarada meu, elle era dos Permanentes da Corte, que é minha terra. Esse meu camarada levou dous inglezes para a estação, sem desembainhar o terçado. Os inglêzes atacavam a murros e «goddemes», e o Permanente era só ras-teiras e cabeçadas, e zás! trancafiou os beefs no xilindró. Pois si elles estão sempre bebedos como si para elles a festa da Penha fosse todos os dias!

A animação e o entusiasmo patriótico cresciam. A' tarde as listas de subscrição continham mais de dusementos nomes.

O coronel Gama estava contentissimo, e o juiz municipal sentia uma emoção crescente mirando de soslaio a lapella do casaco, com visões de habito da Rosa.

Na botica do Anselmo discutiam-se os factos. Uma pessoa lembrou que não estava nas listas o capitão Sylvestre.

— Já temos nove contos de réis, dizia o coronel Gama. O Capitão Sylvestre ha de inteirar a dezena.

— Eu me incumbo de lhe fallar, de convencel-o com geito, adiantou o juiz municipal.

— Não ha de custar muito a convencel-o, observou seccamente o Gama. O Sylvestre não recusa o seu concurso, tratando-se de desaffrontar a honra nacional.

— Vocês o dizem... resmungou azedamente o boticario.

— Tenha paciencia, Anselmo, retorquio o coronel. Você tem lá suas razões de zanga com o Sylvestre; mas o homem é um patriota ás direitas, provou-o muito bem na cabanagem. Vocês lembram-se do que elle fez quando os rebeldes quizeram entrar em Obidos?

— Quem se não lembra?

— O capitão Sylvestre ao tempo em que era um simples negociante fez o que todos sabem. Que não fará agora que é o homem mais rico de Obidos?

— Bem lembra a cabanagem, disse o padre José, desfazendo um cigarro. O Sylvestre e os filhos carregaram á cabeça pedras para as fortificações. Corrêra que os rebeldes estavam a poucas leguas da cidade, e o terror era geral. A maior parte das familias preparou a fuga para Marnãos. O Capitão Sylvestre fechou a loja, sahiu para a rua, animou os timoratos e convenceu a todos de que era melhor resistir do que abandonar a povoação a meia duzia de tapuyos tontos. E para juntar o exemplo á palavra, elle e os filhos, as creanças inclusive, carregavam á cabeça as pedras necessarias para fortificar a cidade, que a sua energia salvou do saque.

Por entre as baforadas de fumo dos cigarros, tendo por principal assumpto o Capitão Sylvestre, a palestra prolongou-se. Gabaram a sua generosidade, a sua riqueza e o seu patriotismo.

Sylvestre era um dos mais abastados negociantes e fazendeiros do municipio.

A sua incrível actividade, que contrastava com a indolencia geral, a sua intelligencia illustrada pela leitura constante de bons livros, fizeram-no um industrial progressista que sabia aproveitar os elementos postos á sua disposição pela soberba natureza do Amazonas.

Não cessavam elogios de amigos e censuras encapotadas de invejosos, quando, mesmo a talho de fouce, contou alguém que passava, que o capitão acabava de abeirar ao porto de baixo na sua grande galeota de negocio.

Entre o Gama e o juiz municipal formou-se o accôrdo de irem juntos á casa do homem, apresentar-lhe a lista de subscriptores.

O Capitão, á vista de seus precedentes não assignaria menos de trinta «bacamartes» para tão patriotico fim.

O «bacamarte» era uma moeda de ouro dos Estados-Unidos que corria então com abundancia no interior do Pará. Valia pouco mais ou menos, trinta e seis mil réis da nossa moeda.

Com a subscrição do Sylvestre, as sommas obtidas em Obidos passariam de

dez contos. Obtidos, o Gama e o juiz municipal fariam um figurão.

O Capitão Sylvestre acabava de chegar á sua grande casa da rua de Bacury. Os habús ainda estavam espalhados na sala terrea que dá para a travessa da rua do Porto, e sobre um delles sentára-se negligentemente o fazendeiro, á espera de que viessem illuminar a sala ainda escura.

Era um homem de cerca de sessenta annos, de estatura meã, nervoso e secco.

Os cabellos grisalhos, cortados á escovinha, davam-lhe á physionomia um ar severo.

Exprimia-se bem, mas todas as suas palavras tinham um tom autoritario, proveniente do habito de mandar.

Nas suas grandes fazendas de cultura e de criação, uma ordem sua era obedecida sem réplica, não só pelos escravos e aggregados, mas ainda por todos os vizinhos que elle protegia, mas que o respeitavam como a um superior.

Tendo-o visto chegar fui vê-lo.

Recebeu-me familiarmente, sem levantar-se do bahú em, que se assentára.

Conversavamos alegremente sobre a colheita do anno, quando avisaram a visita do coronel Gama e do juiz municipal.

Acendeu-se um lampeão de azeite. As visitas foram recebidas na mesma sala em que nos achavamos.

O Gama e o juiz municipal entraram com ar solemne, e sentaram-se gravemente.

— Senhor Capitão, começou o juiz pausadamente, V. S. já sabe talvez o motivo da nossa visita, e julgo que nada teremos a acrescentar afim de obtermos aquillo pelo que viemos á sua casa.

O juiz estava enganado. O Capitão não sabia do que se tratava.

— Pois então vamos pôl-o ao facto de tudo! prometteu com emphase o coronel Gama.

Mas o bacharel não lhe deu tempo para cumprir a promessa. Endireitou-se na cadeira e com um accionado brando, medido, elegante, expoz :

— Os brios nacionaes, Sr. Capitão, acabam de soffrer uma sangrenta affronta de um representante official da velha Albion.

— Da Inglaterra... explicou o Gama, complascente.

— Não me admira isso, murmurou o Sylvestre com os lábios meio fechados. E o governo?

— Ahí é que pega o carro! exclamou o coronel Gama, dando uma forte palmada na perna direita.

— Eis ahí a questão « that is the question », como dizem os taes inglezes ou « hoc opus hic labor est », como diziam os romanos do outro tempo.

E o juiz municipal, tendo assim mostrado a sua erudição em linguas, continuou:

— O governo não podia conservar-se indifferente ao insulto do Bretão á dignidade nacional, mandando aprisionar navios brasileiros em plena paz e dentro da formosa bahia de Guanabara. Entretanto as circumstancias eram criticas. O inglez ameaçava a cidade do Rio de Janeiro, que não está preparada para a defesa, e o nosso paiz, como todos nós sabemos, não póde lutar de frente com as hostes da soberana dos mares. D'ahí a necessidade da prudencia, como muito bem comprehendeu o gabinete imperial. O governo brasileiro,

apezar de ter carradas de razão, pois se escudava n'uma convenção solemne e no direito das gentes, limitou-se á via diplomatica...

— Satisfações pelo insulto recebido! exclamou o Capitão Sylvestre com um relampago no olhar.

— Que quer? desculpou o Gama, o paiz não estava preparado...

— E não o está ainda, corrigiu o juiz. Demais não foram propriamente satisfações que deu o Brazil, mas explicações sobre a demora dos processos arbitraes, e enquanto isso, tratou o governo de preparar o paiz para uma lucta possivel. E como as finanças... o estado pecuniario não é lisongeiro, resolveu recorrer ao nunca desmentido patriotismo dos brasileiros...

— Ah! fez o capitão Sylvestre, sentando-se pesadamente no bahu.

— Já vê V. S. Sr. Capitão, que o governo não contou em vão com esse sentimento innato no coração de todos os filhos da terra de Santa Cruz. Por toda a parte formaram-se espontaneamente commissões, organizaram-se listas, e os donativos affluem com enthusiasmo que faz honra ao

nosso povo, e que ha de mostrar a sir William Christie que não se esbofetea impunemente a uma nação briosa.

— Cá em Obidos, accrescentou o Gama, aproveitando a pausa, o resultado excede á espectactiva.

E com orgulho:

— O presidente da provincia hade se convencer que vale muito ter amigos dedicados. O governo não póde ser indifferente ás provas... sim, a tudo que temos feito. Eu, o Victorino, o Figueiredo, o Nunes, e o Machado assignámos quinhentos mil réis cada um! O Antonio Baptista, aquelle forreta, dez « bacamartes » de ouro!

E o coronel Gama mostrava as listas cheias, que sacára da algibeira interna da sobrecasaca de panno fino, lustrosa e grave com passadeiras de cordão de seda.

Mas o astuto bacharel não perdeu a occasião de lhe dar um « cheque matte ». Tirou do bolso do frack um papel que desdobrou com elegancia, dizendo:

— No alto da minha lista ficou um logar destinado a assignalar a generosidade e o patriotismo do Capitão Sylvestre, o mais abastado fazendeiro do municipio...

Ergueu-se o Capitão Sylvestre denunciando no rosto uma resolução energica. O juiz puxou o lapis da carteira, e offereceu-lhe graciosamente, todo curvado, ante-gostando o prazer de alcançar um donativo valioso que mostrasse a sua influencia e o seu prestigio no logar em que exercia a judicatura. Recusou Sylvestre o lapis com um gesto galhardo:

— Escreva V. S. mesmo, Sr. Dr.— Sylvestre José Rodrigues de Souza...

— Sylvestre... José... Rodrigues... de Souza, repetiu o juiz, pronunciando cada nome á medida que escrevia no alto d'uma lista, curvado sobre uma pequena mesa de cedro onde estava o lampeão.

Quando acabou de escrever os nomes todos, voltou-se risonho de esperanças para o Capitão Sylvestre, perguntando:

— Com quanto subscreve ?

— Escreva, tornou o Capitão : Escreva V. S... cem bacamartes...

— Cem « bacamartes » de ouro! exclamaram unisonos o juiz e o coronel, transportados de admiração e de inveja, pela generosidade da dadiva principesca, que deixava a perder de vista os faustosos

quinientos mil réis do Figueiredo, do Machado, do Nunes, do Gama e do Victorino.

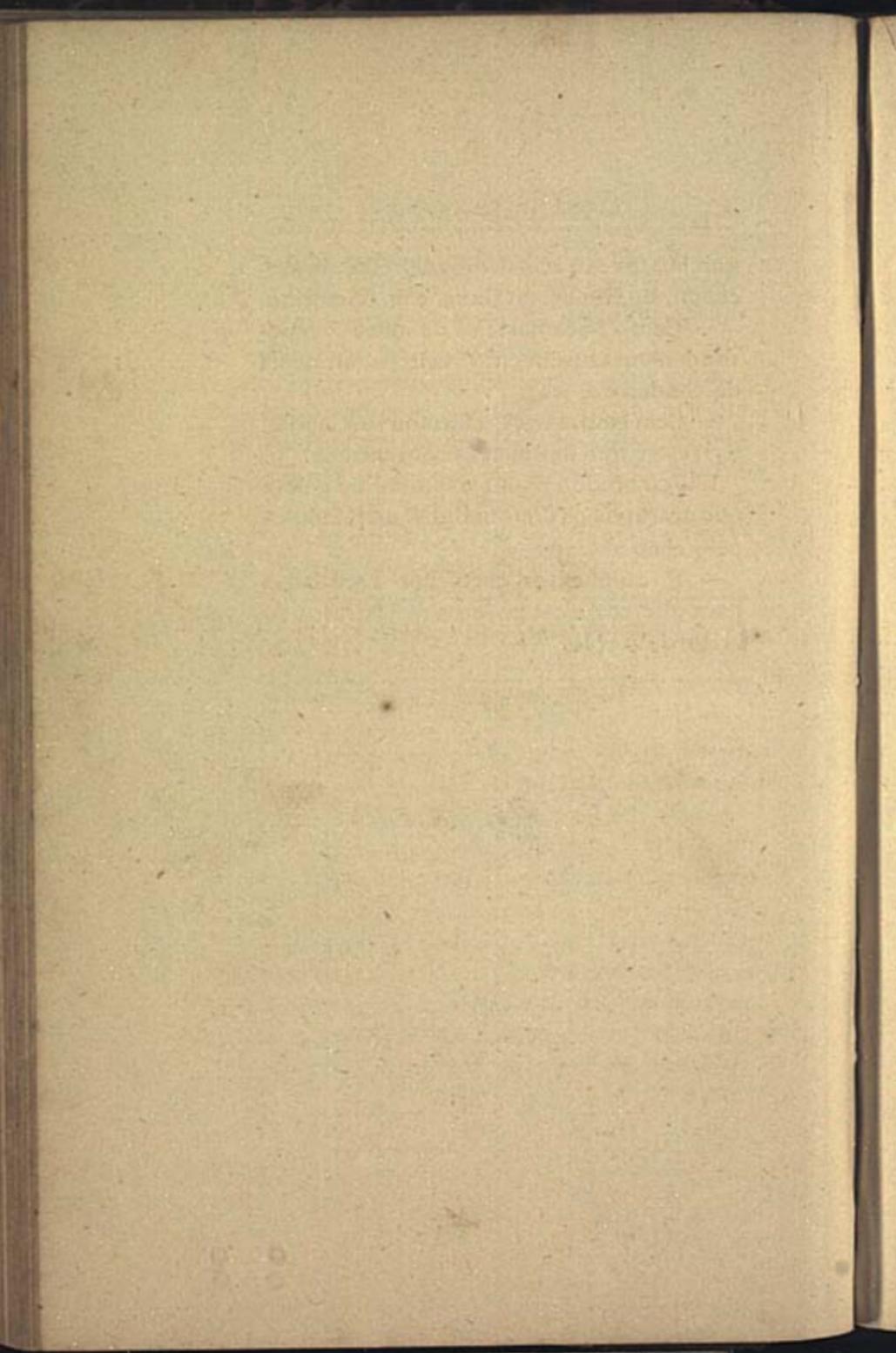
— Cem « bacamartes » de ouro ! repetiram n'um aturdimento cheio de miragens de condecorações.

— Cem bacamartes, afirmou o Capitão Sylvestre com indignação concentrada.

E logo bradou n'uma explosão de colera que acaçapou os dous amigos, mettendo-os pelo chão abaixo :

— E quinientos cartuchos embalados para guerrear esse governo que barateia os brios da Nação.

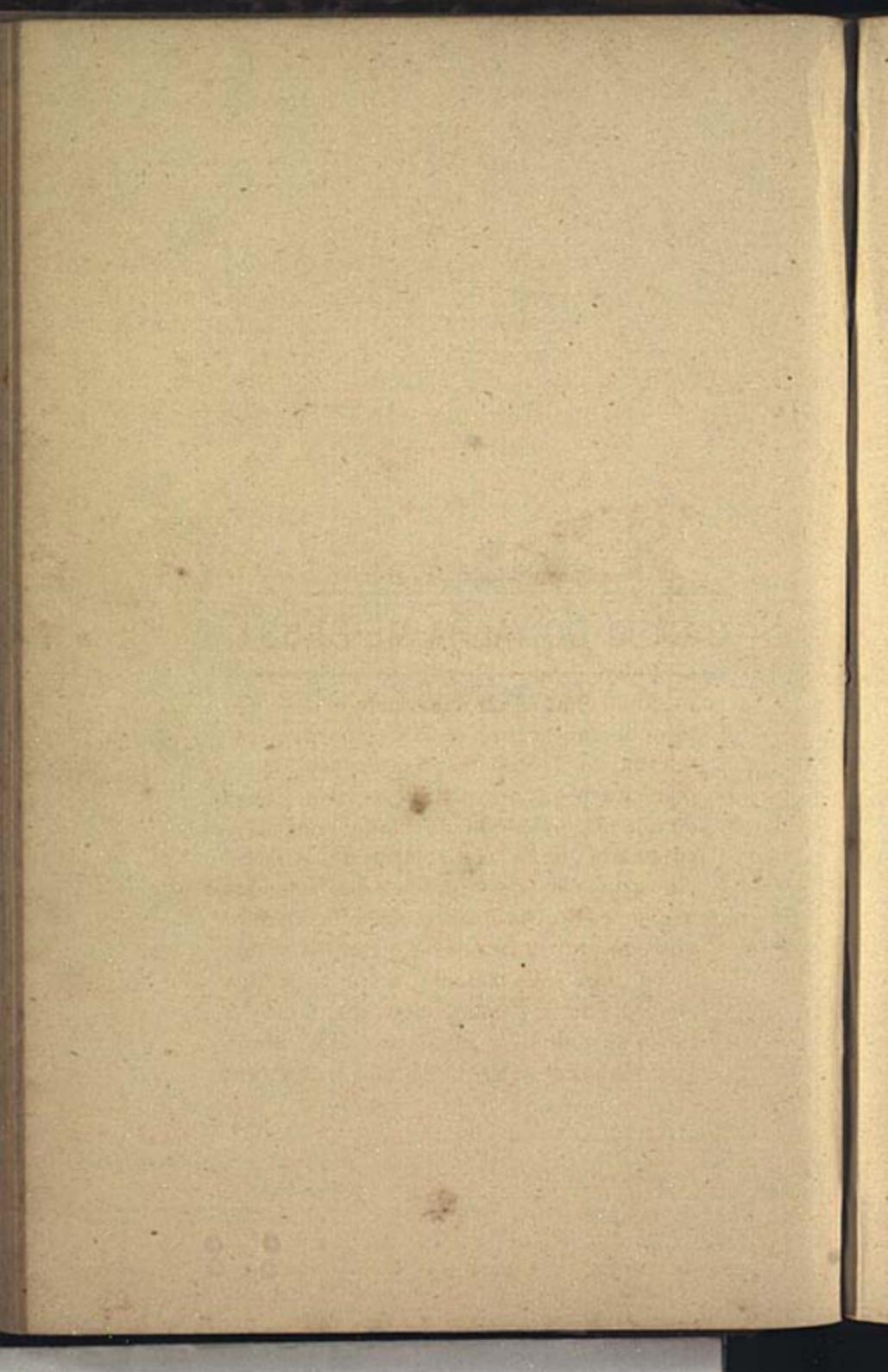






O GADO DO VALHA-ME-DEUS







MIM, para além da grande serra do Valha-me-Deus, ha muito gado perdido nos campos que, tenho para mim, se estendem desde o Rio Branco até ás bocas do Amazonas ! Já houve quem o visse nos campos que ficam p'ra lá da margem esquerda do Trombetas, de que nos deu a primeira noticia o padre Nicolino, cousa de que alguns ainda duvidam, mas todos entendem que, a existir tal gado, n'essas paragens, são rezes fugidas das fazendas nacionaes do Rio Branco. Cá o tio Domingos tem outraidéa, e não é nenhuma maluquice dos seus setenta annos puxados até o dia de S. Bertholameu, que é isso a causa de todos os meus peccados, ainda que mal discorra ; tanto que se querem

saber a razão desta minha teima, lá vai a historia tão certa como se ella passou, que nem contada em letra de fôrma, ou pregada do pulpito, salvo seja, em dia de sexta feira maior. O tio Domingos Espalha chegou á casa dos setenta sem que jámais as unhas lhe creassem pintas brancas, e os dentes lhe cahiram todos sem nunca haverem mastigado um carapetão, isso o digo sem medo de que traste nenhum se atreva a chimpár-me o contrario na lata.

Pois foi, já lá vão bons quarenta annos ou talvez quarenta e cinco, que n'isto de contagem de annos não sou nenhum sabio da Grecia, tinha morrido de fresco o defunto padre Geraldo, que Deus haja na sua santa gloria, e cá nã terra foi o dono da fazenda Paraiso, em Faro, e possuia tambem os campos do Jamary, onde bem bons tucumans-assú eu comi no tempo em que ainda tinha mobilia na sala, ou, salvo seja, dentes esta boca que nunca mentio, e que a terra fria hade comer.

Padre Geraldo fez no seu testamento uma deixa da fazenda ao Amaro Pães que levava toda a vida de pagóde

em Faro, e aqui em Obidos, e nunca pôde contar as milhares de cabeças que o defunto padre havia creado no Paraiso, e que passavam pelas mais gordas e pesadas de toda esta redondeza.

Não que o visse, não senhores, eu não vi; mas todos gabavam o asseio com que o padre creava aquelle gado, que era mesmo a menina dos seus olhos, a ponto de passar quinze annos de sua vida sem comer carne fresca, por não ter animo de mandar sangrar uma rez. Quando fui contratado para a fazenda, já o defunto havia dado a alma a Deus por causa d'umas friagens que apanhara embarcado, e de que lhe nascera um pão de frio, bem por baixo das costellas direitas, não havendo lambedor, nem mezinha que lhe valesse, porque, emfim, já chegara a sua hora, lá isso é que é verdade.

Havia um anno que a fazenda Paraiso estava, por assim dizer, abandonada, porque o Amaro nunca lá apparecia, senão para se divertir, atirando ao gado, como quem atira a onças e fazendo-se valente na caçada dos pobres bois, creaturas de Deus, que a ninguem offendem, porque.

emfim, isso lá d'uma pequena marrada de vez em quando é para se defenderem e experimentarem o peito do vaqueiro, porque o boi sempre é animalzinho que embirra com gente maricas. As proesas do Amaro Páes tinham feito embravecer o gado, que, por fim, já ninguem era capaz de o levar para a malhada, e ainda menos de o metter no curral, o que era pena para um gadinho tão amimado pelo padre Geraldo, um verdadeiro rebanho de carneiros pela mansidão, que era mesmo de se lavar com um bochecho para não dizer mais, e a alma do padre lá em cima havia de estar se mordendo de zanga, vendo as súas rezes postas n'aquelle estado pelo estrompa do herdeiro, que fazia dôr de coração.

Não pensem que eu agora digo isto para me gabar, pois quem pensar o contrario não tem mais do que perguntar aos moleques do meu tempo a razão porque me deram o appellido de Domingos Espalha, que era porque nenhum vaqueiro da terra, do Rio Grande, ou de Cayenna me aguentava no repuxo da vaqueação; eu era molecote ainda, mas quando

se tratava d'alguma féra difficil, era o Domingos Espalha que se ia buscar onde estivesse, porque ninguem melhor do que elle conhecia as manhas do gadinho, e segurava-se melhor na sella sem estribos nem espóras, á moda da minha terra, d'onde vim pequeno mas já entendido n'estes assados.

Pois para a festa de S. João, que o Amaro Paes ia passar na villa queria elle uma vacca bem gorda para comer, e me incumbio a mim e ao Chico Pitanga, de tomarmos conta da fazenda, assignalar o gado orelhudo, e remetter a vacca a tempo de chegar descansada nas vesperas da festa, o que me parecia a mim que era a tarefa mais á tóa de que me encarregara até então, embora os outros vaqueiros me dissessem que havia de perder o meu *latin* com o tal gadinho de um figa.

O Chico Pitanga e eu entrámos na *montaria*, levando um par de cordas de couro feitas por mim mesmo com corredeiras de ferro, um panciro de farinha e um frasco de cachaça da bôa, feita de farinha de mandioca, que era de queimar as guélas e consolar a um filho de Deus.

Abicámos ao porto do Paraiso ás seis horas da tarde, recolhemo-nos á casa por ser já tarde para procurar o gado, que, entretanto, ouviamos mugir a pequena distancia, e parecia estar encoberto por um capão de matto. Fizemos a nossa janta de piraurucú assado e farinha, não mostrámos cara feia á aguardente de beijú e ferrámos n'um bom somno toda a noite até que pela madrugada sahimos em busca do gado montando em pello dous cavallos da fazenda que encontrámos pastando perto do curral. Qual gado, nem pera gado ! Batemos tudo em roda, caminhamos todo o santo dia, e eu já dizia p'ra o Chico Pitanga que a fama do Espalha tinha espalhado a boiama, quando lá pelo cahir da tarde fomos parar á ilha da Pacova-Sororoca, que fica bem no meio do campo, a umas duas leguas da casa grande. Bo nita ilha, sim, senhores, é mesmo de alegrar a gente aquelle immenso paco val no meio do campo baixo, que parece um enfeite que Deus Nosso Senhor botou alli para se não dizer que quiz fazer campo, campo e mais nada. Bonita ilha, sim, senhores, porém muito mais bonita era a vacca que lá encontrámos,

deitada debaixo de uma arvore, mastigando, olhando p'ra gente muito senhora de si, sem se affligir com a nossa presença, parecia uma rainha no seu palacio, tomando conta d'aquella ilha toda, com um geito bomzinho de quem gosta de receber uma visita, e tem prazer em que a visita se assente debaixo da mesma arvore, goze da mesma sombra, e descance como está descansando. Não, senhores, não tinha nada de gado bravo a tal vaquinha, grande, gorda, roliça de fazer sella, negra da côr da noite, com um ar de tão boa carne que o diacho do Chico Pitanga ficou logo de agua na boca, e vae não vae prepara laço para lhe botar nos madeiros, com perdão da palavra. Me bateu uma pancada no coração, dura como acapú, de não sei que me parecia ofender aquella vacca tão gorda e lisa, que alli estava tão a seu gosto, querendo metter a gente no coração com os olhos brandos e amigos, sem cerimonia nenhuma e muito senhora de si, e disse p'ra o Chico que aquillo era uma vergonha p'ra mim ser mandado como o vaqueiro mais saccudido a amansar aquelle gado bravo, e por fim de contas segurar a primeira vacca maninha

que encontrava, como qualquer coromim sem pratica da arte: mas o tinhosofallou na alma de meu companheiro que, sem mais aquella, atirou o laço e segurou os cornos da vacca. Ella, coitadinha, se empinou toda, deixando vêr o peito branco, com umas tetinhas de moça, palavra de honra! E eu p'ra não parecer que receiava o lance botei-lhe a minha corda tambem. Olhem que corda tecida por mim é dura de arre-bentar, pois arrebutaram ambas como se fossem linha de coser, só com um puxão que a tal vaquinha lhe deu, e vai senão quando, com a força cahe a vacca no chão e fica espichada que nem um defunto.

Cá p'ra mim que conheço as manhas do povo com que lido, disse logo que aquillo era fingimento, e botei-me p'ra ella p'ra a sujeitar pelos chifres, que para isso pulso tinha eu, não é por me gabar. Mas qual fingimento, nem meio fingimento! A vacca estava morta e bem morta, como se a quéda lhe tivesse arrebutado os bofes, apezar de eu a ter visto, havia tão pouco tempo, viva e san, como nós aqui estamos, mal comparado, o que mostra que o homem não é nada neste mundo.

Mas era tão nova a morte, e havia já mais de uma semana, que não comíamos senão pirarucú secco, que aquella gordura toda me fez ferver o sangue, me deu uma fome de carne fresca, que parecia que já tinha o sal na boca, da baba que me cahia pelos beiços a baixo; trepei a cima da vacca, e sangrei-a na veia do pescoço, e logo o Chico Pitanga lhe furou a barriga, rasgando-a dos peitos até as maminhas, com perdão de vocemêcês. O diacho da vacca, dando um estouro, arreventou como uma bexiga cheia de vento, e em vez de apparecer a carne fresca, era espuma e mais espuma, uma espuma branca como algodão em rama, que sahia da barriga, dos peitos, dos quartos, do lombo, de toda parte emfim, pois que a vacca não era senão ossos, espuma e couro por fóra, e acabou-se; e logo (me disse depois o Chico Pitanga) o demonio da rez começou a escorrer ch ro pelos olhos, como se lhe doesse muito aquella nossa ingratição.

Largámos a rez no campo, e como já se ia fazendo tarde, voltámos de corrida para a casa, onde dormimos sabe Deus como, sem ceiar, é verdade, porque a malvada

espuma me tinha revirado as tripas que tudo me fedia.

Mal veio a madrugada, fomos caminho da ilha da Pécova-Sororoca, á procura da vaccada, levando cada um o seu saquinho cheio de farinha d'agua, e outro de sal, para a demora que houvesse, e vimos uma grande batida de gado, em roda do lugar onde havíamos deixado na vespera o corpo da vacca preta, mostrando que eram talvez para cima de cinco mil cabeças, mas não achamos uma só rez, nem mesmo a tal vaquinha assassinada por nós.

Me ferveu o sangue, e eu disse p'ra o Chico Pitanga:

— Isto tambem já é demais. Ou eu hei de encontrar os diachos das rezes, ou não me chame Domingos Espalha.

E botámos-nos no campo, busca daqui, bate de lá, vira dalli, corre p'ra cá, até que pela volta do meio dia descobrimos o rasto, uma immensa batida, com as pégadas no chão, que se estava vendo que o gado passara alli naquelle instantinho, e tivemos certeza de que eram mais de cinco mil cabeças, pois a estrada era larga como o Amazonas aqui defronte, e as pégadas

unidas miudo, miudo, de gado muito apertado que foge a toda pressa, com os cornos no rabo uns dos outros; e vocemccês desculpem esta minha franqueza, que eu nunca andei na escola. A batida ia dircito, dircito para o centro das terras, e vae o Chico Pitanga disse: « Seu Espalha, a bicharia passou ainda agorinha ». E nos botámos a toda a brida, seguindo o rasto, sempre vendo signaes certos da passagem da vaccada, mas sem encontrar viv'alma no caminho.

Já estavamos cançados da vida, mais mortos do que outra cousa, nos apçámos e sentámos á beira do Ygarapé dos Macacos para nos refrescarmos com um pouco de chibé. Vinha cabindo a noite, e do outro lado do Ygarapé, no meio de um capinzal de dez palmos de altura ouviamos mugir o gado, tão certo como estarem vocemccês me ouvindo a mim, com a differença que nós tivemos um alegrão, e tratámos de dormir depressa para acordarmos cedo, bem cedinho, e irmos cercar os bois do Amaro Paes que daquella feita não nos haviam de escapar, ainda que tivesse eu de botar os bofes pela boca fóra, ficando estirado alli no meio do campo.

Eu nunca na minha vida passei nem hei de passar, com perdão de Deus, uma noite tão feia como aquella! Começou a chover uma chuvinha miuda, que não tardou em varar as folhas do ingazeiro que nos cobria, de forma que era o mesmo que estarmos na rua; os pingos d'agua, rufandó no arvoredo, cahiam duros e frios nas nossas roupas já humidas de suor, e punham-nos a bater queixo, como se tivéssemos sezões; logo logo começou a boiada a uivar, *faresque* chorando a morte da maninha, que fazia um berreiro dos meus peccados, com a differença que era um choro que parecia de gente humana, e nos dava cada sacudidela no estomago que só por vergonha não solucei, ao passo que o maricas do Chico Pitanga chorava como um bezerro, que metia dó. Aquillo estava bem claro que a vacca preta era a mãe do rebanho, e como nós a tinhamos assassinado, haviamos de aguentar toda aquella choradeira.

Por maior castigo ainda, os cavallós pegaram medo daquelle barulho, romperam as cordas, e fugiram tão atordoados que nos deram grande canceira para os agarrar, e nisso levámos a noite toda, sem

pregar olho nem descançar um bocado. Quando vinha vindo a madrugada, passámos o Ygarapé dos Macacos e entramos no capinzal, que era a primeira vez que avistavamos aquellas paragens, que já nem sabíamos a quantas leguas estávamos da fazenda Paraíso, navegando naquelle sertão central. Era um campo muito grande que se estendia a perder de vista, quasi despido de arvores, distanciando-se apenas de longe em longe no meio do capinzal verde as folhas brancas das embaubas, balançadas pelo vento para refrescar a gente no meio d'aquella soalheira terrível, capaz de assar um frango vivo.

Vimos perfeitamente o lugar onde o gado passara a noite, um grande largo, com o capim todo machucado, mas nem uma cabecinha p'ra remedio ! Já tinham os diachos seguido seu caminho, sempre deixando atraz de si uma rua larga, aberta no capinzal, em direcção á Serra do Valha-me Deus, que depois de duas horas de viagem começámos a ver muito ao longe, espectando no céu as suas pontas azues. Galopámos, galopámos atraz d'elles, mas qual

gado, nem pera gado, só viamos diante da cara dos cavallos aquelle immenso mar de capim com as pontas torradas por um sol de braza, parecendo sujas de sangue, e no fundo a Serra do Valha-me-Deus, que parecia fugir de nós a toda a pressa. Ainda dormimos aquella noite no campo, a outra e a outra, sempre seguindo durante o dia as pégadas dos bois, e ouvindo á noite a grande choradeira que faziam a alguns passos de distancia de nós, mas sem nunca lhes pormos a vista em cima, nem um bezerro desgarrado, nem uma vaquinha preguiçosa! Eu já estava mesmo levado da carepa, anojado, triste, desesperado da vida, cançado n'alma de ouvir aquella prantina desenfreada todas as noites, sem me deixar pregar o olho, e o Chico Pitanga cada vez mais pateta, dizendo que aquillo era castigo por termos assassinado a mãe do gado; ambos com fome, já não podiamos mover os braços e as pernas, galopando, galopando por cima do rasto da boiada, e nada de vermos cousa que se parecesse com boi nem vacca, e só campo e céu, céu e campo, e de vez em quando bandos e bandos de

marrecas, colhereiras, nambús, maguaries, garças, tuyuyús, guarás, carões, gaivotas, maçaricos e arapapás que levantavam o vôo debaixo das patas dos cavallos, soltando gritos agudos, verdadeiras gargalhadas por se estarem rindo do nosso vexame lá na sua lingua d'elles. E os cavallos cançados, trocando a andadura, e nós com pena d'elles, a farinha acabada, de pirarucú nem uma isca, sem arma para atirar aos passaros, nem vontade para isso, sem uma pinga de aguardente, sem uma rodela de tabaco, e a batida do gado espichando diante de nós, cada vez mais comprida, para nunca mais acabar, até que uma tarde, já de todo sem coragem, fomos dar com os peitos bem na encosta da Serra do Valha-me-Deus, onde nunca sonhei chegar, e bem raros são os que se têm atrevido a approximar-se d'ella.

Mas o diacho das pégadas do gado subiam pela serra a cima, trepavam em riba uma das outras até se perder de vista, por um caminho estreito que volteava no monte e parecia sem fim. Alli parámos, quando vimos aquelle mundo da Serra do Valha-me-Deus, que ninguem subio até hoje,

nos tapando o caminho, que era mesmo uma maldição ; pois se não fosse o diacho da serra, eu cumpriria a minha promessa, ainda que tivesse de largar a alma no campo.

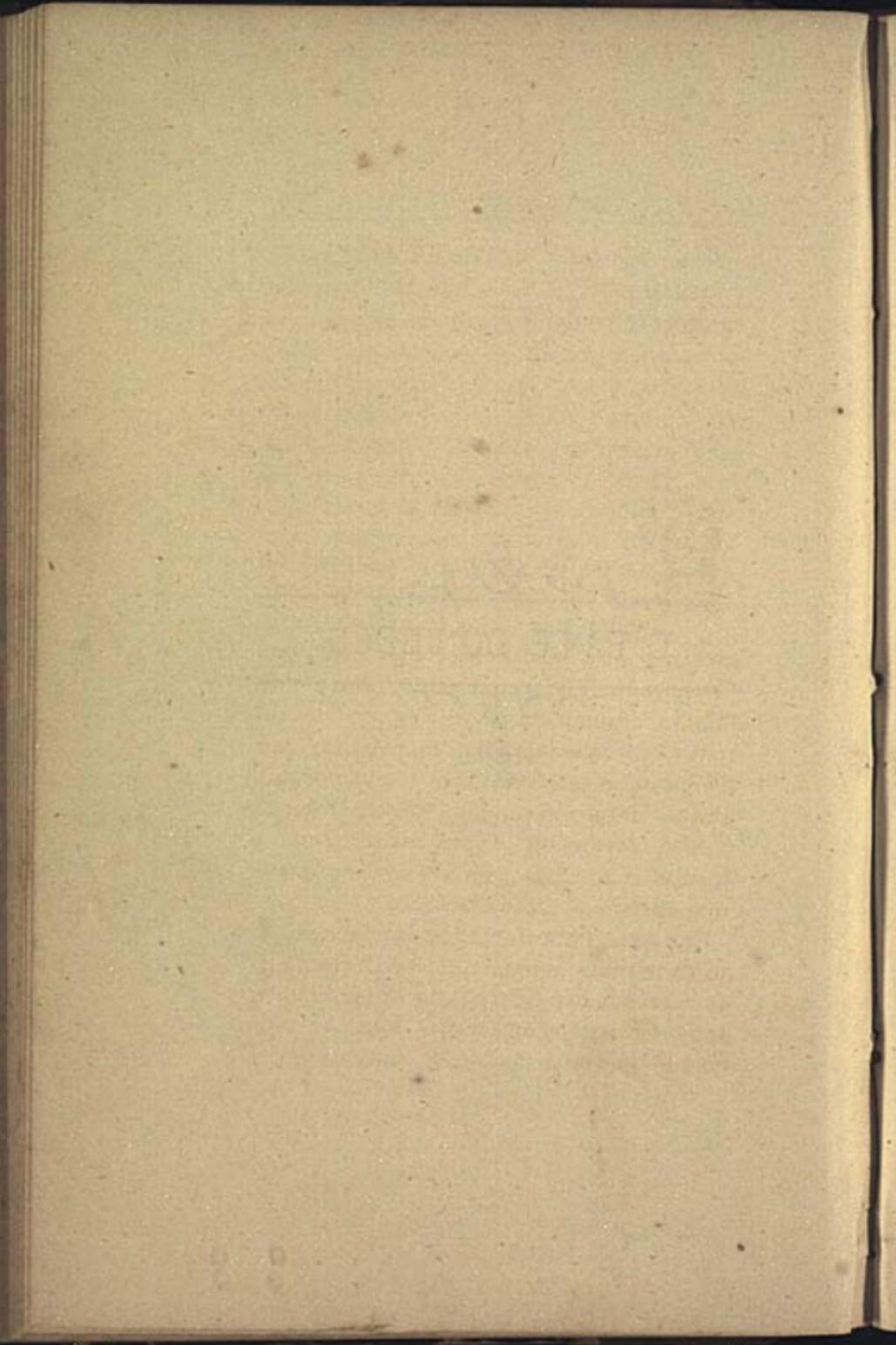
Nunca vi cachorro mais damnado do que eu fiquei. Voltámos para traz, moidos que nem mandioca puba em *típiti*, curtindo oito dias de fome de farinha e sede de aguardente, até chegarmos á fazenda Paraiso, e só o que eu digo é que nunca encontrei gado que me dêsse tanta canceira.





O BAILE DO JUDEU







ERA um dia lembrou-se o Judeu de dar um baile, e atreveu-se a convidar a gente da terra, a modo de escarneo pela verdadeira religião de Deus Crucificado, não esquecendo no convite familia alguma das mais importantes de toda a redondeza da Villa. Só não convidou o vigario, o sacristão, nem o andador das almas, e menos ainda o Juiz de Direito; a este por medo de se metter com a Justiça, e aquelles pela certeza de que o mandariam pentear macacos.

Era de suppor que ninguem accudisse ao convite do homem que havia pregado as bentas mãos e os pés de Nosso Senhor Jesus-Christo n'uma cruz, mas ás oito horas da noite d'aquelle famoso dia, a

~~~~~

casa do Judeu, que fica na rua da frente, a umas dez braças quando muito da barra do rio, já não podia conter o povo que lhe entrava pela porta dentro; cousa digna de admirar-se hoje que se prendem bispos e por toda a parte se desmascaram lojas maçônicas, mas muito de assombrar n'aquelles tempos em que havia sempre algum temor de Deus e dos mandamentos de sua Santa Mãe e Igreja Catholica Apostolica Romana.

Lá estavam em plena judiaria, pois assim se pode chamar a casa d'um malvado Judeu, o tenente-coronel Bento de Arruda, commandante da guarda nacional, o capitão Coutinho, commissario das terras, o Dr. Filgueiras, o delegado de policia, o collector, o agente da companhia do Amazonas; toda a gente grada, enfim, pretextando uma curiosidade desesperada de saber se de facto o Judeu adorava uma cabeça de cavallo, mas na realidade movida da noticia da excellente cerveja Bass e dos sequilhos que o Izaak arranjára para aquella noite, entrava alegremente no covil d'um inimigo da Igreja, com a mesma frescura com que iria visitar um bom christão.

Era em Junho, n'um dos annos de maior enchente do Amazonas. As aguas do rio, tendo crescido muito, haviam engulido a praia, e iam pela ribanceira acima, parecendo querer innundar a rua da frente, e ameaçando com um abysmo de vinte pés de profundidade os incautos transeuntes que se approximavam do barranco.

O povo que não obtivera convite, isto é, a gente de pouco mais ou menos, apinhava-se em frente á casa do Judeu, brilhante de luzes, graças aos lampeões de kerozene, tirados da sua loja, que é bem sortida. De torcidas e oleo é que elle devia ter gasto suas patacas n'essa noite, pois quanto aos lampeões, bem lavadinhos e estregados com cinza, hão de ter voltado para as prateleiras da bodega.

Começou o baile ás 8 horas, logo que chegou a orchestra, composta do Chico Carapanam, que tocava violão, do Pedro Rabequinha e do Raymundo Pennaforte, um tocador de flauta de que o Amazonas se orgulha. Muito pode o amor ao dinheiro, pois que esses pobres homens não duvidaram tocar na festa do Judeu com os

mesmos instrumentos com que acompanhavam a missa aos domingos na Matriz; por isso dous d'elles já foram severamente castigados, tendo o Chico Carapanam morrido afogado um anno depois do baile, e o Pedro Rabequinha soffrido quatro mezes de cadeia por uma descompostura que passou ao capitão Coutinho a proposito d'uma questão de terras. O Pennaforte que se acautele!

Muito se dançou naquella noite, e, a fallar a verdade, muito se bebeu tambem, porque em todos os intervallos da dança lá corriam pela sala os copos da tal cerveja Bass que fizera muita gente boa esquecer os seus deveres. O contentamento era geral, e alguns tolos chegavam mesmo a dizer que na villa nunca se vira um baile igual!

A rainha do baile era incontestavelmente a D. Mariquinhas, mulher do tenente-coronel Bento de Arruda, casadinha de tres semanas Alta, gorda, tão rosada que parecia uma portugueza, a D. Mariquinhas tinha uns olhos pretos que haviam transformado a cabeça a muita gente; e o que mais n'ella encantava era a faceirice com

que sorria a todos,parecendo não conhecer maior prazer do que ser agradável a quem lhe fallava. O seu casamento fôra por muitos lastimado, embora o tenente-coronel não fosse propriamente um velho, pois não passava ainda dos cincoenta ; diziam todos que uma moça nas condições d'aquella tinha onde escolher melhor, e fallava-se muito de um certo Lulú Valente, rapaz dado a caçoadas de bom gosto, que morrera pela moça, e ficara fóra de si com o casamento do tenente-coronel; mas a mãe era pobre, uma simples professora regia ! O tenente-coronel era rico,viuvo,sem filhos, e tantos foram os conselhos, os rogos e agrados, e segundo outros, as ameaças da velha, que a D. Mariquinhas não teve outro remedio senão mandar o Lulú ás favas, e casar com o Bento de Arruda; mas nem por isso perdeu a alegria e amabilidade, e na noite do baile do Judeu estava deslumbrante de formosura, com o seu vestido de nobreza azul celeste, as suas pulseiras de esmeraldas e rubins, os seus bellos braços brancos e roliços, d'uma carnadura rija; e alegre como um passarinho em manhã de verão. Se havia, porém, n'esse

baile alguém alegre e satisfeito de sua sorte era o tenente-coronel Bento de Arruda que, sem dançar, encostado aos humbraes d'uma porta, seguia com o olhar apaixonado todos os movimentos da mulher, cujos vestidos, ás vezes, no rodopiar da valsa, vinham roçar-lhe as calças brancas, causando-lhe calefrios de contentamento e de amor.

A's onze horas da noite, quando mais animado ia o baile, entrou de repente um sujeito baixo, feio, de casacão comprido e chapéu desabado, que não deixava vêr o rosto, escondido também pela golla levantada do casaco. Foi direito a D. Mariquinhas, deu-lhe a mão, tirando-a para uma contradança que se ia começar.

Foi muito grande a surpresa de todos, vendo aquelle sujeito de chapéu na cabeça, e mal amanhado, atrever-se a tirar uma senhora para dançar, mas logo cuidaram que aquillo era uma troça, e puzeram-se a rir com vontade, acercando-se do recém-chegado para ver o que faria. A propria mulher do Bento de Arruda ria-se a bandeiras despregadas, e ao começar a musica lá se pôz o sujeito a dançar, fazendo

muitas macaquices, segurando a dama pela mão, pela cintura, pelas espadas, n'uns quasi-abraços lascivos, parecendo muito entusiasmado. Toda a gente ria, inclusive o tenente-coronel, que achava uma graça immensa n'aquelle desconhecido a dar-se ao desfructe com sua mulher, cujos encantos, no pensar d'elle, mais se mostravam n'aquellas circumstancias.

— Ora já viram que typo? Já viram que gaiatice! E' mesmo muito engraçado, pois não é? Mas quem será o diacho do homem? E esta de não tirar o chapéu? E parece ter medo de mostrar a cara... Isto é alguma troça do Manduca Alfaiate ou do Lulú Valente! Ora, não é, pois não se está vendo que é o immediato do vapor que chegou hoje! E' um moço muito engraçado, apesar de portugez! Eu outro dia o vi fazer uma em Obidos que foi de fazer rir as pedras! Aguenta, D. Mariquinhas, o seu par é um decidido! Toque paradiante, seu Rabequinha, não deixe parar a musica no melhor da historia!

No meio d'estas e outras exclamações semelhantes, o original cavalheiro saltava, fazia tregeitos sinistres, dava guinchos

esturdios, dançava desordenadamente, agarrado a D. Mariquinhas, que já começava a perder o folego e parara de rir. O Rabequinha friccionava com força o instrumento e saccudia nervosamente a cabeça; o Carapanam dobrava-se sobre o violão e callejava os dedos para tirar sons mais fortes, que dominassem a vozeria; o Pennaforte, mal contendo o riso, perdera a embocadura e só conseguia tirar da flauta uns estridulos sons desafinados, que augmentavam o burlesco do episodio; os tres musicos, electrisados pelos applausos dos circumstantes e mais pela originalidade do caso, faziam um supremo esforço, enchendo o ar d'uma confusão de notas agudas, roucas e estridentes, que dilaceravam os ouvidos, irritavam os nervos, e augmentavam a excitação cerebral, de que elles mesmos e os convidados estavam possuidos.

As risadas e exclamações ruidosas dos convidados, o tropel dos novos espectadores que chegavam em chusma do interior da casa e da rua, acotovellando-se para ver por sobre a cabeça dos outros; e sonatas discordantes do violão, da rabeça

e da flauta, e sobretudo os grunhidos sinistramente burlescos do sujeito de chapéu desabado abafavam os gemidos surdos da esposa de Bento de Arruda, que começava a desfallecer de cansaço, e parecia já não experimentar prazer algum naquella dança desenfreada que alegrava a tanta gente. Farto de repetir pela sexta vez o motivo da 5ª parte da quadrilha, o Rabequinha fez aos companheiros um signal de convenção, e bruscamente a orchestra passou, sem transição, a tocar a dança da moda.

Um bravo geral applaudio a melodia cadenciada e monotona da *Varsoviana*, a cujos primeiros compassos correspondeu um viva prolongado. Os pares que ainda dançavam retiraram-se para melhor poder apreciar o engraçado cavalheiro de chapéu desabado, que, estreitando então a dama contra o concavo peito, rompeu n'uma valsa vertiginosa, n'um verdadeiro turbilhão, a ponto de se não distinguirem quasi os dous vultos que rodopiavam entrelaçados, espalhando toda a gente e derrubando tudo quanto encontravam. A moça não sentia mais o soalho sob os pés, milhares de luzes offuscavam-lhe a

vista, tudo rodava em torno d'ella; o seu rosto exprimia uma angustia suprema, em que alguns maliciosos sonharam vêr um extase de amor.

No meio d'essa estupenda valsa, o homem deixa cahir o chapéo, e o tenente-coronel que o seguia assustado para pedir que parasse, vio com horror que o tal sujeito tinha a cabeça furada. E em vez de ser homem era um bôto, sim, um grande bôto, ou o demonio por elle, mas um Sr. bôto que affectava, como por maior escarneo, uma vaga semelhança com o Lulú Valente. O monstro, arrastando a desgraçada dama pela porta fóra, espavorido com o signal da cruz feito pelo Bento de Aruda, atravessou a rua sempre valsando, ao som da *Varsoviana*, e chegando á ribanceira do rio, atirou-se lá de cima com a moça imprudente, e com ella se atufou nas aguas.

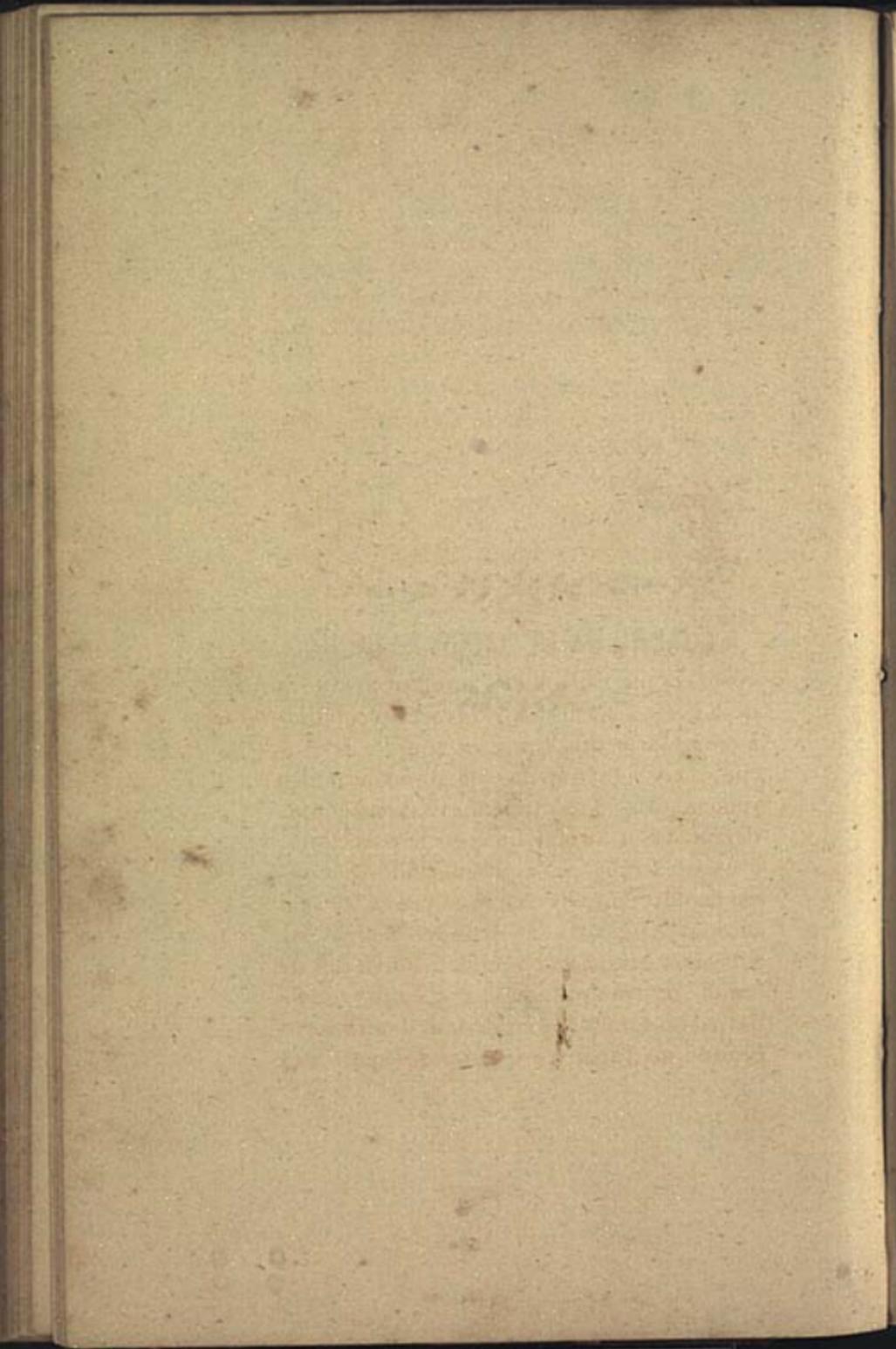
Des d'essa vez ninguem quiz voltar aos bailes do Judeu.





A QUADRILHA DE JACOB PATACHO







RAM sete horas dadas, a noite estava escura, e o ceu ameaçava chuva.

Terminara a ceia, composta de cebola cozida e *pirarucú* assado, o velho Salvaterra dera graças a Deus pelos favores recebidos; a *sôra* Maria dos Prazeres tomava pontos em umas velhas meias de algodão muito remendadas; a Annica enfiava umas contas destinadas a formar um par de braceletes, e os dois rapazes, espreguiçando-se, conversavam em voz baixa sobre a ultima caçada. Allumiava as paredes negras da sala uma candeia de azeite, reinava um ar tepido de tranquillidade e socego, convidativo do somno. Só se ouviam o murmúrio brando do Tapajoz e o ciciar do vento nas

folhas das pacoveiras. De repente, a Annica inclinou a linda cabeça, e poz-se a escutar um ruido surdo que se approximava lentamente.

— Ouvem ? perguntou.

O pae e os irmãos escutaram tambem por alguns instantes, mas logo concordaram, com a segurança dos habitantes de logares ermos:

— E' uma canôa que sóbe o rio.

— Quem ha de ser ?

— A estas horas, opinou a *sôra* Maria dos Prazeres, não pôde ser gente de bem.

— E porque não, mulher? reprehendeu o marido; isto é alguém que segue para Irituia.

— Mas quem viaja a estas horas? insistio a timorata mulher.

— Vem pedir-nos agasalho, redarguio. A chuva não tarda, e esses christãos hão de querer abrigar-se.

A *sôra* Maria, continuou a mostrar-se apprehensiva. Muito se fallava então nas façanhas de Jacob Patacho; nos assassinatos que a miudo commettia; casos estupendos se contavam de um horror indizível: incendios de casas depois de

pregadas as portas e janellas para que não escapassem á morte os moradores. Enchia as narrativas populares a personalidade do terrivel Saraiva, o tenente da quadrilha cujo nome não se pronunciava sem fazer arripiar as carnes aos pacificos habitantes do Amazonas. Felix Salvaterra tinha fama de rico e era portuguez, duas qualidades perigosas em tempo de cabanagem. O sitio era muito isolado e grande a audacia dos bandidos. E a mulher tinha lagrimas na voz lembrando estes factos ao marido.

Mas o ruido do bater dos remos n'agua cessou, denotando que a canôa abicára ao porto do sitio. Ergueu-se Salvaterra, mas a mulher agarrou-o com ambas as mãos :

— Onde vais, ó Felix ?

Os rapazes lançaram vistas cheias de confiança ás suas espingardas, penduradas na parede e carregadas com bom chumbo, segundo o habito de precaução naquelles tempos infelizes; e seguiram o movimento do pae. A Annica, silenciosa, olhava alternativamente para o pae e para os irmãos.

Ouviram-se passos pesados no terreiro, e o cão ladrou fortemente. Salvaterra desprendeuse dos braços da mulher e abriu a

porta. A escuridão da noite não deixava vêr cousa alguma, mas uma voz rustica sahiu das trevas.

— Bôa noite, meu branco.

— Quem está ahí? indagou o portuguez. Se é de paz, entre com Deus.

Então dois caboclos appareceram no circulo de luz projectado fóra da porta pela candeia de azeite. Trajavam calças e camisa de riscado e traziam na cabeça grande chapéo de palha. O seu aspecto nada offercia de peculiar e distincto dos habitantes dos sitios do Tapajoz.

Tranquillo, o portuguez afastou-se para dar entrada aos nocturnos visitantes. Offerceu-lhes da sua modesta ceia, perguntou-lhes d'onde vinham e para onde iam.

Vinham de Santarém, e iam a Irituia, á casa do tenente Prestes levar uma carga de fazendas e molhados por conta do negociante Joaquim Pinto; tinham largado do sitio de Avintes ás quatro horas da tarde, contando amanhecer em Irituia, mas o tempo se transtornara á boca da noite, e elles, receiando a escuridão e a pouca pratica que tinham d'aquella parte do rio, haviam deliberado parar no sitio de

Salvaterra, e pedir-lhe agasalho por uma noite. Se a chuva não dêsse, ou passasse com a sahida da lua lá para a meia noite, continuariam a sua viagem.

Os dois homens fallavam serenamente, arrastando as palavras no compasso preguiçoso do caboclo que parece não ter pressa de acabar de dizer. O seu aspecto nada offerecia de extraordinario. Um, alto e magro, tinha a apparencia doentia; o outro reforçado, baixo, e de cara bexigosa, não era sympathico á dona da casa, mas afóra o olhar de lascivia torpe que dirigia á Annica, quando julgava que o não viam, parecia a creatura mais inoffensiva deste mundo.

Depois que a *sôra* Maria mostrou ter perdido os seus receios, e que a Annica serviu aos caboclos os restos da ceia frugal d'aquella honrada familia, Salvaterra disse que eram horas de dormir. O dia seguinte era de trabalho e convinha levantar cedo para ir em busca da *pequena* e mais da *malhada*, duas vaccas que lhe haviam desaparecido n'aquelle dia. Então um dos tapuyos, o alto, a quem o companheiro chamava ceremoniosamente — *seu João*, — levantou-se e

declarou que iria dormir na canôa, a qual posto que muito carregada, dava acomodação a uma pessoa, pois era uma galeota grande. Salvaterra e os filhos tentaram dissuadir-o do projecto, fazendo ver que a noite estava má e que a chuva não tardava, mas o tapuyo, apoiado pelo companheiro, insistio. Nada, que as fazendas não eram d'elle e *seu* Pinto era um branco muito rusguento, e sabia lá Deus o que podia acontecer; os tempos não andavam bons, havia muito tapuyo ladrão ahi por esse mundo, accrescentava com um riso alvar, e de mais elle embirrava com esta historia de dormir dentro d'uma gaiola. Quanto á chuva pouco se importava, queria segurança e agasalho para as fazendas; elle tinha o couro duro e um excellente *japá* na tolda da galeota.

No fundo quadrava perfeitamente á *sôra* Maria a resolução do *seu* João, não só porque pensava que mais vale um hospede do que dois, como tambem por lhe ser difficil accomodar os dois viajantes na sua modesta casinha. Assim não duvidou applaudir a lembrança, dizendo ao marido:

— Deixa lá, homem, cada um sabe de si e Deus de todos.

O caboclo abriu a porta e sahio acompanhado pelo cão de guarda, cuja cabeça amimava, convidando-o para lhe fazer companhia, *por via das duvidas*. A noite continuava escura como breu. Lufadas de um vento quente, prenuncio de tempestade, açoutavam nuvens negras que corriam para o sul como phantasmas em disparada. As arvores da beirada soluçavam, vergadas pelo vento e grossas gottas de agua começavam a cahir sobre o chão resequido, de onde subia um cheiro activo de barro molhado.

— Agasalhe-se bem, patricio, gritou o portuguez ao caboclo que sahia. E, fechando a porta com a tranca de páo, veio ter com a familia.

Logo depois desejavam boa noite uns aos outros; o hospede que deu o nome de Manoel, afundou-se n'uma rede, que lhe armaram na sala, e ainda não havia meia hora que sahira *seu* João, já a *só*ra Maria, o marido e os filhos dormiam o somno reparador das fadigas do dia, acalentado pela calma de uma consciencia honesta.

A Annica depois de rezar á Virgem das Dores, sua padroeira, não pudera fechar

os olhos. Impressionara-a muito o desaparecimento da *pequena* e da *malhada*, que acreditava filho de um roubo, e sem querer associava na sua mente a esse facto as historias terriveis que lhe lembrara a mãe pouco antes, sobre os crimes diariamente praticados pela quadrilha de Jacob Patacho. Eram donzellas raptadas para saciar as paixões dos tapuyos; paes de familia assassinos barbaramente; creanças atiradas ao rio com uma pedra ao pescoço; herdades incendiadas, um quadro interminavel de atrocidades inauditas que lhe dançava diante dos olhos, e parecia reproduzido nas sombras fugitivas projectadas nas paredes de barro escuro do seu quartinho pela luz vacillante da candeia de azeite de mamona.

E por uma singularidade, que a rapariga não sabia explicar, em todos aquelles dramas de sangue e de fogo havia uma figura saliente, o chefe, o matador, o incendiario, demonio vivo que tripudiava sobre os cadaveres quentes das victimas, no meio das chammas dos incendios, e, producto de um cerebro enfermo, agitado pela vigilia, as feições d'esse monstro eram as do pacífico

tapuyo que ella ouvia roncar placidamente no fundo da rede na sala vizinha. Mas por maiores esforços que a moça fizesse para apagar da sua imaginação a figura baixa e bexigosa do hospede, rindo nervosamente da sua loucura, mal fechava os olhos, lá lhe appareciam as scenas de desolação e de morte, no meio das quaes progrediam os olhos ardentes, o nariz chato e a boca desdentada do tapuyo, cuja figura, entretanto, desenrolava-se inteira na sua mente espavorida, absorvendo-lhe a attenção e resumindo a tragedia feroz que o cerebro imaginava.

Pouco a pouco, procurando provar a si mesma que o hospede nada tinha de commum com o personagem que sonhára, e que a sua apparencia era toda pacifica, de um pobre tapuyo honrado e inoffensivo, examinando-lhe mentalmente uma a uma as feições, foi-lhe chegando a convicção de que não fôra aquella noite a primeira vez que o vira, convicção que se arraigava no seu espirito, á medida que se lhe esclarecia a memoria. Sim, era aquelle mesmo; não era a primeira vez que via aquelle nariz roido de bexigas, aquella

boca immunda e servil, a côr azinhavrada, a estatura baixa e vigorosa, sobretudo aquelle olhar indigno, desaforado, torpe que a incommodara tanto na sala, queimando-lhe os seios. Já uma vez fôra insultada por aquelle olhar. Onde? Como? Não podia lembrar-se, mas com certeza não era a primeira vez que o sentia. Invoçava as suas reminiscencias. No Funchal não podia ser; no sitio tambem não fôra; seria no Pará quando chegara com a mãe, ainda menina, e accomodaram-se em uma casinha da rua das Mercês? Não; era mais recente, muito mais recente. Eem; parecia recordar-se agora. Fôra em Santarém, havia cousa de dois annos ou tres, quando alli estivera com o pae para assistir a uma festa popular, o *sahiré*. Hospedara-se então na casa do negociante Joaquim Pinto, patricio e protector de seu pae, e foi alli, em uma noite de festa, quando se achava em companhia de outras raparigas sentada á porta da rua, a ver passar a gente que voltava da igreja, que se sentio atormentada por aquelle olhar lascivo e tenaz, a ponto de retirar-se para a cozinha tremula e chorosa. Sim, nenhuma duvida mais

podia haver, o homem era um aggregado de Joaquim Pinto, um camarada antigo da casa, por signal que, segundo lhe disseram as mucamas da mulher do Pinto, era de Cameté e se chamava Manoel Saraiva.

Neste ponto de suas reminiscencias, a Annica foi assaltada por uma idéa medonha que lhe fez correr um frio glacial pela espinha dorsal, reseccou-lhe a garganta, e inundou-lhe de suor a fronte. Saraiva! Mas era este o nome do famigerado tenente de Jacob Patacho, cuja reputação de malvadez chegára ao reconditos sertões do Amazonas, e cuja atroz e brutal lascivia excedia em horror aos crueis tormentos que o chefe da quadrilha infligia ás suas victimas. Seria aquelle tapuyo de cara bexigosa e ar pacífico o mesmo salteador da bahia do Sol e das aguas do Amazonas, o barbaro violador de virgens indefezas, o bandido, cujo nome mal se pronunciava nos serões das familias pobres e honradas, tal o medo que incutia? Seria aquelle homem de maneiras socegadas e cortezes, de fallar arrastado e humilde o heróe dos estupros e dos incendios, a fera em cujo coração de bronze jamais pudera germinar o sentimento da piedade?

A idéa da identidade do tapuyo que dormia na sala vizinha com o tenente de Jacob Patacho, gelou-a de terror. Perdeu os movimentos e ficou por algum tempo fria, com a cabeça inclinada para traz, a boca entre-aberta e os olhos arregalados, fixos na porta da sala; mas de repente o clarão de um pensamento salvador illuminou-lhe o cerebro; convinha não perder tempo, avisar o pai e os irmãos, dar o grito de alarma; eram todos homens possantes e decididos, tinham boas espingardas; os bandidos eram dois apenas, seriam prevenidos, presos antes de poderem offerecer séria resistencia. Em todo o caso, fossem ou não fossem assassinos e ladrões, mais valia estarem os de casa avisados, passarem uma noite em claro do que correrem o risco de serem assassinados a dormir. Saltou da cama, enfiou as saias e correu para a porta, mas a reflexão fel-a estacar cheia de desanimo. Como prevenir o pae, sem correr a eventualidade de acordar o tapuyo? A sala em que este se aboletara interpunha-se entre o seu quarto e o de seus paes, para chegar ao dormitorio dos velhos era forçoso passar por baixo da rede do caboclo,

que não podia deixar de acordar, principalmente ao ruído dos gonzos enferrujados da porta que, por excepção e natural recato da moça, se fechára aquella noite. E se acordasse seria ella talvez a primeira victima, sem que o sacrificio pudesse aproveitar á sua familia.

Um silvo agudo, imitante do canto do *urutahy* arrancou-a a estas reflexões, e pondo os ouvidos á escuta, pareceu-lhe que o tapuyo da sala vizinha cessára de resonar. Não havia tempo a perder, se queria salvar os seus. Lembrou-se então de saltar pela janella, rodear a casa e ir bater á janella do quarto do pae. Já ia realisar esse plano, quando cogitou de estar o outro tapuyo, o *seu* João, perto da casa para responder ao signal do companheiro, e entreabriu com toda precaução a janella, espreitando pelo vão.

A noite estava bellissima.

O vento forte afugentara as nuvens para o sul, e a lua subia lentamente no firmamento, prateando as aguas do rio e as clareiras da floresta. A chuva cessára inteiramente, e do chão molhado subia uma evaporação de humidade, que, misturada ao

cheiro activo das laranjeiras em flôr, dava aos sentidos uma sensação de odorosa frescura.

A principio a rapariga, deslumbrada pelo luar, nada vio, mas afirmando a vista percebeu umas sombras que sé esgueiravam por entre as arvores do porto, e logo depois distinguio vultos de tapuyos cobertos de grandes chapéus de palha, e armados de terçados, que se dirigiam para a casa.

Eram quinze ou vinte, mas á rapariga louca de susto pareceu uma centena, por que de cada tronco de arvore a sua imaginação fazia um homem.

Não havia que duvidar. Era a quadrilha de Jacob Patacho que assaltava o sitio.

Todo o desespero da situação em que se achava apresentou-se claramente á intelligencia da rapariga. Saltar pela janella e fugir, além de impossivel, porque a claridade da lua a denunciaria aos bandidos, seria abandonar seus paes e irmãos, cuja existencia preciosa seria cortada pelo punhal dos sicarios de Patacho durante o somno, e sem que podessem defender-se ao menos. Ir acordal-os seria entregar-se

às mãos do feroz Saraiva, e succumbir aos seus golpes antes de realisar o intento salvador. Que fazer? A donzella ficou algum tempo indecisa, gelada de terror, com o olhar fixo nas arvores do porto, abrigo dos bandidos, mas de subito, tomando uma resolução heroica, resumindo todas as forças em um supremo esforço fechou rapidamente a janella e gritou com todo o vigor dos seus pulmões juvenis:

— Aqui d'el-rei! os de Jacob Patacho!

A sua voz nervosa repercutio como um brado de suprema angustia pela modesta casinha, e o echo foi perder-se dolorosamente, ao longe, na outra margem do rio, dominando o ruido da corrente e os murmurios nocturnos da floresta. Subito rumor fez-se na casa até então silenciosa, rumor de espanto e de sobresalto em que se denunciava a voz rouca e mal segura de pessoas arrancadas violentamente a um somno pacifico; a rapariga voltou-se para o lado da porta da sala, mas sentio-se presa por braços de ferro, ao passo que um asqueroso beijo, mordedura de reptil antes do que humana caricia, tapou-lhe a boca. O tapuyo bexigoso, Saraiva, sem que a moça

o podesse explicar, entrara sorratamente no quarto, e se approximara d'ella sem ser presentido.

A indignação do pudor offendido e a repugnancia indizível que se apoderou da moça ao sentir o contacto dos labios e do corpo do bandido, determinaram uma resistencia que o seu physico delicado parecia não poder admittir. Uma lucta incrivei se travou entre aquella branca e rosada creatura semi-nua e o tapuyo que a enlaçava com os braços cõr de cobre, dobrando-lhe o talhe flexível sob a ameaça de novo contacto de sua boca desdentada e negra, e procurando atiral-a ao chão. Mas a rapariga segurara-se ao pescoço do homem com as mãos crispadas pelo esforço espantoso do pudor e do asco, e o tapuyo, que julgara facil a victoria, e tinha as mãos occupadas em apertar-lhe a cintura em um circulo de ferro, sentio faltar-lhe o ar, oppresso pelos desejos brutaes que tanto o afogavam quanto a pressão dos dedos nervosos e afilados da victima.

Mas se a sensualidade feroz do Saraiva, unida á audacia que lhe inspirara a consciencia do terror causado por sua presença,

lhe fazia esquecer a prudencia que tanto o distinguia antes do ataque, o brado de alarma solto pela rapariga dera aos quadrilheiros de Patacho um momento de indecisão. Ignorando o que se passava na casa, e as circumstancias em que se achava o tenente commandante da expedição, cederam a um movimento de reserva, da indole do caboclo, e voltaram a esconder-se por detraz dos troncos d'arvores que ensombrevam a ribanceira. A moça ia cahir exhausta de forças, mas teve ainda animo para gritar com suprema energia :

— Accudam, accudam, que me matam !

Bruscamente o Saraiva largou mão da Annica, e atirou-se para a janella, naturalmente para abril-a, e chamar os companheiros, percebendo que era tempo de agir com resolução, mas a moça advertindo-se do intento, atravessou-se no caminho, com inaudita coragem, oppondo-lhe com o corpo um obstaculo que de facil remoção seria para o tapuyo, se n'esse momento, abrindo-se de par em par a porta da sala não dêsse entrada a Felix Salva-terra, seguido por seus dois filhos, todos armados de espingardas. Antes que o

tenente de Jacob Patacho tivesse podido defender-se, cahia banhado em sangue com uma valente pancada no craneo que lhe deu o velho com a coronha da arma.

O portuguez e os filhos mal despertos do somno, com as roupas em desalinho, não se deixaram tomar do susto e da surpresa, expressa em dolorosos gemidos pela *sôra* Maria dos Prazeres, que abraçada á filha, cobria-a de lagrimas quentes. Pae e filhos comprehenderam perfeitamente a gravidade da situação em que se achavam; o silencio e ausencia do cão de guarda, sem duvida morto á traição, e a audacia do tapuyo bexigoso, mais ainda do que o primeiro grito da filha, do qual apenas haviam ouvido ao despertar o nome do terrivel pirata paraense, os convenceram de que não haviam vencido o ultimo inimigo, e emquanto um dos moços apontava a espingarda ao peito do tapuyo que banhado em sangue tinha gravados na moça os olhos ardentes de volupia, Salvaterra e o outro filho voltaram á sala, com o fim de guardar a porta de entrada. Esta porta tinha sido aberta, achava-se apenas cerrada, apesar de haver-a trancado o dono da casa quando

despediu o caboclo alto. Foram os dois homens para pôr-lhe novamente a tranca, mas já era tarde.

Seu João, o companheiro de Saraiva, mais afouto do que os outros tapuyos, chegára a casa, e percebendo que o seu chefe corria grande perigo, assobiou de um modo peculiar, e em seguida, voltando-se para os homens que se destacavam das arvores do porto, como visões de febre, emittiu na voz guttural do caboclo o brado que depois se tornou o grito de guerra da *cabanagem*:

— Mata marinheiro! Mata! Mata!

Os bandidos correram e penetraram na casa. Travou-se então uma lucta horrivel entre aquelles tapuyos armados de terçados e de grandes cacetes quinados de *massaranduba*, e os tres portuguezes que heroicamente defendiam o seu lar, valendo-se das espingardas de caça, que, depois de descarregadas, serviram-lhes de formidaveis maças.

O Saraiva recebeu um tiro á queima roupa, o primeiro tiro, pois que o rapaz que o ameaçava, sentindo entrarem na sala os tapuyos, procurara livrar-se logo do

peior delles, ainda que por terra e ferido: mas não foi longo o combate; emquanto mãe e filha agarradas uma á outra, se lamentavam desesperada e ruidosamente, o pae e os filhos cahiam banhados em sangue, e nos seus brancos cadaveres a quadrilha de Jacob Patacho vingava a morte de seu feroz tenente, mutilando-os de um modo selvagem.

..

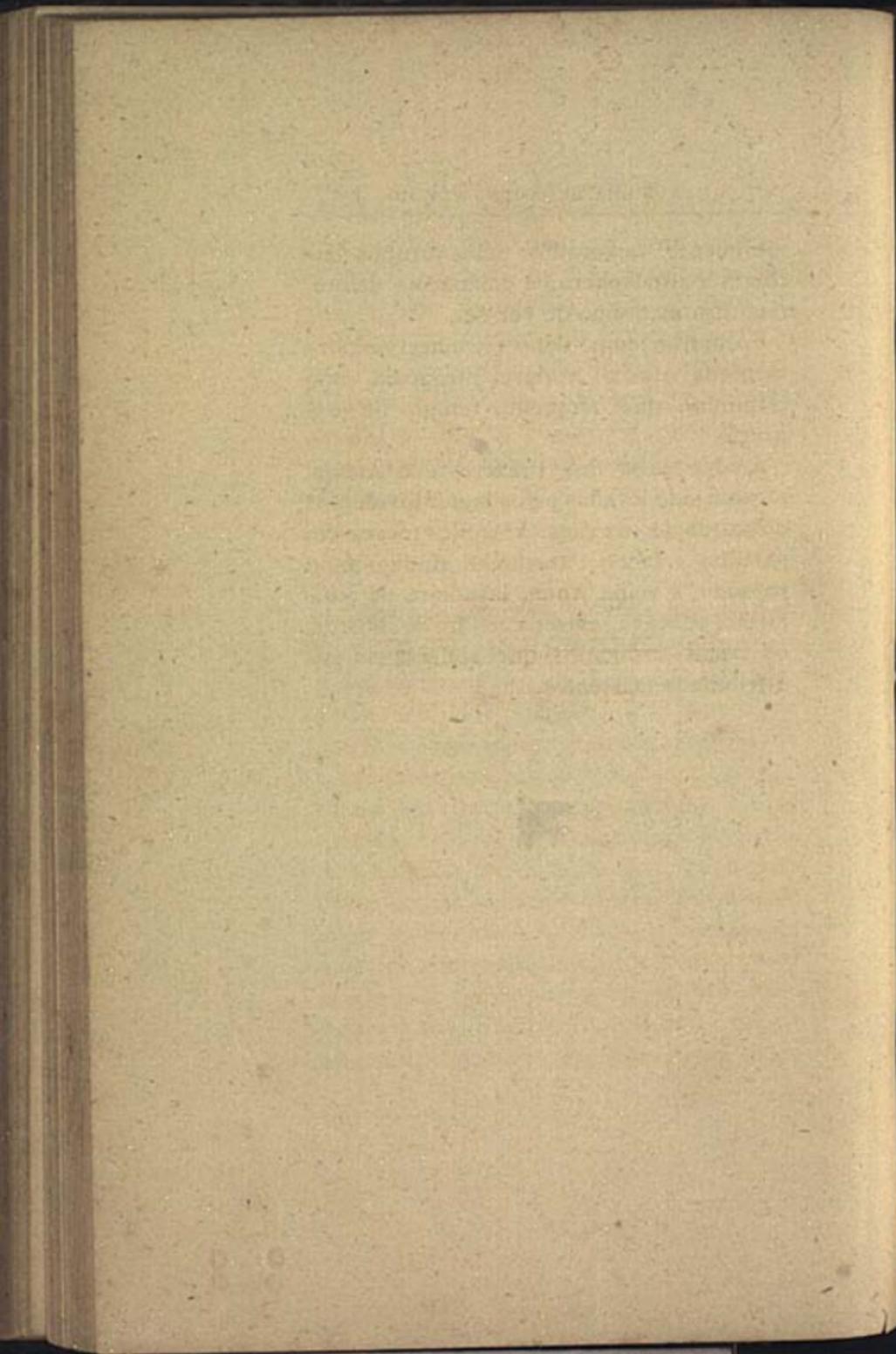
Quando passei com meu tio Antonio em Junho de 1832 pelo sitio de Felix Salvaterra, o lugubre aspecto da habitação abandonada, sob cuja cumicira um bando de urubús seccava as azas ao sol, chamou-me a attenção; uma curiosidade doentia fez-me saltar em terra e entrei na casa. Ainda estavam bem recentes os vestigios da lucta. A tranquillã morada do bom portuguez tinha um ar sinistro. Aberta, despida de todos os modestos trastes que a ornavam outr ora, denotava que fôra victima do saque unido ao instincto selvagem da destruição. Sobre o chão humido da sala principal, os restos de cinco ou seis cadaveres, quasi

totalmente devorados pelos urubús enchiam a atmosphera de emanações deletérias. Era medonho de ver-se.

Sò muito tempo depois conheci os pormenores desta horrivel tragedia, tão commum, aliás, naquelles tempos de 'es-graça.

A *sôra* Maria dos Prazeres e a Annica haviam sido levadas pelos bandidos, depois do saque de sua casa. A Annica tocara em partilha a Jacob Patacho, e ainda o anno passado, a velha Anna, lavadeira de Santarém, contava, estremecendo de horror, os cruéis tormentos que soffrera em sua attribulada existencia.







O REBELDE



THE  
OFFICE OF THE  
LIBRARIAN  
OF THE  
CONGRESS



PRIMEIRA vez que o vi foi em Villa Bella, em 1832, já lá vão mais de quarenta annos. Eu não passava d'um coromim de onze annos, curioso e vadio, como um bom filho do Amazonas. Paulo da Rocha orçava pelos cincoenta, parecendo muito mais velho. Pois, apezar dessa enorme desproporção de idades, ligava-nos uma amizade terna, inexplicavel para toda a gente.

O velho, rispido e severo, erá extremamente bondoso para commigo. Não sei que iman occulto me attrahia para aquelle mulato de cabeça branca, de quem meus paes não gostavam, e que inspirava a quasi

toda a população da villa uma antipathia mesclada de horror.

Paulo da Rocha era pernambucano, e fôra um dos rebeldes de 1817, um soldado fiel do Capitão Domingos José Martins, o espirito-santense.

Em 1832, os principaes habitantes de Villa-Bella eram portuguezes ou brasileiros do tempo do rei velho, que se não haviam ainda familiarisado com o novo regimen, e detestavam cordialmente todo e qualquer movimento contra a legalidade estabelecida, mesmo porque o receio das convulsões politicas posteriores á independencia, que ainda perduravam, os trazia em continuos sobresaltos. No terror dos innovadores, associavam toda idéa revolucionaria ás sangrentas carnificinas que deshonravam o solo virgem da nova patria.

A fertil imaginação amazonense fizera do antigo revolucionario um personagem mysterioso, sinistro e perigoso, de cuja alma já estaria de posse o Inimigo, ainda em vida do corpo.

Emprestara-lhe o vulgo uma quantidade enorme de crimes. Diziam as velhas mexe-riqueiras, sentadas á soleira da porta por

noites de luar, que ao bater da meia-noite via-se vagar pelas ruas a alma do pernambucano, a purgar culpas passadas. As crianças fugiam á presença do velho, e os matutos benziam-se quando o viam passar curvado sob o peso da meditação constante, ou de algum desgosto indefinido, arriado no seu bastão de massaranduba, com o craneo, a meio despido, exposto aos raios do sol.

Todos se calavam quando elle apparecia. As mães de familia faziam aos filhinhos a escusada recommendação de fugir ás vizinhanças da casa maldita, em que morava o mulato; ou acalentavam as criancinhas, com umas cantigas ingenuas, em que o *velho do outro mundo* era comparado ao *murucututú* de cima dos telhados, o terrivel espantalho dos pequenos mal dormidos.

Todos lhe tinham medo, e talvez por isso attrahia-me para elle uma sympathia irresistivel. Desde a mais tenra infancia, vivi sempre em contradição de sentimentos e de idéas com os que me cercavam: gostava do que os outros não queriam, e tal era a predisposição malsã do meu espirito

rebelde e refractario a toda a disciplina, que o melhor titulo d'um homem ou d'um animal á minha affeição era ser desprezado por todos.

Eu não podia ver um cão leproso, enxotado com asco, que não corresse a dar-lhe metade da merenda que me tocava nas liberalidades da mamãe.

A minha imaginação exaltava-se com a singularidade, ao mesmo tempo que uma curiosidade feminina me impellia a buscar a ultima palavra em todos os segredos, a razão de ser de todos os mysterios. Gostava do maravilhoso, e com risco de ser devorado pela esphinge queria decifrar-lhe o enigma. A vista d'uma feiticeira enchia-me de goso. Sentia o desejo ardente de vêr um lobis-homem, e o canto agoureiro do acauan fazia-me estremecer de susto e de prazer, e embrulhando-me na rêde, punha o ouvido á escuta, tentando descobrir n'aquellas notas tristes e plangentes a verdade d'esse encantamento poderoso.

Foi isso mais ou menos o que senti a primeira vez que encontrei no meu caminho o rebelde de 1817, temido e desprezado ao mesmo tempo. Em breve aquelle vago

temor, aquella curiosidade dolorosa se transformou em sympathia e respeitosa amizade. N'aquelle pobre velho uma voz occulta me indicara um heróe das antigas lendas, que a minha avó me contava á luz morticã da lamparina de azeite de andiróba, um homem como eu sonhava nos meus devancios infantís.

Tudo no *velho do outro mundo* contribuia para excitar-me a imaginação e avivar o affecto que me inspirava; a grande cabeça calva, o nariz adunco, os olhos vivos, uns olhos de ave de rapina, a boca enorme, ornada de bellos dentes, cuja deslumbrante alvura era realçada por um sorriso serio e pensativo, d'uma bondade de Christo; a falla breve e rispida, d'uma rispidez franca, serena e bóa; o porte alto e até aquellas rugas severas do rosto cõr de cobre; a sua indifferença pelas vicissitudes comesinhas da vida; o nenhum caso que fazia das intrigas da terra; tudo me indicava no pernambucano um personagem ideal e phantastico, como eu imaginava os meus heróes.

Ao passo que o nome de Paulo da Rocha afugentava os meus companheiros

espavoridos, todo o meu cuidado era descobrir um novo expediente para visitá-lo, sem despertar a desconfiança de minha mãe.

A' hora da sésta, meu pae, depois de ter-me feito sentar n'uma cadeira da sala de visitas, com a Artinha latina nas mãos, retirava-se para seu quarto e momentos depois, coberto de jornaes velhos, ressonava. A mamãe andava ainda a dar uns giros pela casa, recommendando silencio aos moleques e cuidando no café que se havia de servir ás seis horas, mas acabava tambem por se recolher á beatitude da rêde, vencida pelo calor e derreada pela monotonia do seu viver caseiro. A habitação ficava silenciosa e triste. As escravas agrupavam-se na cozinha e cochilavam, conversando em voz baixa. Os moleques trepavam ás goiabeiras do quintal, fartando-se de frutas. Só de vez em quando um gallo invadia a varanda deserta, e cortava bruscamente o silencio, acompanhando com o canto barulhento e alegre as sonoras badaladas do grande relógio de parêde, que viera do Reino.

O calor era intenso, o sol brilhava com esplendor offuscante, fazendo estallar os

telhados. A villa parecia toda entregue ao repouso postmeridiano da sésta costumeira. Descalço, pé ante pé, eu atravessava a casa e me esgueirava pelo portão do quintal.

Mal me sentia ao abrigo das vistas fiscaes da creadagem, deitava a correr pelo caminho do cemiterio até chegar á casinha de Paulo da Rocha, escondida entre laranjeiras copadas. Lá estava elle sempre, a essas horas do dia, sentado n'um banco de cedro, encostado a uma mesa tosca, e mergulhado na leitura d'algum livro velho, roido de traças.

Conversavamos sobre o tempo antigo, ou lendo as historias extraordinarias que haviam succedido em Pernambuco, e que elle se gabava de ter presenciado. Gostava de excitar-me a imaginação infantil com a narração desses feitos gloriosos que me faziam estremecer de alegria e seguir com os olhos accessos e as faces ardentes de enthusiasmo as palavras e gestos do velho, transfigurado pelas reminiscencias do passado.

Ah! se o tivessem visto e ouvido assim os habitantes de Villa-Bella!

## II

O Rocha era viuvo e tinha uma unica filha, rapariguinha gentil de dezeseis a dezesete annos, pensativa e séria como o pae. A vida que passava em Villa-Bella a pobre mocinha abafara os impulsos da jovialidade natural. Desprezada de todos, vivendo isolada, entregue unicamente aos cuidados d'um pae velho e triste, a interessante Julia conhecera desde os mais tenros annos a desgraça, e parecia resignada á sua infeliz sorte.

Aquelle velho e aquella menina comprehendiam-se perfeitamente. Elle nunca tinha um movimento de máu humor, um gesto de descontentamento. Ella não parecia soffrer um desgosto. Serena, silenciosa, attenta ao menor desejo do pae para prevenil-o e contental-o, parecia que a sua vida dependia da vontade d'aquelle homem, severo e rispido para toda a gente, bondadoso e paternal no interior do seu modesto habitaculo. A mocinha conhecia-lhe todos os gestos e as mais insignificantes

predilecções. Parecia adivinhar quando o pae gostaria de estar só, entregue aos seus pensamentos, ou quando sentiria prazer em ouvir as modinhas da terra natal, do *seu Pernambuco*, tão cheio de poesia e de tradições gloriosas, modinhas que em pequena lhe ensinara para suavisar as agruras do exilio e a saudade intensa dos tempos da mocidade.

As vezes era Julia quem nos fazia a leitura, sentada ao pé da mesa de jantar, com o livro na mão, repetindo em voz suave, repassada de doçura, aquellas historias de batalhas e mortes, já muito nossas conhecidas.

O velho, com o queixo apoiado nas mãos, que repousavam sobre o bastão de massaranduba, seguia attentamente o movimento labial da joven, como se ouvisse alguma cousa ignorada. Quanto a mim a minha attenção repartia-se entre o velho, a historia e a menina, mas com parcialidade pela menina.

Como eram agradaveis esses momentos de suave intimidade, e como duravam pouco!

Era com o maior pezar que eu lobrigava

ao longê, approximando-se receiosa, a creoula, que vinha bondosamente avisar-me de que a *senhora já estava acordada*. Muitas vezes, ao chegar á casa paterna, soffria correção merecida pela desobediencia e pelo desapego á Artinha ; mas não era pelo castigo que eu me recolhia triste e cabisbaixo ao quarto de dormir: era porque no silencio do aposento, apenas cortado pelo rangido das cordas da rêde nas escápolas de madeira, parecia-me ter diante dos olhos o grupo encantador do velho e da menina, e ouvir a voz de Julia, lendo as proclamações incendiarias dos rebeldes pernambucanos !

Paulo e a filha viviam pobremente, concentrados e tranquillos naquella casinha pitoresca, cujos arredores floridos e desertos inspiravam uma doce melancolia.

Eram muito pobres para ter escravos, ou não os queriam, e creados livres não encontrariam n'uma terra onde só o nome do *velho do outro mundo* causava horror e medo. Mas Julia era excellente dona de casa. Era admiravel de providencia, de asseio e de economia, e as unicas pessoas que tinham ingresso na humilde habitação,

---

o Padre Vigario e eu, reconheciam essas virtudes caseiras, tão raras entre as mulheres do povo.

Por uma singularidade, o Vigario era entusiasta do pernambucano. Apesar dos conselhos e advertencias dos amigos e dos murmurios das velhas rabujentas, Padre João, João da Costa do Amaral se chamava elle, frequentava a casa de Paulo da Rocha, passava largas horas a conversar com elle, e levava mesmo a despreocupaçào da feiticaria ao ponto de fazel-o sacristão e sineiro da matriz, com grande escandalo das almas piedosas e reboliço do beaterio.

O habito e a vara não lograram para padre João da Costa a desculpa de tão estranha predilecção, e os mais benevolos avançavam que se deixara enfeitiçar pelo damnado pernambucano, e fallavam em representar ao Sr. Bispo contra a situação anomala da parochia.

Mas, sem embargo dos fallatorios, continuava Paulo da Rocha a ser o sineiro da matriz, e a desempenhar os deveres do cargo com exactidão e escrupulo, não dando occasião ás faccis censuras dos desaffectedos.

Ao amanhecer do dia quando se abriam

as portas uma a uma, e só se viam na rua raros tapuyos somnolentos, caminhando pesadamente para o serviço, Paulo sahia de casa, e atravessava a villa em direcção á igreja.

Era elle que dava o signal da missa matutina e preparava o templo. Enfiava depois a velha opa, pingada de cera amarella, e punha-se á espera do Vigario que não tardava em chegar, saudando os transcutes com um sorriso affavel.

Pouco a pouco se foram rarefazendo os devotos da missa da manhã, graças á presença do velho rebelde, mas Padre João não parecia dar o cavaco e continuava a officiar regularmente, tendo muitas vezes o sacristão por unico ouvinte.

Agua molle em pedra dura tanto dá até que fura, dizia Padre João com o seu sorriso amavel e teimoso, mostrando os bellos dentes de brilhante esmalte. Afinal foi-se o povo de Villa-Bella acostumando á presença de Paulo da Rocha supportado como uma calamidade inevitavel. Padre João da Costa era o beijinho dos vigarios, alto, gordo, alentado, de côres sadias e de sorriso affavel, de cabellos da côr da noite e

---

de tez da côr do leite, de character bondoso e modos francos. O seu unico defeito, diziam as beatas, era a inexplicavel affeição que dedicava ao mulato excommungado. Alguma cousa se lhe havia de desculpar, enfim. Não que se resolvessem a assistir á missa da madrugada, mas com o auxilio do tempo, o grande regularizador das situações embrulhadas, Paulo da Rocha foi-se sentindo mais á larga n'aquella sociedade ferrenha, estúpida e despotica... a sociedade de 1832.

O que mais contribuiu para um tal melhoramento na situação do *velho do outro mundo* foi a diversão feita no espirito publico á primeira noticia da aproximação da *cabanagem*, que assolava o Pará, e que ameaçava a comarca da Barra do Rio Negro, hoje provincia do Alto Amazonas, de que fazia parte a parochia de Villa Bella.

### III

Muitos boatos contradictorios circulavam. O panico era enorme.

Ora dizia-se que os cabanos vinham

tomar de assalto a villa e queimar vivos os habitantes, ora que haviam sido completamente batidos pelas tropas legaes, antes de descerem a Santarém.

Não se fallava senão na cabanagem, e o pobre velho, rebelde de 1817, era esquecido pelos rebeldes do tempo. Todos os dias tapuyos desertavam do serviço dos patrões, e fugiam n'alguma canôa furtada, descendo o rio para se irem encontrar com os *brazileiros*.

A villa ia ficando deserta, á medida que os terriveis inimigos dos portuguezes e dos maçons se approximavam de Obidos. Os cacualistas retiravam-se para os sitios. Aquelles que tinham alfaias ou dinheiro tratavam de escondel-os, enterrando-os. A desconfiança era geral. o pae não se fiava no filho, o irmão não confiava os segredos ao irmão.

Terrivel effeito da guerra fratricida!

Só na casinha de Paulo da Rocha, entre as laranjeiras em flôr, a vida era serena e inalteravel como d'antes. Parecia que não sabiam de cousa alguma, que a atmospherá não lhes dava signal de tormenta. O Rocha continuava a fazer o

serviço na deserta matriz, e Julia a cuidar dos arranjos da casa, com aquella doce melancolia que tanto me opprimia o coração.

Uma tarde, em que eu lograra escapar mais uma vez á vigilancia de minha mãe, corri á casa do pernambucano a dar-lhe conta da resolução que tomara meu pae de enviar-me, de companhia com dous macacos e algumas libras de guaraná, ao reitor do seminario de Belém para que me aperfeiçoasse na lingua de Virgilio e me comesse as unhas com bolos, sem que, era dogma, ninguem chegava a ser gente na nossa terra.

O sol já se começava a esconder por traz dos mattos da outra banda. Os ultimos raios enfiando pela porta aberta até á sala de jantar da modesta casinha do sineiro, punham em relevo o grupo costumeiro do velho e da menina, sentados lado a lado, calados e pensativos.

Mal começara eu a contar a desgraça que em breve me ia arrancar á bella vida da aldeia e á amizade de seres tão queridos, quando um vulto elevado, esbatido pela claridade do sol morrente, enquadrou-se na porta da entrada. Era Padre

João da Costa, tendo no semblante uma preocupação que lhe não era habitual.

Padre João foi entrando sem saudar a ninguém, e abeirando-se do pernambucano disse em voz breve :

— Os rebeldes acabam de entrar em Obidos.

Paulo da Rocha não se mexeu. No seu rosto côm de cobre não passou sequer a sombra de uma emoção. Disse, depois de uma pausa, esboçando um sorriso :

— E então?

— E então? tornou o Vigário descrevendo com a ponta da bengala uns arabescos no chão. E então? E' que os habitantes de Obidos fiaram-se nas promessas que os cabanos lhes fizeram, e cahiram na tolice de lhes abrir as portas. De que lhes serviu terem cercado toda a cidade de estacas embarreadas? Entregaram-se como carneiros ao morticínio. E' o que conta o José Cavalheiro que acaba de chegar. Toda a villa está assustada. Não pára ninguém em casa; está toda a gente reunida na matriz, apesar de que a arraia-miuda ainda desconhece a gravidade das circumstancias. Que se ha de fazer? Se em Obidos, onde

todos estavam prevenidos, não se pôde resistir, que faremos nós aqui?

— Descançar em Deus Nosso Senhor, murmurou Paulo da Rocha em voz grave.

— Sem duvida, retorquiu Padre João, com ligeira impaciencia. Mas Deus disse: ajuda-te que te ajudarei. Não podemos ficar de braços cruzados, á mercê da Providencia. Recceio mais por Villa-Bella do que por outra qualquer povoação do Pará. A resistencia aqui é impossivel. E por desgraça ou castigo deste povo deu-lhe Deus um parochio cuja condição lhe pôde aggravar os males. Sabem os cabanos que sou portuguez, posto houvesse adoptado de coração a nova patria, mas não o comprehendem os caboclos, e por isso, se aqui entram, está tudo perdido. De que me vale ser ministro do altar? Para esses fanaticos sanguinarios, a minha antiga nacionalidade é crime que tudo faz esquecer!

— Oh! continuou elle, depois de uma pausa, e como recceiando que fossem mal interpretadas as suas palavras. Deus me é testemunha de que não temo por mim, mas por estes povos infelizes, que serão victima da minha involuntaria culpa.

E Padre João da Costa, deixando escapar um suspiro, abaixou tristemente a cabeça, profundamente absorvido. Uma ruga vertical dava-lhe á physionomia uma apparencia severa, que desmentia a sua bonhomia habitual.

Paulo da Rocha não dizia palavra. Julia parecia distrahida, seguindo com os olhos o vôo de uma grande mosca azul. Quanto a mim, vagamente temeroso, ouvia, com os dous ouvidos, sentindo a gravidade da scena.

Depois de longa pausa, Padre João ergueu vivamente a cabeça e disse :

— Mestre Paulo, só você nos pôde salvar.

O velho franziu os sobrolhos, muito admirado.

— Eu, sr. Vigario? E como?

— Não o sei, meu amigo, mas sou homem de presentimentos. Cá dentro diz-me uma cousa que você nos pôde salvar.

Reflectio mais algum tempo, e accrescentou:

— Tenho uma idéa. Você, pelos seus antecedentes, é em toda esta povoação o unico homem capaz de inspirar confiança aos cabanos...

— E quem me assegura a confiança dos brancos? interrompeu bruscamente o pernambucano, como se lhe tivessem tocado com a mão n'uma ferida occulta.

E a sua voz tinha uma indizível amargura.

Padre João coçou a cabeça, levantando de leve o *solideo*. Depois injungio com convicção:

— Você ha de fazer jus á confiança de todos estes povos, como já tem a minha.

No fim de contas, esta gente é boa e ha de reformar o conceito em que o tem, principalmente quando o vir, já velho e cansado, por-se á nossa frente para bater os cabanos . . .

— Bater os cabanos! irrompeu Paulo da Rocha com uma violencia que me aterrou.

E erguendo-se de um jacto, cravou a vista brilhante nos olhos do Padre, dizendo:

— E quem assegura a V. Revm. que eu não sou cabano?

Padre João deixou cahir a bengala, n'um insoffrido movimento de horror. Julia olhou admirada para o pae, como se o estivesse estranhando. Eu mal me pude

ter de pé, tanto me tremiam as pernas, ouvindo aquella pergunta que me parecia uma revelação terrivel. Uma angustia apoderou-se de mim. Tive impetos de fugir áquella casa que abrigava um tão monstruoso scelerado, mas o terror me tolhia os movimentos. Cabano, Paulo da Rocha, cabano o *velho do outro mundo*! O meu amigo pernambucano pertencia áquella corja de bandidos que jurara a morte de meu pae e de todos os portuguezes do Pará!

O mulato não pareceu dar pela impressão que me causaram as suas affrontosas palavras. Erecto, apoiando-se com um punho fechado sobre a mesa, e com o corpo meio voltado para o sacerdote, continuou com a voz presa na garganta:

— Bater os cabanos! Uns pobres diabos que a miseria levou á rebellião! Uns pobres homens cançados de viver sob o despotismo duro e cruel d'uma raça desapiadada! Uns desgraçados que não sabem ler, e que não teem pão. . . e cuja culpa é só terem sido despojados de todos os bens e de todos os direitos. E quem disse ao senhor Padre João que eu, Paulo da Rocha, o despresado de todos em

Villa-Bella, seria capaz de pegar em armas contra os cabanos? Sr. Vigario, eu só lavei as mãos em sangue dos inimigos da minha patria, dos algozes da minha raça, vilipendiada e oppressa. Elles eram fortes e poderosos. Nós, os rebeldes de 1817, tinhamos só do nosso lado a justiça da grande causa que defendiamos, causa da humanidade, causa do futuro!

Parou, de subito, no meio d'um grande silencio. Continuou depois em voz impregnada de commoção intima, evocando recordações que lhe faziam succeder no rosto mil sentimentos diversos:

— Foi no mez de Maio, exactamente como agora. Nós sabiamos do Recife com Domingos Martins ao encontro do general portuguez, e feriu-se então o combate que decidiu da sorte da generosa rebellião. Talvez triumphasse esta, se se não tivessem voltado contra nós os nossos proprios irmãos, aquelles por quem combatiamos. Os homens de 1817 que proclamavam a igualdade das raças, e queriam a liberdade do negro e a rehabilitação do caboclo, foram batidos pelos pardos do Penedo e pelos indios da Atalaya, as victimas da pretensa

desigualdade! O nosso chefe foi preso, para mais tarde espiar ante as bayonetas ao serviço d'El-Rei o crime de ser homem e de ser brasileiro. Eu fugi. Depois que me mataram a mulher, a minha pobre Margarida, que nenhuma culpa tinha do que eu fizera... mas que valia a vida da mulher d'um mulato mulata também? Mataram-na de susto, de fome e de maus tratos. Fugi. Não por medo da morte, que o meu desejo era acabar na forca, como o valente Domingos Theotonio Jorge, ou varado por uma bala como tantos companheiros. Mas tive medo de ser surrado ás grades da cadeia, como se fazia aos homens de côr, embora livres. Demais tinha nos braços uma innocentinha, e foi também por amor d'ella que fugi.

—Desdeentão, concluiu mudando de tom, e erguendo levemente a voz, sou pelos fracos contra os fortes, pelos opprimidos contra os oppressores. A causa dos infelizes é a minha causa, Padre João da Costa.

Os raios do sol cadente, penetrando na humilde habitação, vinham ferir em cheio o craneo semi-nu do pernambucano, que alto, erecto, agigantado e estranho, parecia

outro homem, sem rugas no rosto, sem cansaço na voz, sem a babitual tristeza na physionomia.

Depois d'uma pausa, no meio do glacial silencio que nos tolhia a todos, o mulato tornou pausado, grave, dando a cada uma das suas palavras uma força de verdade que se impõe:

— Não sou nenhum fazendeiro rico ou regatão afreguezado para me arreceiar dos cabanos. Sou pobre como elles e desprezado como elles foram, quando tinham a attitude humilde dos que obedecem. Porque então hei de tomar a defesa dos outros contra elles? Não terá porventura o governo forças bastantes para combatel-os, e precisará ainda que o auxiliem pardos do Penedo ou indios da Atalaya? Onde estão a soberba e a superioridade dos brancos?

Paulo relanceando o olhar pela sala, como para pedir resposta á sua intimativa, e vendo-nos mudos, attonitos e receiosos, acalmou-se subitamente, como se a exaltação momentanea o tivesse prostrado, e o arrependimento o pungisse; deixou-se cahir sobre o banco de que se levantara, proferindo em voz alquebrada:

— Sr. Padre João, estou longe de approvar os morticínios que têm feito os *brazileiros* por toda a parte. Fazem mal, são muito culpados perante Deus e a patria. Mas estou velho, cançado, tenho uma filha solteira, e não posso. . . nem quero merecer a confiança dos brancos de Villa-Bella.

## IV

Desde então as minhas relações com o velho do outro mundo soffreram uma modificação consideravel. Comecei por minha vez a ter-lhe medo.

Não podia comprehender a sinceridade com que aquelle mulato fallava em igualdade de raças, em tyrannia e crueldade dos brancos, cousas que naquelle tempo me pareciam de um absurdo inconcebivel.

Apezar da *sympathia* que sentia pelo velho, as suas idéas, os seus sentimentos contrariavam por tal forma os preconceitos da minha educação, que eu me sentia indignado pela amizade que, apezar de tudo, lhe dedicava. Envergonhava-me a admiração respeitosa que lhe votava.

---

Hesitava em attribuir as suas palavras a atrevimento de negro fôrro. Parecia-me antes devidas ao influxo diabolico ou á caducidade da razão. Como se poderia admittir que fallasse um homem d'ê côr aquella linguagem ousada e independente? Os soffrimentos que aturara não justificariam o desrespeito ás classes ricas e ás instituições do paiz, pois não passavam de um castigo severo, mas merecido, da sua rebellião.

Naquelle tempo nada causava mais horror á gente branca do que a cabanagem que começava a lançar as garras sangrentas sobre as duas margens do Amazonas. Inimigos encarniçados dos portuguezes e dos maçons, os cabanos levavam a todas as povoações o morticínio e o roubo, não respeitando velhos, crianças nem mulheres.

Os viajantes que passavam por Villa-Bella narravam a meia voz as façanhas desses fanaticos caboclos, victimas d'uma dupla allucinação religiosa e patriotica, e o faziam com tal exagero que infundia terror aos mais destemidos. Diziam de homens queimados vivos, de mulheres

violadas e esfoladas e do terrível correio, supplicio que inventára a feroz imaginação de um chefe. Consistia em amarrar solidamente os pés e as mãos da victima e embarcal-a assim em uma canôa que, entregue á correnteza do rio, abria agua com poucos minutos de viagem. Era o supplicio preferido pelos brandos, pelos que não queriam derramar sangue, e mais usado com os que militavam por qualquer forma em favor da legalidade.

Eu acreditava, como os demais, n'aquellas historias medonhas, e a idéa de que Paulo da Rocha podia bem ser um cabano occulto arraigou-se-me no espirito, e augmentou a desconfiança que os seus sentimentos de igualdade humana haviam despertado.

Além disso, toda a gente da terra sabia do juramento feito pelos cabanos em Villa-Franca de queimar a casa de Guilherme da Silveira, *o marinheiro*, como chamavam a meu pae. Elle era portuguez de nascimento, e exercera o cargo de Juiz de Paz em Obidos e em Santarém, onde desenvolvera grande actividade contra os movimentos populares, no que nada mais fazia do que cumprir o seu dever, por que

era homem de rija tempera, severo executor da lei, e tendo em muita conta o principio de autoridade. Apesar de se haver recolhido á vida privada, mudando de residencia, meu pae continuava a ser objecto d'um rancor imperecivel, principalmente da parte de um tal Mathias Paxiúba, tapuyo viciado e feroz, que lhe não perdoava alguns mezes de cadeia que soffrera por ordem do Juiz de paz. E' verdade que Mathias o accusava de lhe ter mandado infligir umas chicotadas ás grades da cadeia, mas tal facto nunca se provou, e por minha parte o digo que se meu pae se deixou levar a tal extremo, certamente o Paxiúba o mereceu.

Õ certo é que o branco e o caboclo se haviam jurado um odio eterno. Naquelles tempos de fortes paixões, em que todos os sentimentos tinham uma posança e uma pureza extremas, odios arraigados e entranhaveis eram communs. Mathias Paxiúba, o *brazileiro*, e Guilherme da Silveira, o *marinheiro*, tinham-se sempre encontrado inimigos—desde a primeira vez que se viram parecia que todo o odio das duas raças, a conquistadora e a indigena,

se tinha personificado n'aquelles dous homens, cujos nomes eram o grito de guerra de cada um dos partidos adversos.

Meu pae representava a civilisação, a ordem, a luz, a abastança. Mathias Paxiúba era a ignorancia, a superstição, o fanatismo, a rebellião do pobre contra o rico o longo soffrimento da plebe sempre esmagada e sempre insubmissa. Era como um protesto ambulante contra a civilisação egoistica e interesseira dos brancos, a miseria popular com todo o seu cortejo de vicios hediondos e de crimes heroicos.

Sabendo que meu pae e toda a familia estavam indigitados para primeiras victimas da cabanagem, logo que ella chegasse á Villa Bella, eu, bem a meu pezar, receiava fosse o pernambucano quem denunciasse aos rebeldes o nosso asylo.

Paulo modificara as suas maneiras na minha presença, já me não tratava com a bondade a que me costumara. Olhava-me com desconfiança, parecendo arrependido da rude franqueza que tivera com Padre João da Costa á face do filho do *Juiz de Paz*. Tambem com a filha o pernambucano já não era o mesmo.

Mostrava-lhe uma severidade desusada, ao que pude perceber uma manhã, em que, não me atrevendo a entrar, espiara pela cerca do quintal o interior do pobre habitaculo do *velho do outro mundo*.

Villa Bella, então ainda Villa Nova da Rainha, estava muito longe de ser naquelles calamitosos tempos o que foi depois e é hoje. Duas ou tres duzias de casas de palha e tres ou quatro de telha, pequenas, feias e negras, formavam toda a povoação. Não tendo meios de defesa, nem recurso algum de armas e munições, não poderia resistir ainda que pouco tempo a uma invasão mesmo de inimigos fracos. Póde-se, pois, facilmente, imaginar o pânico da minguada população ao receber a notícia da entrada dos cabanos em Obidos.

As pessoas mais gradas da villa, o Tenente-coronel, o Juiz de paz, o Presidente da Camara Municipal e meu pai reuniram-se em casa do Vigario, e com a fronte banhada em suor frio e os labios seccos forcejavam por se entenderem sobre meios de salvação.

Algumas mulheres, sentadas á soleira da porta, com os filhinhos ao collo, pareciam

resignadas á sorte que lhes coubesse na partilha de males, e tinham um ar sombrio e triste. Todas as casas estavam fechadas, a villa toda em silencio.

No porto muitas pessoas preparavam canoas, e reunindo tudo que podiam levar consigo, cuidavam de seguir viagem em busca de um asylo seguro. Uns queriam subir o rio em direcção determinada, outros pretendiam internar-se por ygarapés e furos, tentando achar no desconhecido do sertão um refugio contra os caboclos da cabanagem.

Ao anoitecer nenhuma luz se via na povoação, que parecia morta. Os cães, como se comprehendessem a gravidade das circumstancias calavam-se tristonhos.

Na casa do Vigario, todos os pareceres eram pela fuga immediata. Só padre João da Costa parecia hesitar. O Juiz de Paz propuzera uma retirada em massa para a freguezia do Andirá, onde se poderiam fortificar, esperando soccorros do Pará. O Tenente-coronel achou que isso era uma asneira, que o Andirá não offerencia melhores meios de resistencia do que Villa-Nova, e quanto a soccorros do Pará,

melhor era esperar pelo Rei Velho, pois que os cabanos já se haviam precavido e não deixariam passar as forças legaes. A opinião de meu pai era que fugisse cada qual para seu lado, afim de distrahir a attenção dos *brazileiros*. Não se chegava a um accôrdo, ninguem se entendia. Todos estavam com o ouvido á escuta, como se já se fizesse ouvir o rumor dos remos dos cabanos.

A anciedade era enorme.

Eram dez horas quando se separaram, e tomou cada qual o caminho de sua casa, com o passo incerto e o coração agitado, no meio da escuridão da noite.

Ao despedil-os, dissera-lhes Padre João, sorrindo, para mostrar coragem:

— Estejam descançados que ainda não ha de ser para esta noite. Os cabanos muito teem que fazer em Obidos, não nos visitarão senão para a semana.

— Permitta N. S. do Carmo, nossa Padroeira, que Vossa Reverendissima tenha razão, murmurou o Juiz de Paz.

E um sorriso vagueou nos labios d'aquelles homens, illuminando-lhes a physionomia com um raio de esperanza. Esperança

fallaz que devia ser desmentida n'aquella noite inolvidavel!

Ao entrarmos em casa meu pae e eu, vimos um homem sentado á nossa porta. Era Paulo da Rocha que se ergueu á nossa chegada, saudou-nos e retirou-se a passos lentos. Meu pae entrou com o coração apertado, annunciando-lhe uma desgraça. Para elle a saudação do *velho do outro mundo* era um presagio funesto. Nunca o pernambucano lhe fizera um cumprimento, e meu pae costumava desviar os olhos, quando o via, murmurando :

— Maldito!

Aquella saudação não habitual e o facto de encontrar o velho sentado á porta, fel-o scismar tristemente. Ouvi que dizia á minha mãe:

— Mariquinhas, mande accender as velas do oratorio. Achei a desgraça á minha porta.

## V

Eram mais de onze horas quando nos recolhemos aos quartos. Cançado das emoções do dia, adormeci em breve,

deixando meus paes ainda prostrados ante uma N. S. das Dores, a joia do nosso oratorio.

Já me achava immerso n'esse feliz somno da meninice que não tem temores nem remorsos, quando me despertou um grande barulho de vozes e de passos, de portas abertas e fechadas com violencia, ouvi uns gritos de soccorro que me puzeram a tremer, frio, sem movimento.

O meu quarto estava ás escuras contra o costume. Pallido, com os olhos abertos e com os cabellos em pé, puz o ouvido á escuta, mas nada percebi de estranho. De repente, porém, dentro de casa e quasi á porta do meu quarto ouvi um brado horrivel de desespero e ancia de morte, que me penetrou até o fundo da alma, e no qual reconheci a voz de minha mãe, deixando-me estúpido de medo:

— Os cabanos!

E logo, da rua, a voz de Guilherme da Silveira, cheio de pavor:

— Aqui del-Rei! Os cabanos!

Depois latidos de cães, ruidos de armas, de vozes e de passos; depois um silencio, interrompido por longinquos gritos de morte.

Impellido pelo medo do isolamento em que me achava, saltei da rêde, atirei-me ao corredor escuro, e puz-me a correr pela casa toda, n'um desespero. A nossa habitação parecia deserta, e era illuminada apenas pela claridade de uma limpida madrugada, que penetrava pelas portas e janelas escancaradas. Ao que pude perceber reinava grande desordem nos moveis. Triste e sombria era aquella casa, assim aberta e abandonada, em que tudo parecia attestar irremediavel desgraça !

Fui sentar-me em um banco da varanda e não sabendo que fizesse, desatei a chorar. Que pranto amargo ! O primeiro pranto que uma dôr sincera e a consciencia da desgraça me fizeram verter ! Via-me só, abandonado, esquecido por meus paes fugidos provavelmente á sanha dos rebeldes. Que fazer ? Para onde fugir tambem ? O horroso isolamento esmagava-me, tirava-me a luz do espirito. Meu pae, no apuro da propria salvação, nem sequer pensara no filho que incauto dormia. Minha mãe, porém, como pudera cuidar da vida, sem se lembrar de mim ? Que triste situação, e que futuro me aguardava ? ! O de ser

queimado vivo pelos brutos cabanos, ou na melhor hypothese, de servir de creado ás suas horrendas mulheres, ebricas de independencia e de cachaça! Eu, o filho unico de Guilherme da Silveira, não poderia lisonjear-me de melhor destino, principalmente se viessem os invasores de Villa Bella commandados pelo terrivel Mathias Paxiúba, o *brazileiro*, o inimigo pessoal de meu pae, o caboclo de sangrenta memoria.

Estive por muito tempo abatido sob o peso da infelicidade que cahia sobre mim. Tirou-me da prostração a rude voz do sineiro da matriz. Paulo da Rocha accendeu um phosphoro, e approximando-se de mim perguntou :

— Quem é que chora ahi?

Tentei fugir á vista odiosa do pernambucano, mas elle, percebendo o meu movimento, abeirou se de mim, e tocando-me no hombro interrogou:

— E' você, Luiz? Então, tem medo de mim?

No meio da escuridão em que de novo cahiramos pela extincção da luz do phosphoro, respondi cheio de medo, banhado em pranto ;

— Sim, você matou meu pai.

O velho esteve calado algum tempo, como se lhe doesse a injuria, e depois retorquiu com voz pausada e grave :

— Deus ha de permittir, pobre menino, que elle se livre são e salvo das mãos dos *brazileiros* que o procuram por toda a parte. Entraram aqui na esperança de o encontrar mas o Sr. Silveira havia sahido ao primeiro rebate para entender-se com os amigos. Na occasião em que os *brazileiros* se aproximavam do teu quarto, vieram dizer-lhes que o Sr. Silveira se achava prestes a embarcar no porto de cima. Correram-lhe logo ao encalce, cégos pelo furor, porque cada um quér antes dos outros ferir o *marinheiro*, como elles dizem. Tua mãe pôde então salvar-se pela janella. Lá estava eu, na rua, carreguei-a nestes braços e fui deixal-a em logar seguro. Voltei a buscar-te, certo de que ainda aqui estarias. Quanto ao Sr. Silveira, espero em Deus que terá tido tempo de atravessar o rio.

A meu pezar o antigo ascendente que sobre mim exercia o pernambucano, foi-se apoderando de novo do meu espirito. Comecei a ter confiança. Com voz segura e tranquillã narrei o que ouvira e disse o que

pensava: a busca dos cabanos em toda a casa, com excepção do meu pequeno quarto, que milagrosamente escapara ás suas pesquisas; a lucta com os escravos fieis, e a retirada dos cabanos crentes de que meu pae fugira com toda a familia.

Paulo nada contestou, mas poz-se a afa-  
gar-me docemente com a mão grande e  
callosa, e a murmurar umas vozes repas-  
sadas de ternura.

N'isto ouvimos ruidos de passos na sa-  
pata da rua, e logo fechou-se com estrondo  
a porta exterior da casa. Em seguida um  
homem, muito agitado, approximou-se do  
banco em que nos havíamos sentado. Paulo  
riscou um phosphoro, e accedendo um rôlo  
de cêra, levou-o ao rosto do nocturno visi-  
tante.

A' luz do morrão vimos o rosto horri-  
velmente pallido de meu pae, as suas  
roupas em desalinho e na cara, no pescoço  
e nas mãos, pequenas escoriações que  
brilhavam como rubins. Ao reconhecer o  
pernambucano, meu pae recuou espavorido  
e alçou um terçado que trazia. Dos seus  
labios contrahidos pela raiva uma exclam-  
ação injuriosa pulou de chofre.

O mulato, porém, depôz tranquillamente o rôlo de cêra sobre a mesa de jantar e caminhou para meu pae sorrindo:

— Sr. Silveira, disse elle, é tempo de fugir.

E como se o velho mulato adivinhasse, ouvimos grandes pancadas na porta da rua, e um confuso esvozear de gente.

— Sr. Silveira, tornou Paulo da Rocha, D. Mariquinhas está em segurança; eu me encarrego do pequeno. Não se admire de ouvir-me fallar assim, mais tarde poderá julgar-me, o que urge é fugir com presteza. Não ouve como estão enfurecidos os cabanos?

Redobravam as pancadas na porta. Ouvimos distinctamente o grito d guerra da cabanagem:

— Mata marinheiro, mata, mata!

Meu pae deixou cahir o terçado e sentando-se no banco, metteu o rosto entre as mãos e soltou um doloroso suspiro.

Fóra recrudescia a grita, e as folhas da porta estremeciam nos gonzos.

— Mata marinheiro, mata, mata!

Como esclarecido subitamente por uma idéa, Paulo correu á sala de visitas, e com

uma agilidade de que o julgava incapaz, fechou as janellas. Depois voltou sereno e tranquillo para junto de nós.

— Sr. Guilherme da Silveira, o tempo urge. Venha commigo, eu o salvarei.

Mas meu pae não o ouvia, parecia alheio ao que se passava.

A porta da rua agitava-se sacudida por forças possantes e o rumor das vozes augmentava n'um crescendo de raiva. Era uma algazarra infernal, um mixto de gritos de animaes e de vozes humanas que causava horror. Dominando esse tumulto, resoou uma voz alta e rude, que me penetrou até a medulla, quando lhe ouvi estas crueis palavras:

— Vamos, rapazes, é preciso dar cabo desta raça de pés de chumbo. Cerquem a casa, não deixem escapar pessoa alguma desta familia de cobras. Elle está aqui, não pôde embarcar na montaria e voltou para a cova. Peguem, agarrem, enforcem o *Juiz de Paz!*

Ao ouvir essa voz, meu pae ergueu-se bruscamente, como impellido por occulta móla. Seu rosto transfigurado tinha a perfeita expressão da raiva. As suas feições,

contrahidas por um furor indescriptivel, tomaram a ferocidade da onça que defende a cria. Com as mãos crispadas nervosamente, com os dentes cerrados e os olhos em fogo a despejarem o odio intenso que lhe inundava a alma, meu pae exclamou n'um tom estranho, inenarravel:

— O brasileiro! O brasileiro!

Meu pae, armado do terçado, encaminhou-se para a porta, disposto a vender cara a vida. Ao chegar, porém, ao corredor lembrou-se de mim, e o furor diminuiu-lhe, como por encanto.

Abaixou a cabeça commovido, e duas lagrimas, as primeiras e ultimas que lhe vi, brilharam-lhe nos olhos apagados. Dirigiu-se a Paulo da Rocha em voz sumida.

— Mestre Paulo, fui injusto, perdôe-me, perdôe a um homem que vae morrer.

Depois com um esforço:

— Salve-me o Luiz, salve-o, pelos martyres de Pernambuco!

— Sr. Guilherme da Silveira, respondeu solemnemente o mulato, estendendo o braço sobre a minha cabeça. A vida de seu filho está segura, juro-o pela vida de minha filha!

Depois mudando de tom accrescentou :

— Mas ainda é tempo, fuja, Sr. Guilherme.

— Não, mestre Paulo, não faria senão arriscar a vida de meu filho. A minha companhia o deitaria a perder. Os cabanos querem o meu sangue. A Deus Nosso Senhor encommendo a minha alma...

Nesse momento a porta da rua voou em mil pedaços, e muitas pessoas penetraram em tropel no corredor. Meu pae fechou a porta que dava do corredor para a varanda e encostando-se a ella, voltou-se para nós, dizendo-nos, com um gesto, que nos fossemos embora.

Ah! se a porta da rua chapeada de ferro e com solidas trancas não resistira muito tempo, como resistiria essa segunda porta?

Paulo da Rocha pareceu hesitar algum tempo, mas um novo gesto de meu pae, cheio de uma desesperada energia, o decidiu. Carregando-me ao hombro com um vigor incrível, poz-se a correr para o quintal, d'onde em breve sahimos pelo portão, apezar das minhas supplicas e dos esforços que fazia para que me deixasse. Bem comprehendia eu que era a ultima vez

que via a meu velho pae, e doia-me abandonal-o naquelle supremo momento.

Durante algum tempo andou Paulo da Rocha dando voltas pela villa, até que chegámos ao porto. Na extremidade da villa, em uma enseada, estava uma canôa, e nessa canôa se achavam tres pessoas: Padre João da Costa, minha mãe e Julia.

Cahi nos braços de minha mãe que me recebeu soluçando. Depois da primeira effusão, minha mãe perguntou:

—E teu pae!

Lagrimas foram a unica resposta que dei.

Para fazer diversão a esta scêna, o pernambucano empurrou a canôa, saltando dentro d'ella, e armando-se do mará exclamou em voz que procurou tornar alegre.

—Agora, fujamos!

E então tirando de sobre a coberta tres pequenos remos redondos, injungio com a autoridade que as circumstancias lhe davam:

—O Padre mestre, o Luiz e eu remamos. Julia esgotará a agua da canôa.

E sentando-se á popa deu uma remada vigorosa, impellindo a embarcação para o largo.

Padre João e eu tomámos os nossos remos, e procurámos ajudar ao mulato. De repente, porém, o Vigario parou de remar. Ergueu-se dando um grito, e livido, lento, estendeu o braço para a villa, murmurando:

—Alli, alli!

No centro da villa uma grande chamma escarlata erguia-se do telhado d'uma casa, e o fumo subia em espiraes para o céu. Todo o povoado estava illuminado por aquelle enorme clarão. Sombras estranhas moviam-se no meio do fogo. Outras dansavam em roda da casa, á claridade do incendio. Ouvia-se o crepitar do fogo, e de vez em quando o ruido que fazia uma trave desabando. Em torno corria serena e silenciosa a madrugada. Nos sitios visinhos cantavam saudosamente os solitarios gallos.

Nós estavamos de pé ao fundo da canôa, boiando n'um mar de fogo reverberado pelo clarão do incendio na superfície placida do rio.

Minha mãe foi quem primeiro percebeu que o fogo era na nossa casa. A pobre mulher deixou-se cahir ao fundo da canôa, soltando um gemido de angustia.

Mathias Paxiúba, o brasileiro, cumpria parte de sua promessa, incendiando a casa do *Juiz de Paz*, e queimando-lhe o corpo, crivado de facadas, no enorme brazido. Restava a exterminação da família do seu velho inimigo, e ia ser eu de ora avante o objecto principal do seu odio e de sua perseguição incançavel.

## VI

No dia seguinte á tardinha chegámos a um pequeno cacaual, n'um dos Igarapés do Andirá. Pertencia o sitio a uma pobre mulher, comadre do Vigario, e por estar collocado em logar quasi desconhecido e deshabitado, Paulo o escolhera para nosso refugio.

Os acontecimentos infaustos da minha infancia ficaram-me de tal sorte gravados na memoria, que tenho ainda bem presentes os mais insignificantes pormenores, bem como nas suas minudencias o local que foi theatro das scenas mais importantes dessa desgraçada quadra da minha vida.

Compunha-se o sitio da velha Andreza d'uma casinha de palha, com dois quartos apenas, e d'um pequeno terreno com cêrca de dois mil pés de cacauceirõs.

A' esquerda da casa ficava o velho e grosseiro tendal, e á direita uma pequena horta de tabaco, pimenta e algumas couves. O terreiro era largo, bem plantado de laranjeiras e de mangueiras, e bastante limpo. Visto do rio, era o sitio de aspecto pitoresco, e a pobreza que em tudo denotava tinha alguma cousa de distincto e elevado, que inspirava immediata sympathia pelos moradores. A Andreza viuvara ainda moça d'um negociante de Villa-Bella, e retirara-se para aquelle sitio que com duas mulatas e um preto velho era tudo quanto lhe haviam deixado os credores do Pará. Alli morava já havia annos esquecida do mundo, e toda entregue á vida contemplativa dos povos da beira do rio.

Alli a fomos encontrar, sentada á porta da casinha, com o cachimbo na boca e o olhar perdido na immensidade do ceu azul.

Aquella morada tão solitaria e tão esquecida, onde parecia habitar a mais profunda

paz, contrastava vivamente com os nossos corações agitados pelos tremendos acontecimentos da vespera, e um tal contraste aggravava os nossos soffrimentos.

Minha mãe, coitada! entrecortava de suspiros e ais o pranto que lhe corria dos olhos. Padre João da Costa ia cabisbaixo e como envergonhado da fuga. Julia e eu estávamos muito commovidos. Sómente Paulo da Rocha parecia indifferente a tudo e fazia os gastos d'uma conversação, sustentada sómente para disfarce das dores.

Andreza recebeu-nos com a lhana hospitalidade da gente da nossa terra. Inteirada do motivo que nos levava, mostrou compartilhar da nossa desgraça, e suspirou tristemente ouvindo-nos a historia de meu pae, que consideravamos victima do furor dos cabanos. Nem outra cousa se poderia admittir, infelizmente!

A velha Andreza accomodou-nos na sua casinha o melhor que pôde e ella, minha mãe, Julia e as duas escravas tomaram conta de um dos quartos. Padre João da Costa, Paulo da Rocha e eu aboletámo-nos no outro.

Tive então occasião de apreciar melhor o

estranho character do sincero da matriz. Ao passo que Padre João, sadio e rosado apezar de tudo, passava as noites em barulhentas lamentações, maldizendo a sua covardia e infelicidade, o *velho do outro mundo* guardava uma serenidade admiravel, e sempre de sorriso nos labios, parecia, na magestade de sua sublime alma, vellar tutellarmente por nós.

Bem se notava que de vez em quando surprendia-o uma perturbação profunda, mas que passava rapida e fugitiva para dar logar áquella tranquillidade de espirito, inexplicavel para nós.

Ente incomprehensivel!

Quando se fallava da cabanagem, Paulo da Rocha nos enchia de espanto com a expressão de sympathia por uma causa que nos parecia insustentavel. Ao mesmo tempo a sua conducta, toda em opposição ás suas palavras, fazia-nos scismar, vaga e absurdamente recciosos.

Franqueza, franqueza, não confiavamos muito *no velho do outro mundo*, apezar do que tinha feito por nós. Não posso explicar uma tal desconfiança, mas minha mãe, principalmente, não se soubera despir dos

antigos preconceitos, nem podia olhar com segurança para o mulato.

Era mesmo tão grande a nossa injustiça que uma vez (ainda bem me lembra o caso) estávamos sentados todos no terceiro, admirando o cair da tarde que á beira do rio é de uma sublimidade unica, e como a preocupação exclusiva de todos era a cabanagem, não tardamos em desinteressar-nos do magnifico espectáculo equatorial para começarmos a fallar dos lutuozos acontecimentos da época.

Paulo da Rocha dissertou longamente sobre as causas da cabanagem, a miseria originaria das populações inferiores, a escravidão dos indios, a crueldade dos brancos, os inqualificaveis abusos com que esmagam o pobre tapuyo, a longa paciencia destes. Disse da sujeição em que jaziam os brasileiros, apesar da proclamação da independencia do paiz, que fôra um acto puramente politico, precisando de seu complemento social. Mostrou que os portuguezes continuavam a ser senhores do Pará, dispunham do dinheiro, dos cargos publicos, da maçonaria, de todas as fontes de influencia, nem na politica, nem no commer-

cio o brasileiro nato podia concorrer com elles. Que emquanto durasse o predomínio despotico do estrangeiro, o negro no sul e o tapuyo no norte continuariam victimas de todas as prepotencias, pois que eram brasileiros, e como taes condemnados a sustentar com o suor do rosto a raça dos conquistadores. Que o tapuyo boçal, ignorante, era instrumento movido por um sentimento nobre, habilmente manejado, o sentimento religioso e nacional, mas que quem tinha a culpa disso era a raça dominante, pois queria conservar o caboclo na mais completa ignorancia, que o enchia de superstições para dominal-o, e depois não queria que fosse subjugado por essas mesmas superstições, que os patriotas do Pará, intelligentemente inspirados, punham em jogo para o arrancar a uma apathia secular.

Elle, Paulo da Rocha, não comprehendia como o Governo do Rio de Janeiro, nascido de uma manifestação nacional, perseguia os caboclos do Pará, pois, afinal de contas, a cabanagem não era mais do que um prolongamento sangrento e brutal, é verdade, mas logico, da revolução de 7 de Abril.

A' medida que o velho fallava com o enthusiasmo concentrado que eu já uma vez lhe vira, uma viva surpresa, em breve transformada em profunda contrariedade e finalmente accentuada em acerba repugnancia, foi-se gradativamente manifestando no rosto de minha mãe e na attitude de Padre João da Costa, que a custo se continha para não explodir em contestação violenta.

Minha mãe, porém, interrompeu o mulato, lançando-lhe face a face estas crueis palavras :

— Isso dizem os cabanos para esconder os seus torpes motivos. O que elles querem é matar e roubar. Quem sabe se não somos victimas de uma traição bem arranjada?!

E o seu olhar completava a horrivel insinuação. No seu pallido rosto, sulcado por ininterruptas lagrimas, um rubor de indignação e de colera dizia mais do que os seus labios poderiam exprimir.

O velho abaixou lentamente a cabeça e calou-se. Um sorriso de resignação serena logo lhe veio illuminar o semblante.

Padre João e eu ficámos envergonhados e arrependidos, pois tivemos ambos a

mesma desconfiança que minha mãe manifestara, mas o sorriso do velho nos subjugava o coração, desmentia as suas insensatas palavras. E logo nos separámos para evitar o cruel acanhamento que se seguiu a essa scena.

Desde esse dia, porém, fugio a franqueza das nossas relações. Pouco fallavamos, andavamos mais tristes do que nunca, e o proprio Paulo da Rocha já não provocava a conversação, imitando-se ás poucas palavras exigidas pela cortezia. Um máo estar indefinivel apoderou-se de nós. Eu tinha sonhos horrorosos, em que o pernambucano fazia o papel de algoz. Outras vezes era padre João da Costa que me prendia na qualidade de brasileiro nato, e me açoutava cruelmente, depois de me reduzir á escravidão. Julia já não era tão minha amiga como d'antes.

Vivemos assim tres semanas aquella vida monotona e desassocegada, tristes, alheios a tudo que se passava a poucas leguas do nosso modesto habitaculo. Durante esse tempo nenhuma canôa passou pelo porto do sitio. Parecia que nos achavamos em terra completamente deserta.

Um dia, ao sahir do quarto pela manhã vi um tapuyo a conversar em voz baixa com Paulo da Rocha, sob as laranjeiras do terreiro. Espreitei-os, e vi o desconhecido dirigir-se, passado algum tempo, para o porto, embarcar n'uma montaria, e seguir viagem na direcção de Villa-Bella.

Corri a levar a minha mãe a nova assustadora. A pobre mulher quasi enlouqueceu de susto. Muito custou a Padre João da Costa o dissuadil-a do projecto de fuga, a que se aferrou na idéa fixa da traição do mulato.

Não deixavam de ter fundamento as razões do Padre:

— De que nos serve fugir? Estamos á mercê do sineiro. Por agua não escaparemos, por não sabermos para onde dirigir a canôa e não conhecermos estes logares ermos. Por terra? iremos morrer de fome e de miseria por esses mattos ou matar a fome a algum casal de onças pintadas. O melhor é esperar a pé firme o perigo, que não será assim tão barbaro este homem que nos sacrifique depois de nos ter arrancado ao poder dos brasileiros. Porque, emfim, vamos e venhamos. Se elle

nos queria entregar aos cabanos, para que nos tirou de Villa Nova?

E terminou, depois d'uma pausa, como argumento decisivo:

— Entreguemo-nos à Divina Providencia, o melhor amparo dos que padecem.

## VII

Eram duas horas da tarde, e eu me banhava nas aguas tepidas do rio, quando julguei ouvir barulho de remos e sons de vozes estranhas. Posto já houvesse esquecido o incidente da conferencia entre o mulato e o tapuyo, que se dera alguns dias antes, uma viva desconfiança me assaltou. Puz-me attento e conheci que alguma canôa se approximava do porto. Não tardou muito que não visse, tomado de espanto, dobrarem a ponta d'uma ilha visinha algumas canôas; eram tres ou quatro compridas montarias, cheias de gente, mas d'uma gente exquesita, desconhecida, alguma cousa de phantastico e estranho que me excitou sobremancira a imaginação. A primeira idéa que me assaltou a

mente, logo que pude reflectir, foi que aquella gente pertencia ao partido dos *brazileiros*.

— Os cabanos, os cabanos! gritei eu, correndo para a casa, louco de terror, sem me dar ao trabalho de vestir a roupa que sobraçava.

Minha mãe, o Padre Vigario, a Andreza e Julia conversavam na varanda. Ergueram-se automaticamente e puzeram-se a olhar para o rio, com o olhar desvairado e ancioso:

— Os cabanos! repeti eu, agarrando-me à batina de Padre João, e procurando esconder a nudez, sem chegar a vestir-me.

— Estás doudo, menino? disse-me o Vigario rudemente. Andas aqui a metter medo à gente! Onde viste os cabanos, travesso d'uma figa?

— Alli! respondi apontando para a ilha que no meio do rio o separava em duas partes quasi iguaes.—Alli, atraz da ilha!

Padre João ainda quiz replicar, mas nesse momento as canoas appareceram de novo, e desta vez ninguem pode deixar de vê-las.

Vinham cheias de gente, como a principio

me pareceram. Cada uma dellas trazia á pôpa uma especie de pequeno mastro, em cujo tópe tremulava uma bandeirinha encarnada.

— São elles ! murmurou Padre João da Costa em voz sumida.

— Deus Nosso Senhor Jesus Christo! soluçou minha mãe, deixando-se cahir de joelhos, e cobrindo o rosto com as mãos.

A velha Andreza parecia estúpida diante d'aquelle espectáculo. Eu tremia, agarrado ao Padre e á roupa, mas procurava mentalmente contar o numero de embarcações e de cabanos. Só Julia parecia menos commovida.

— Que será de nós? balbuciou o Vigario de Villa-Bella, arrancando um pequeno crucifixo do seio, e beijando-o repetidas vezes.

N'esse momento Paulo da Rocha appareceu. Vinha do cacual, da parte proxima ao rio, d'onde provavelmente vira a chegada dos cabanos. Estava pallido, mas sereno. Sómente o movimento das narinas denotava a grande agitação que lhe ia na alma.

Quando o vimos apparecer, quasi sem ser

presentido, recuámos instinctivamente minha mãe, o Padre e eu. Elle, porém, como se não tivesse reparado naquelle nosso injurioso, mas involuntario movimento, disse-nos com voz forte e firme, n'um tom de franqueza rude, que produzia sempre no nosso coração o desejado effeito:

— Não tenham medo. Vamos, entrem e fechem-se dentro do quarto. Nada temam. Padre Mestre, não se acobarde...V. Revm. está dando máo exemplo a esta gente. Veja se lhes reanima a coragem.

E juntando o gesto á voz, o *velho do outro mundo* fez-nos entrar n'um quarto. Depois adiantou-se sosinho para o terreiro.

As escravas que andavam pelo cacual, chegaram n'esse momento gritando:

— Os cabanos! os cabanos!

Minha mãe ajoelhada perto da porta resava com fervor. Julia parecia mais curiosa do que amedrontada. Padre João e a velha Andreza, sentados em redes, estavam mais mortos do que vivos. As mulatas choravam ruidosamente.

Pela fresta da porta entre-aberta percebi que as canôas chegavam ao porto do sitio e abeiravam á ponte.

---

No quarto, além do ligeiro rangido das cordas das rêdes nas escápolas de páo, ouvia-se o soluçar medroso das escravas, arrodilhadas no chão, aos pés da senhora, com a cabeça occulta nas saias. Lá fóra a vozeria dos tapuyos.

Não pude escapar ao influxo das idéas romanescas que me enchiam o cerebro e me exaltavam a imaginação. Naquelle hora tremenda, em que ia talvez decidir-se da minha vida e da sorte de minha mãe, senti-me transportado para um mundo ideal, de pura phantasia, mas que se me affigurava presente e tangivel, e super-excitando-me os nervos collocava-me acima de qualquer receio e indifferente a tudo que não fosse saciar os olhos e a imaginação naquelle espectaculo extraordinario.

Uma curiosidade irresistivel apoderou-se de mim; queria a todo o custo vêr o que se ia passar. Um fogo intestino devorava-me. Acabei de enfiar a roupa e abrindo sorrrateiramente a porta, deitei a correr para o terreiro, sem que dessem por mim.

E o que vi era realmente digno de ver-se.

Quando chegei a alguns passos de distancia de Paulo, sem ser percebido, vali-me

da agilidade de coromim do Amazonas para trepar a uma mangueira do terreiro. Uma centena de pessoas, homens, mulheres e creanças, caboclos na maior parte, negros e mulatos muito poucos, desembarcavam desordenada e ruidosamente. Os homens vestiam calças e camisa de algodão tinto em murixi vermelho, cobriam-se com grande chapéo de palha, com topes de duas côres, vermelha e preta, em fôrma de cruz. No peito da camisa tinham distinctivo igual, e á cintura traziam um horroroso trophéu de orelhas humanas, enfiadas em uma embyra, em ostentação de perversidade e valentia.

As mulheres trajavam saias e camisa da mesma fazenda de algodão, sendo somente as saias tintas em murixi, e sobre os amplos peitos morenos destacava-se a cruz de duas côres que distinguia os cabanos, inimigos dos maçons e dos portuguezes. As creanças estavam quasi todas nuas. Homens e mulheres, ao que me pareceu do alto da mangueira, tinham physionomia bestial e feroz e vinham armados de espingardas, terçados, chuços e espadas.

Toda aquella gente, n'um tumulto de

desenfreada licença, ria e gritava, praguejava e resava ladainhas, entrecortadas de soluços agudamentados e de gestos de ameaça e de odio que me causavam calefrios. Sem disciplina nem ordem de especie alguma desembarcaram os cabanos, en'um esvozear desbragado, em passos precipitados e attitude hostile, tomaram o caminho da habitação da velha Andreza. Sahio-lhes ao encontro o *velho do outro mundo*.

— Então, canalha! bradou o mulato, n'uma voz retumbante e aspera: Então, canalha! E' assim que se invade a casa do cidadão brasileiro ?!

Cuidei de vir abaixo da arvore n'um desmaio de surpresa e de susto, ao ouvir aquellas audazes ou melhor insensatas palavras de provocação e insulto, que Paulo da Rocha proferia n'uma allucinação de raivosa impotencia. Pareceu-me que os cabanos iam cahir sobre o velho desarmado e só, e massacrar-o como a um verme.

Fechei os olhos para não ver o horrendo assassinato, mas a curiosidade me estimulou a abril-os, e com o maior espanto que jámais senti em minha vida, vi, com estes olhos, a multidão estacar timida e muda.

Paulo da Rocha continuou no mesmo tom de voz :

— Se vindes como patricios e amigos, terei muito gosto em vos receber a todos. Eu sou brasileiro, entendeis, tapuyos bebidos? E se algum ha entre vós que não seja meu patricio, que o declare se fôr capaz !

O velho sineiro da Matriz tinha a altiva belleza dos heróes das antigas lendas. A sua fronte erguia-se com a magestade augusta da fronte dos reis. O craneo despidido de cabellos brilhava aos raios do sol da tarde com reflexos metallicos. O olhar de gavião real dominava a multidão semi-selvagem de tapuyos ferozes que a sede de assassinio e de roubo alli trouxera.

Elle insistio com dobrada arrogancia :

— Ninguem se atreve a declarar? Como é pois, que brasileiros entram em casa de brasileiros por semelhante fórma? Que quereis, corja sem vergonha?\*

O que se passou então foi cousa tão estupenda que narrando-o após o decurso de tantos annos, receio não ser acreditado. Eu vi aquella multidão de bandidos humilhar-se ante um homem desarmado. Vi os

cabanos, os fanaticos caboclos que nada respeitavam, tremerem diante daquelle velho alquebrado pelos annos e murmurarem desculpas.

— Patricio, balbuciou um que parecia o chefe da expedição, nós chegamos como amigos na casa do seu amigo.

— Sede bem vindos, respondeu o mulato, abrandando a rudeza da voz. Entrae e recebei a hospitalidade do pobre.

E Paulo da Rocha encaminhou-se para a casa, seguido pela multidão dos cabanos que, parecendo ter subitamente recuperado a sua liberdade de acção, gesticulavam, gritavam e entoavam canções cheias de ameaças de morte e de graçolas ridiculas.

Estupefacto, fóra de mim, desci da arvore e segui o bando. Quando chegámos á casa parecia deserta.

Paulo voltou-se para os importunos hospedes e disse-lhes n'um tom de amigavel superioridade :

— Patricios, á vontade; mas ninguem estrague o que lhe não pertence.

Immediatamente a multidão, como se só esperasse aquella ordem, dispersou-se pelo sitio. Uns correram para o cacual, outros

para a horta e alguns para o tendal, e o sitio, de ordinario silencioso e melancolico, offereceu um aspecto curioso de animação e desordem. Aqui uma velha desdentada e nojenta fazia vinho de cacão em tipetis e alguidares; alli um bando de creanças quebrava galhos de laranjeiras para mais á vontade colher os fructos grandes e avermelhados que lhes excitavam a gula. No terreiro mulheres improvisavam um fogão com tres pedras e assavam o peixe furtado ao paiol da velha Andreza. Na cozinha um grande circulo discutia e berrava, dansando o sahiré e bebendo aguardente que o mulato lhe puzera á disposição. Por toda a parte algazarra e desordem.

Tres ou quatro dos principaes cabanos ficaram na varanda, onde Paulo lhes servira aguardente, peixe, farinha e tabaco.

Paulo da Rocha fallava-lhes com sobrançeria, e a cada uma de suas palavras, eu cuidava que se iam levantar os cabanos e matal-o. Mas o sincero possuia algum condão maravilhoso. Longe de se zangarem, os tapuyos pareciam moderar-se e submeter-se á medida que a voz do velho crescia

em vehemencia. Era na realidade extraordinario o que se passava. Parecia-me estar sonhando.

Paulo da Rocha interpellava-os sobre os seus projectos, e lançava-lhes em rosto as mortes e roubos que praticavam por toda a parte.

— Nós batalhamos por ordem de Deus, disse um tapuyo velho que mostrava ser o mais autorizado. Queremos dar cabo dos marinheiros todos porque são maçons, inimigos dos santos e nos roubam o suor do nosso rosto.

— E que significa essa cruz que trazes no peito e no chapéu? perguntou o mulato.

— Isto é um signal bento, explicou o tapuyo. Todos os brasileiros hão de trazer a cruz para se livrarem das tentações do inimigo. E' a religião que nos manda usar a cruz. E' o signal da nossa redempção.

— E o signal da redempção é cousa que se prégue no chapéu que anda por toda a parte e rola pelo chão? disse Paulo da Rocha, arrancando o chapéu da cabeça do tapuyo e atirando-o fóra. E' assim que se teme a Deus, quando se brinca com a cruz em que morreu Nosso Senhor?

O tapuyo levantou tranquillamente o chapéu, e sorriu alvarmente olhando para os companheiros.

Um destes murmurou com uma risadinha sarcástica:

— Entretanto diz que você já foi rebelde n'outro tempo, mestre Paulo...

Os cabanos encararam o sineiro como se lhe pedissem uma explicação.

— Fui rebelde, exclamou Paulo da Rocha, erguendo altivamente a cabeça, mas a minha causa era grande e nobre. Nós em Pernambuco nos rebellamos por uma idéa grandiosa, idéa que ficou afogada em sangue, mas não morreu, ha de surgir mais tarde ou mais cedo. A igualdade das raças ha de ser proclamada, assim como o foi a independencia da nossa patria, pela qual morreram em 1817 os meus valentes chefes. Dos dois fins que a rebellião de Pernambuco tinha em mira, um já se conseguiu, ainda que incompletamente. O outro... Não ha de tardar o dia da redempção dos captivos. Mas os cabanos matam e roubam pelo simples prazer do crime, ou antes, porque invejam a prosperidade dos brancos.

— Não, mestre Paulo! contestou o segundo tapuyo. Branco mata e rouba o tapuyo aos bocadinhos. Tapuyo mata o branco d'uma vez, porque o branco é maçon e furta o que o tapuyo ganha.

— Nós, tornou Paulo da Rocha, possuido pelo entusiasmo que delle se apoderava sempre que se referia á revolução de 17, e nem parecendo ouvir a contestação do cabano. Nós não matavamos os velhos e as creanças, nem roubavamos os bens alheios. Se derramámos sangue foi em combate, expondo a nossa vida sempre em numero inferior ao das tropas leaes. E os cabanos que fazem, que querem? Dizem que são brasileiros mas roubam e matam os brasileiros. Dizem que são religiosos e tementes a Deus, mas matam padres, mulheres e creanças. E querem comparar-se comnosco? Então a onça traiçoeira póde comparar-se ao cachorro que ataca de frente? Que vieram vocês buscar aqui? Não sou tão bom brasileiro como o melhor cabano? E que valentia é essa vir assim tanta gente atacar o sitio de uma pobre velha, viuva de um brasileiro que os marinheiros do Pará mataram de desgostos?

— Mestre Paulo, você está enganado, accudio o mais velho dos tapuyos. Nós não vimos atacar o sitio. Nós cá estamos para visitar o velho mestre Paulo, pedir-lhe um pouco de polvora e de chumbo, e dizer-lhe que Mathias Paxiúba lhe quer fallar.

— Ah! vocês pertencem ao bando do Paxiúba?

— Sim. Mathias Paxiúba governa desde Obidos até ao rio do Ramos. P'ra baixo quem manda é o Pau-ferro e no mar é Jacob Patacho. Então Mathias Paxiúba soube que mestre Paulo estava aqui p'rás bandas do Andirá. E ouviu dizer que mestre Paulo era valente e foi rebelde no outro tempo. Então Mathias Paxiúba quer fallar com você.

— Onde está elle?

— Está agora no Lago da Franceza. Lá é o campo grande, porque os legaes dominam a Barra do Rio Negro.

— Pois diga-lhe que lá irei ter ao Lago da Franceza o mais depressa que puder.

— Elle mandou dizer que não faltasse, para provar que é bom brasileiro. Se você não fór, elle diz que você é a favor dos marinheiros.

— Hei de provar a Mathias Paxiúba que sou tão bom brasileiro como elle mesmo.

— Nós não duvidamos, disse o tapuyo que recordara a Paulo a sua qualidade de antigo rebelde. Mas é que já outro dia o camarada que veio chamar a você, voltou dizendo que você ia e você não foi. Então Mathias Paxiúba disse: Remem pr'a lá!

— Não pude ir tão cedo como queria, mas isso não é motivo para se duvidar de mim.

— Agora então vae?

— Sem falta. Vou acabar de fazer um serviço urgente e sigo logo. Podem ir descansados.

— Viva mestre Paulo, gritou o tapuyo erguendo-se e sacudindo o chapéu.

— Viva! repetiram os outros.

Nesse momento um dos rebeldes vio-me, e batendo-me no hombro, perguntou ao mulato:

— Quem é este coromim?

— E' um brasileiro certo. E' afilhado meu.

Valeu-me a côr morena do rosto, requimado do sol na viagem e nos banhos ao meio-dia em pleno rio. Se eu fosse claro

estaria perdido. Para maior facilidade do engano, depois que nos achavamos no sitio da velha Andreza, attribulados e tristes, eu gozava da mais completa liberdade. Andava vestido de calças de riscado e camisa de algodão como qualquer tapuyozinho, descalço e esgadelhado. Quem me visse tomarme-hia facilmente por um caboclo, como o acreditaram os cabanos. Um delles sorriu-se para mim, dizendo:

— Pois é tempo de metter o coromim na camisa de murixi. Os patricios devem todos vestir do mesmo modo.

Tive impetos de repellir com indignação o conselho, mas o medo foi mais forte do que o orgulho do filho de Guilhermê da Silveira. Calei a raiva e escondi a perturbação atraz de um esteio da varanda.

Os cabanos demoraram-se ainda algumas horas no sitio. Depois de terem carregado as canôas de cacáo, fumo, aguardente e tudo quanto puderam haver ás mãos, despediram-se calorosamente de Paulo da Rocha, recommendando-lhe muito que não deixasse de ir ao Lago da Franceza, onde estava o chefe.

Paulo seguio-os com a vista até que as

---

canôas dobraram a ponta da ilha e morreu o rumor das vozes aguardentadas e dos remos indolentes. Depois, puxando-me amigavelmente a orelha, foi abrir a porta do quarto ás mulheres e ao Padre, semi-mortos de medo.

## VIII

— Meus amigos, disse-nos nessa mesma noite o sineiro da Matriz, tudo até aqui tem ido muito bem, depois que cá chegámos, mas falta atravessar a crise principal, o encontro com o Paxiúba. Como ha de ser? Mathias é feroz, sanguinario e altivo, não se deixará levar pelo nariz. Se lhe não fôr eu fallar ao Lago da Franceza, é muito capaz de vir cá em pessoa, e então não pôde deixar de descobrir a viuva e o filho do *Juiz de Paz*. Estaremos perdidos. Indo eu ao Lago, não será prudente deixal-os aqui. Andam estas paragens infestadas já pelos cabanos, e um dia podem, agora que conhecem o sitio, vir incommodal-os de novo. Padre Mestre, que diz vossa reverendissima?

Até alta noite discutio-se o problema, e só a custo chegou-se a um accôrdo satisfatorio. Convencionou-se por fim que no dia seguinte partiriamos do sitio da Andreza, e nos internariamos pelo ygarapé dentro em direcção ao lago do Anuassú, pequena lagôa de pesca, descoberta pelo escravo de Andreza, e que se suppunha inteiramente desconhecida e deshabitada. O preto velho nos acompanharia até uma pequena cabana que elle proprio construiu em meio do matto para se abrigar das intemperies nas longas estações de salga que passava á beira da lagôa. Alli deveriamos ficar, enquanto o pernambucano iria apresentar-se ao capitão dos rebeldes, levando em sua companhia a filha, para que o cabano não desconfiasse de que ficara comnosco e da protecção que o mulato nos dispensava. Logo que Paulo da Rocha pudesse com a sua presença adormecer as suspeitas de Paxiúba, voltaria a reunir-se aos seus protegidos, e então procuraríamos um meio de chegar á barra do Rio Negro, onde ficaríamos sob a protecção dos legaes. Enquanto não voltasse o sincero devíamos permanecer no lago Anuassú.

Padre João, ao concluir-se esse plano, exclamou alegremente :

— Não ha duvida, meus filhos, eu me encarrego de dirigir a casa e de pescar para nós tres, pois que o preto velho deve voltar logo ; a sra. Andreza precisa delle, e basta já de dar prejuizos a essa santa creatura. Com o auxilio da Divina Providencia e do maroto do Luiz tudo irá ás mil maravilhas.

Como não havia tempo a perder tratou-se dos preparativos da viagem. As mulheres reuniram toda a nossa roupa que aliás era pouca e modesta, fizeram um balaio de algumas provisões escapas á rapacidade dos cabanos e que Andreza nos cedeu de boa vontade, dizendo que ella de nada precisava. O Faustino, o preto velho, pescaria para ella, e a tapuya e a mameluca, as duas escravas lhe arranjariam a farinha e o tabaco de que carecia. Padre João da Costa e eu examinámos os anzóes, preparámos as linhas de pesca, concertámos os arcos e frechas que nos vendeu o Faustino, e enchemos um grande pote de vinho de cacáo, espumante e saboroso. Paulo visitou a canôa e os remos, e preparou ás pressas

uma tolda falsa de japá para abrigar os generos na viagem.

Essa noite não dormimos, e mal rompeu o dia embarcámos na canôa e despedimos da velha Andreza, que debilhada em lagrimas, nada respondeu aos fervorosos agradecimentos que lhe dirigimos pela sua generosa hospitalidade.

— Deus abençõe esta casa, minha irmã, disse-lhe Padre João da Costa, e lhe dê em tresdobro o que a senhora perdeu por amor de nós. Adeus, boa velha, não me esquecerei de si nas minhas orações.

Minha mãe e Julia abraçaram a dona do sitio com muita expansão.

Em poucas horas chegámos á lagôa do Anuassú, e logo depois abeirámos ao porto da cabana de Faustino. Era uma miseravel palhoça que mal poderia accommodar duas pessoas; um desses ranchos que os pescadores constroem á beira dos lagos de pesca no verão, para se abrigarem da chuva e agazalharem o peixe salgado. Aboletámos-nos alli como foi possível, e porque a casa (se tal nome poderia ter) só constasse de duas peças, tratámos logo de fazer uma divisão com estacas e palha de pindoba,

para que minha mãe tivesse o seu quarto de dormir. Armou-se também uma pequena cobertura para cozinha, improvisando-se o fogão com três pedras e um moquem.

A novidade agradava-me, e nesse casebre eu me julgava tão bem como na nossa grande casa de Villa-Bella. Padre João parecia satisfeito, e exclamava a todo o instante :

— Magnifico! soberbo! Ora digam que o Senhor não provê ás necessidades das suas creaturas.

No dia seguinte Paulo e Julia partiram para o Lago da Franceza, deixando-nos immersos em profunda inquietação. Senti muito a ausencia de Julia. Fui sentar-me á beira do Anuassú que ella atravessara na fragil canôa, e chorei o dia inteiro.

Nada mais triste nem mais monotonico do que a vida que levavamos no Anuassú depois da partida do pernambucano.

O bom humor affectado pelo Vigario no dia da chegada desaparecera logo que se vira isolado naquella sertão bravio, entre uma viuva inconsolavel e uma creança.

Minha mãe reunia á saudade do esposo assassinado a inquietação pela existencia

do filho e o receio da propria segurança. Eu mesmo, apesar da leviandade da meninice, sentia-me triste, saudosos, aborrecido á beira daquelle lago deserto, sem uma creatura a que a proporcionalidade dos annos me ligasse. Dum lado minha mã, com os olhos humidos de pranto e o peito oppresso de suspiros. Do outro o carão enfasiado de Padre João da Costa e a sua elevada estatura a passear silenciosamente á porta da cabana, quando os afazeres da caça e da pesca não o prendiam longe da habitação.

Assim passámos cerca de quinze dias no isolamento e no abandono, receiando pela vida de Paulo da Rocha e desesperando da situação, julgando-nos condemnados a arrastar uma existencia deploravel naquelle sertão que as onças e as cobras frequentavam.

Uma manhã fomos acordados por Paulo da Rocha.

O sincero vinha só, e estava muito triste. Brilhava-lhe o olhar e tinha um sorriso de orgulho a illuminar-lhe a physionomia.

— E Julia? perguntei eu.

— Ficára no Lago da Franceza, com os cabanos, que a retinham como refen. Paulo

da Rocha dissera que precisava ir a Serpa tratar de negocios urgentes, e para que voltasse a incorporar-se aos brasileiros, estes haviam exigido que deixasse a filha. Na verdade o que o mulato queria era levar-nos áquella villa, d'onde facilmente poderíamos ganhar a Barra, emquanto elle vòltasse a buscar a filha

Comquanto nos parecesse estranha a historia, nada dissemos ao pernambucano que denotasse a nossa incredulidade, posto nadassemos n'um mar de conjecturas sobre a sorte de Julia.

Só muito mais tarde chegou a verdade ao nosso conhecimento por informação de uma testemunha ocular.

O homem extraordinario, que foi para mim mais do que pae, queria occultar os actos de inaudita generosidade que praticára, mas felizmente para a sua memoria não pôde prevalecer a sublime mentira, eu e todos conhecemos a grandeza daquelle coração.

Quando o pernambucano chegou com a filha á presença do feroz Paxiúba, este já sabia perfeitamente que nos salvara, a minha mãe e a mim, do furor dos cabanos,

escondendo-nos n'um logar só delle conhecido na vasta região Amazonica. O brasileiro recebeu-o, pois, cheio de odio e disposto a empregar as maiores violencias para haver ás mãos os *marinheiros*.

— O filho dessa gente maldita, disse o tapuyo em tom resolutivo, o filho de Guilherme da Silveira não pôde viver. Tens que entregal-o á vingança dos teus patricios.

Paulo da Rocha foi inabalavel diante da exigencia do chefe. Ergueu a cabeça altiva, e fitando os olhos de aguia no rosto horrendo do cabano, disse em voz sonora e clara :

— Paxiúba, um pernambucano põe acima de tudo as leis da honra. Eu jurei pela vida de minha filha salvar o filho do *Juiz de Paz*.

— Tu és um traidor! bradou em voz de trovão o cabano, pondo-se de pé e ameaçando o mulato com os punhos. E's um traidor, negro vil, estás vendido aos marinheiros e aos maçons!

Aquelle insulto fez empallidecer o mulato. Passou-lhe um relampago no olhar, mas não respondeu.

Os espectadores desta scena assistiam tremulos á lucta imminente entre o cruel e desapiedado cabano e o velho feiticeiro, o *velho do outro mundo*. Eram na totalidade caboclos e negros, cabanos todos, gente ignorante e rude, acostumada a temer a força e crueldade de um e o mysterio sobrenatural de que se habituára a aureolar a frente do outro,

Mathias Paxiúba continuou :

— Ha muito tempo que eu desconfiava de ti. Mas toma cuidado ! Ninguem se atreva a encarar face a face com Paxiúba, o brasileiro ! Sou filho da onça, neto do tamanduá e mano do jacaré ! O filho do *marinheiro* ha de morrer, para que se extinga a fama daquella familia maldita. E' preciso vingar os nossos irmãos assassinados por ordem do Juiz de Paz. Negro, tu has de entregar o *marinheirinho*, ou te arrepen-derás !

— Paxiúba, respondeu o mulato, contendo-se a custo ; quando a gente chega á idade que tenho, não teme insultos nem ameaças, tratando-se de cumprir um dever. Ser brasileiro não é ser assassino, caboclo ! Toma cuidado tu tambem, mano

do jacaré. Jurei salvar a vida do pequeno, e hei de cumprir o meu juramento, custe o que custar.

Paxiúba quiz lançar-se sobre o velho, com os dentes arreganhados e a face convulsa de furor. O mulato deu um passo atrás e esperou-o em attitude calma, serena e magestosa.

— Vamos, caboclo, exclamou Paulo da Rocha; e no movimento convulso das narinas e no estridente tom de voz denotava a inquebrantavel energia com que se apparelhava para a lucta. Vamos, caboclo, mostra que és valente. Obriga-me a entregar-te o filho do *Juiz de Paz*!

O mulato levára a mão ao seio da camisa. Ou por que suspeitasse aquelle movimento, que parecia denunciar a arma occulta, ou por que o prestigio do velho rebelde e o terror que inspirava o feiticeiro o dominasse, o cabano recuou e com elle recuaram todos os cabanos.

Mas, á distancia, moderando a voz, com um furor concentrado, lentamente para que cada palavra fosse uma punhalada, Mathias Paxiúba disse:

— Negro, tu vais buscar o marinheirinho,

e has de trazel-o em companhia da mãe e do Padre. Tua filha daqui não sahe. E por Nossa Senhora te juro que a cunhantan pagará pelo filho do *Juiz de Paz*. Cada dia que perderes na viagem, será um dia de tormento para ella. Vae, e toma cuidado. Não queiras que se diga que o velho Paulo da Rocha sacrificou a carne de sua carne para salvar um inimigo dos seus patricios; um dos tyrannos do Brazil. Não queiras que se diga que o pernambucano não merecia ser pai, e que Deus errou quando lhe deu uma filha.

E voltando-se para os seus sequazes, o Paxiúba ordenou:

— Agazalhem a cunhantan!

No dia seguinte ao da volta de Paulo da Rocha, seguimos todos para Serpa. Levámos muitos dias de viagem porque foi forçoso procurar os caminhos mais longos, dar voltas enormes, andar pelos furos mais estreitos, arrastando algumas vezes a canôa, para escapar ás vistas dos cabanos que infestavam aquellas paragens. Iamos todos

sobresaltados e Paulo da Rocha mergulhado em profunda tristeza. Afinal chegámos á ilha de Serpa, e ahi nos deixou o sineiro para ir, como elle nos disse, em busca da filha, mas na realidade para sómente approximar-se della, e tentar algum meio de salvação. Estavamos em segurança, e o heroico mulato podia partir descansado.

Passámos muitos dias em Serpa, em casa de um portuguez, antigo amigo de meu pai. Lá tivemos a confirmação da morte desgraçada de Guilherme da Silveira, cujo corpo não pôde ser sepultado em logar sagrado. Minha mãe, que ainda se apegava a uma solução milagrosa, ficou em estado de verdadeiro desespero.

De Serpa partimos para a Barra do Rio Negro, onde residia meu tio Lourenço. As impressões que os acontecimentos narrados me haviam deixado no espirito, foram pouco a pouco se esvaindo, graças ao tempo e á despreocupaçãõ natural da infancia.

De Paulo da Rocha e de Julia não mais tivemos noticia. A difficuldade das communicações, a agitação dos tempos e o

cuidado da propria segurança haviam impedido uma pesquisa mais cuidadosa sobre o destino que levára o nosso salvador. Meu tio Lourenço, que se incumbira de colher noticias, promettera empregar nisso toda a diligencia. Faltou-lhe persistencia ou o tempo lhe foi absorvido pelos negocios... não sei. Eu era ainda muito criança para interessar-me activa e insistentemente por qualquer cousa. Minha mãe, immersa na sua dôr, não cuidava senão em chorar e rezar. Quanto ao bom do padre João da Costa, não soffrera impune-mente a perseguição de Mathias Paxiúba. Uma febre palustre, adquirida nos sertões do Andirá e do Anuassù, apoderara-se do corpo, e tenaz, refractaria a todos os cuidados da medicina, minára-lhe o organismo, matando-o por fim.

Quando ouvimos dizer que se findára a cabanagem tive de deixar por uma vez os folguedos da meninice, e seguir para o seminario do Pará. D'alli me mandaram para Olinda, a cursar a academia de Direito.

Muitos annos se passaram sem que eu voltasse ao Pará.

## IX

Um dia, era eu Juiz Municipal e Delegado de Policia de Obidos e visitava a fortaleza, transformada provisoriamente em cadeia de justiça, por falta de edificio apropriado. O commandante do forte, um tenente-coronel reformado, velho muito contador de historias, gostando de dar a perceber os seus conhecimentos estrategicos, fez-me apreciar as vantagens topographicas da fortificação, gabou a solidez dos muros, a boa escolha do local e queixou-se do desamparo em que o Governo deixava tão importante meio de defesa, o unico de que Obidos dispunha.

— Olhe, Sr. Doutor., acrescentou o Tenente-coronel Miranda, se o governo do meu paiz—elle dizia *meu paiz*, como se o Brazil todo lhe pertencesse—; se o governo do meu paiz fosse mais previdente, muitos males se teriam evitado no passado e muitos mais se evitariam para o futuro. Mas qual ! Aquella gente do ministerio da guerra não faz nada lá no Rio de Janeiro !

Canço-me de reclamar, reclamar, reclamar !... V. S. já me respondeu alguma cousa ? Não ? Pois assim fazem elles. O presidente da provincia é a mesma cousa. Olhe, no tempo da cabanagem...

Esta palavra despertou a minha attenção cançada da verbiagem do velho, e procurando já distrahir-se nos detalhes do edificio colonial. A cabanagem ! quantas idéas confusas, dolorosas, ardentes, romanescas não fazia tal palavra brotar no meu cerebro de-moço ! As recordações da infancia, emmaranhadas, obscuras, cheias de lacuna, andavam procurando um fio conductor que as guiasse e esclarecesse. Tudo quanto dizia respeito aos motins politicos do Pará interessava-me sobremaneira. Tinha a curiosidade dos menores detalhes, buscava informar-me de todas as circumstancias de cousas e pessoas daquelle sangrento episodio que atravessára a minha infancia como um clarão de fogo, a chamma do incendio que devorára o corpo de meu pai.

— V. S. assistio á cabanagem, Sr. Tenente-coronel ? perguntei ao commandante.

O velho militar olhou para mim muito

espantado, como se eu lhe perguntasse cousa que ninguem podia ignorar.

— Como, Sr. Doutor? Pergunta se eu assisti á cabanagem?

Mostrou-me uma fita na lapella da farda, e accrescentou :

— Pois não está vendo? Isto foi pelo feito do Lago da Franceza. Fui eu quem destruiu o bando de Mathias Paxiúba...

— De Mathias Paxiúba, o *brazileiro*? perguntei soffregamente. E acudindo a reminiscencia, aos pedaços, em desordem, continuei :

— De Mathias Paxiúba, que invadiu Obidos, que saqueou Villa-Bella, e incendiou nossa casa? Mathias Paxiúba foi o assassino de meu pai, Sr. Tenente-coronel.

— Esse mesmo, um dos mais ferozes tapuyos da cabanagem.

E vendo-me vivamente interessado, o Tenente-coronel Miranda deu largas ao seu gosto pelas narrativas, principalmente quando se suppunha o heróe dellas :

— Eu era capitão nesse tempo, e comandava a companhia encarregada de bater os mattos de Villa-Bella, onde o bando de Mathias Paxiúba se occultava. Os cabanos

apezar das suas fumaças de valentia, não ousavam encontrar-se com as forças legaes, e fugiam-lhes na frente, deixando os vestigios de sua crueldade em mortes, incendios e desolação. Afinal, depois de muito trabalho conseguí descobrir o acampamento da quadrilha principal, que era então á margem do Lago da Franceza. Cheguei á meia-noite á beira do lago, e puz cerco ao acampamento. A principio Mathias Paxiúba quiz resistir. Houve um tiroteio vivo de mais de duas horas. Mas afinal, pela madrugada, os caboclos cobraram medo e começaram a abandonar o chefe. E como? Adivinhe o Sr. Doutor como aquella sucia fugia! Atirando-se á agua. Muitos delles foram mortos a tiro, outros se afogaram, alguns foram comidos de jacarés. Quando descobri a fuga, mandei activar o fogo. Ardeu uma das palhoças, e não tardou o fogo a pegar em todas...

— E os cabanos?

— Os que não se atiraram á agua foram poucos. Mulheres e creanças morreram queimadas. Era natural. Nós não lhes podíamos acudir. O que é lamentavel é

que só se fizesse um prisioneiro, mas esse era de muita importancia.

— Mathias Paxiúba?

— Não. Um mulato, de Pernambuco, um sujeito perigoso, incorrigivel, um dos subchefes do bando, talvez o mais importante de todos. Foi preso na occasião em que sahia de uma cabana, carregando aos hombros uma rapariga que disse ser sua filha.

Uma estranha emoção começou a apoderar-se de mim. Uma recordação viva acudiu-me á mente.

— E... esse mulato, perguntei, era cabano?

O commandante encolheu os hombros.

— Ora essa! Está claro que o negou a pés juntos. Ninguem mais legal do que elle! Mas as provas eram indiscutíveis! Que fazia elle áquella hora, naquelle logar, sahindo com a filha d'uma palhoça dos rebeldes? Naturalmente não fôra como amator assistir á peleja, em companhia da familia!

— E afinal? tornei com a voz embargada pela emoção, temendo saber a verdade.

---

— Afinal, voltou, impassível, o tenente-coronel Miranda ; afinal, o tal cabra era o unico prisioneiro, por isso os legaes lhe pouparam a vida. Foi processado e condemnado a galés,apezar dos seus protestos de santinho de pau óco. Mas em Villa-Nova toda a gente o conhecia por feiticeiro, mulato orgulhoso e altivo, inimigo dos brancos. Gabava-se de ter sido revolucionario de 1817. De fórma que nenhuma voz se levantou em seu favor. Demais era o unico prisioneiro. Era preciso dar um exemplo.

— E se não fosse elle, accrescentou, sorrindo, o commandante ; esta não estaria cá.

E apontou, contente, para a fita que lhe ornava o peito.

— E a filha ? perguntei.

O tenente-coronel Miranda fez um gesto de desdenhosa indiferença, como se da ignorancia em que se estava do destino da rapariga, induzisse a natureza do seu fim.

Abaixei a cabeça procurando disfarçar a grande tristeza que me invadia o peito. Depois de algum tempo, perguntei de novo :

— O mulato foi para Fernando de Noronha?

— Quem, o cabano? interrogou o commandante.

Depois de um signal affirmativo meu:

— O cabano está aqui. E' o meu trophéo!

— Aqui! exclamei agitado por uma emoção violenta.

— Sim, aqui e o Sr. Dr. vai vel-o.

Encaminhou-se para o lado em que ficavam as prisões. Segui-o vacillante. O carcereiro que nos precedia abriu uma porta e chamou um nome,

Um vulto assomou ao limiar.

— Como te chamas? perguntou rudemente o commandante.

O homem ergueu a cabeça completamente calva e fitou em nós um olhar sereno e claro, e disse o nome.

Não era preciso que o dissesse. O meu coração havia-o reconhecido. Era Paulo da Rocha.

O pernambucano parecia ter mais de cem annos. Rugas profundas cortavam-lhe o bronzeado rosto em todos os sentidos. O corpo era de uma magreza extrema de vida que se esvae. Só lhe ficára o olhar, o olhar

sereno e claro, e um sorriso de resignação e de bondade, o sorriso que teve Jesus de Nazareth no alto da Cruz.

— Paulo da Rocha, exclamei torturado pela dôr, Paulo da Rocha, não me reconhece?

O mulato adiantou-se. Um lugubre som de ferros acompanhou-lhe o andar.

Olhou muito tempo para mim. Não me reconheceu.

Mandei que lhe tirassem os ferros, que o mudassem para um commodo arejado e providenciari para que lhe viesse o alimento da nossa casa. Depois dei-me a conhecer.

Paulo da Rocha chorou silenciosamente, abraçado ao meu pescoço.

O tenente-coronel Miranda não se quiz convencer da historia que lhe contei. Aquelle mulato não era cabano? Mas então como estava no Lago da Franceza? Como foi condemnado? Não era possível!

Depois de um anno de esforços inauditos consegui o perdão do *velho do outro mundo*. O Imperador, maior, estava disposto á clemencia. O antigo sincero, porém, não viveu muito tempo. Apenas

pude tiral-o da fortaleza, levei-o para minha casa, onde dois dias depois expirou nos meus braços. Voou aquella sublime alma para o céo sem murmurar contra os seus algozes.

A sua memoria, porém, vive no meu coração !



## INDICE

---

|                                      | PAGS. |
|--------------------------------------|-------|
| Voluntario.....                      | 1     |
| A Feiticeira.....                    | 33    |
| Amor de Maria.....                   | 55    |
| Acauan.....                          | 79    |
| O donativo do capitão Sylvestre..... | 97    |
| O gado do Valha-me-Deus.....         | 119   |
| O Baile do Judeu.....                | 137   |
| A quadrilha de Jacob Patacho.....    | 149   |
| O Rebelde.....                       | 173   |

---